

MARIA DA ASCENSÃO LOUSA MARTINS REIS RODRIGUES

**APRENDER A VIVER JUNTOS:
INTERVENÇÃO JUNTO DE UM ALUNO
DE 1º CICLO E DA SUA TURMA**

Orientadora: Rosa Serradas Duarte

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

LISBOA

2011

MARIA DA ASCENSÃO LOUSA MARTINS REIS RODRIGUES

**APRENDER A VIVER JUNTOS:
INTERVENÇÃO JUNTO DE UM ALUNO
DE 1º CICLO E DA SUA TURMA**

Trabalho de projecto apresentado para a obtenção do grau de mestre no curso de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial: domínio cognitivo e motor, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

ORIENTADORA: Professora Doutora Rosa Serradas Duarte

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

LISBOA

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que de alguma maneira contribuíram para este trabalho e de uma forma particular:

Aos professores do curso de Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial: Domínio Cognitivo E Motor, pela contribuição para o crescimento e robustez do meu saber com influência directa para o sucesso na minha actividade profissional.

À minha orientadora, Rosa Serradas Duarte, pelo seu entusiasmo, apoio e incentivo dado durante todo o curso e na realização deste trabalho.

Aos colegas de Escola, pelo interesse e apreço demonstrado pelo bom desenvolvimento deste trabalho, contribuindo para a minha motivação e, em particular, ao professor titular da turma envolvida pela sua pronta participação e colaboração.

Aos alunos, pela disponibilidade, empenhamento e carinho com que se envolveram nesta vivência, potenciando o meu enriquecimento e experiência profissional.

Aos meus pais, irmãos e família, pela solidariedade transmitida ao longo de todo este processo.

Ao meu marido António Carlos, ao meu filho Pedro e à Lúcia, pelo contínuo incentivo e apelo à minha focalização no curso de mestrado, num ambiente de compreensão, colaboração, amor e amizade

A todos o meu “Bem hajam”!

“ Se queres compreender uma certa realidade, procura mudá-la”
W.F.Dearborn

Resumo

Neste trabalho dá-se conta de uma intervenção pedagógica realizada junto de um aluno e da sua turma. A intervenção foi implementado em parceria com o professor titular de turma e teve como objectivo a melhoria do comportamento dos alunos e o processo de ensino aprendizagem.

Fizemos uma breve revisão bibliográfica sobre problemas emocionais, comportamentais e de aprendizagem, ensino de competências sociais e aprendizagem cooperativa, a qual constituiu o suporte teórico da intervenção. Para esta desencadeámos metodologias de investigação em educação, identificando a problemática de relacionamento social vivido pela turma e a situação particular de um dos alunos que evidenciava problemas emocionais, comportamentais e dificuldades cognitivas.

A partir do conhecimento adquirido, definimos uma estratégia global, elaborámos a planificação e implementámos a intervenção pedagógica.

A reflexão sobre cada sessão e no final da intervenção evidenciaram a mudança que se foi operando nos comportamentos individuais e do grupo/turma. A mudança contribuiu para o sucesso educativo e o desenvolvimento integral de todos e de cada um.

Palavras-chave: Inclusão, problemas emocionais, problemas de comportamento, problemas de aprendizagem, aprendizagem cooperativa, relacionamento social.

Abstract

The report describes a pedagogical intervention project developed with a particular student and his class. The goal of the project, developed in conjunction with the teacher hold class, was to help the class and the particular student to improve their behaviour and learning process.

At first, and as a theoretical basis of the pedagogical intervention, we performed a literature review about emotional, behavioural and learning problems, teaching of social skills and cooperative learning. For the pedagogical intervention, we used educational research methodologies to identify problems related with social relationships within the class and the particular situation of one of the students with emotional, behavioural and learning disturbances.

Based on the information collected, we defined a global strategy and its plan as well as developed the pedagogical intervention.

By the process analysis, we may conclude that a set of changes was occurring in the behaviour and the learning of the particular student and his class. These changes carried to the educational success and the total development of the class as a whole and of each student.

Key words: Inclusion, emotional problems, behavioural problems, learning problems, cooperative learning, social relationship.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	9
1. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA	12
1.1. Caracterização do projecto de intervenção	14
1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	15
<i>1.2.1. A recolha documental.....</i>	<i>15</i>
<i>1.2.2. Sociometria.....</i>	<i>15</i>
<i>1.2.3. Entrevista.....</i>	<i>16</i>
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1. Educação Inclusiva	17
2.2. Perturbações emocionais graves, problemas de comportamento e problemas de aprendizagem.....	19
2.3. Ensino de competências sociais	21
2.4. Reforço social	25
2.5. Ensino e Estratégias de ensino.....	26
2.6. Aprendizagem cooperativa	27
2.7. Investigação-acção	30
3. TRABALHO EMPIRICO - INTERVENÇÃO REALIZADA.....	32
3.1. O contexto da intervenção	32
3.1.1. O contexto escolar	32
3.1.1.1. <i>Espaço físico e logístico</i>	<i>32</i>
3.1.1.2. <i>Recursos humanos</i>	<i>33</i>
3.1.1.3. <i>Dinâmica educativa</i>	<i>33</i>
3.1.2. A turma.....	33
3.1.2.1. <i>Caracterização estrutural.....</i>	<i>33</i>
3.1.2.2. <i>Caracterização dinâmica.....</i>	<i>35</i>
3.1.3. O aluno	37
3.1.3.1. <i>História compreensiva do aluno.....</i>	<i>37</i>
3.1.3.2. <i>Caracterização do percurso escolar</i>	<i>42</i>
3.1.3.3. <i>Nível actual de competências - Participação nas actividades escolares</i>	<i>43</i>
3.1.3.4. <i>Aproveitamento curricular</i>	<i>44</i>
3.1.3.5. <i>Comportamento em contexto escolar</i>	<i>44</i>
3.2. Intervenção realizada	45
3.2.1. Situação inicial e objectivos da intervenção.....	45
3.2.2. Planificação da intervenção	49
3.2.3. Implementação da intervenção	50
3.3. Avaliação da intervenção	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

ANEXOS.....	93
Anexo 1 - Excerto do PEI do aluno Gonçalo	I
Anexo 2 - Guião da entrevista – Dezembro de 2009	V
Anexo 3 - Entrevista ao Professor Titular de Turma.....	VII
Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista.....	X
Anexo 5 - Questionário de Sociometria - Dezembro 2009 e Junho 2010.....	XIII
Anexo 6 - Matriz Sociométrica de Grupo – Escolhas – Dezembro 2009	XIV
Anexo 7 - Matriz Sociométrica de Grupo – Rejeições - Dezembro 2009.....	XV
Anexo 8 - Sociograma de Grupo – Escolhas: “chefes”- Dezembro 2009.....	XVI
Anexo 9 - Sociograma de Grupo – Escolhas: grupos - Dezembro 2009.....	XVII
Anexo 10 - Sociograma de Grupo – Rejeições - Dezembro 2009	XVIII
Anexo 11 - Sociograma Individual - Escolhas – nº 9 (Gonçalo) – Dez. 2009	XIX
Anexo 12 - Sociograma Individual - Rejeições – nº 9 (Gonçalo) – Dez. 2009.....	XX
Anexo 13 - Cálculos para os Sociogramas - Escolhas – Dez. 2009	XXI
Anexo 14 - Cálculos para os Sociogramas – Rejeições – Dez. 2009.....	XXII
Anexo 15 - Matriz Sociométrica de Grupo – Escolhas - – Junho 2010	XXIII
Anexo 16 - Matriz Sociométrica de Grupo – Rejeições - – Junho 2010.....	XXIV
Anexo 17 - Sociograma de Grupo – Escolhas – “Chefes” – Junho 2010	XXV
Anexo 18 - Sociograma de Grupo – Escolhas- grupos - – Junho 2010.....	XXVI
Anexo 19 - Sociograma individual – Escolhas - Gonçalo — Junho 2010.....	XXVII
Anexo 20 - Sociograma de grupo - Rejeições	XXVIII
Anexo 21 - Sociograma individual – Rejeições – Gonçalo – Junho 2010.....	XXIX
Anexo 22 - Cálculos para os sociogramas - Escolhas	XXX
Anexo 23 - Cálculos para os sociogramas – Rejeições	XXXI
Anexo 24 - Jogo e Questionário: “Corrida a três pés”	XXXII
Anexo 25 - Contrato Pedagógico	XXXIV
Anexo 26 - Avalio o meu comportamento (semanal)	XXXV
Anexo 27 - Avalio o meu comportamento (mensal)	XXXVI
Anexo 28 - Texto: O Pássaro da Alma.....	XXXVI
Anexo 29 - Powerpoint “És obrigado a respeitar sempre os outros?	XXXIX
Anexo 30 - Preparação da visita - Página Web da CML.....	XLIII
Anexo 31- Composição: “Uma viagem pelos Direitos da Criança”	XLIV
Anexo 32 - Os Direitos da Criança.....	XLV
Anexo 33 - Informação de apoio	XLVI
Anexo 34 - Plano de trabalho - PowerPoint colectivo	XLVII
Anexo 35 - Plano de trabalho – Composição: Partilhar brinquedos	XLVIII
Anexo 36 - Texto “Graças à bola” e excerto da ficha de trabalho	XLIX
Anexo 38 - Texto “Não faz mal ser diferente”	LIII
Anexo 39 - Plano de trabalho – composição e desenhos	LIV
Anexo 40 - Desenho – Não faz mal ser diferente.....	LV
Anexo 41- Interpretação do texto “A Pequena Carlota”	LVI
Anexo 42 - Texto “A pequena Carlota” com lacunas	LVII
Anexo 43 - Ficha de trabalho – Diálogo	LX

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Resumo dos comportamentos do aluno Gonçalo	46
Quadro 2: Planificação da longo prazo: Aprender a Viver Juntos	49
Quadro 3: Planificação: Jogo e questionário "Corrida a três pés"- 2 sessões	50
Quadro 4: 1ª sessão: Jogo "Corrida a três pés" – Questionário	51
Quadro 5: Relatório da actividade Jogo "Corrida a três pés" e Questionário	52
Quadro 6: 2ª sessão - Reflexão Jogo e questionário "Corrida a três pés"	53
Quadro 7: Relatório das actividade: Reflexão jogo/questionário "Corrida a três pés"	54
Quadro 8: Reflexão/reformulação	55
Quadro 9: Planificação: Contrato Pedagógico	56
Quadro 10: Relatório da actividade: Contrato Pedagógico	57
Quadro 11: Reflexão/reformulação	57
Quadro 12: Planificação: "O Pássaro da Alma" (2 sessões)	58
Quadro 13: 1ª sessão: "O Pássaro da Alma" - Mensagem principal do texto	59
Quadro 14: Relatório da actividade: "O Pássaro da Alma" - Mensagem principal.....	60
Quadro 15: Reflexão/reformulação.....	60
Quadro 16: 2ª sessão: "O pássaro da Alma" - Identificar sentimentos	61
Quadro 17: Relatório da actividade: "O Pássaro da Alma"- Identificar sentimentos	62
Quadro 18: Reflexão/reformulação	62
Quadro 19: Planificação: "Graças à bola" (2 sessões)	63
Quadro 20: Relatório da actividade "Graças à bola".....	64
Quadro 21: Reflexão/reformulação.....	65
Quadro 22: Planificação: "És obrigado a respeitar sempre os outros?".....	66
Quadro 23: Relatório da actividade: "És obrigado a respeitar sempre os outros?".....	67
Quadro 24: Reflexão/reformulação.....	68
Quadro 25: Planificação: Preparação da visita ao "Espaço a Brincar".....	69
Quadro 26: Relatório da actividade: Preparação da visita ao "Espaço a Brincar".....	70
Quadro 27: Reflexão/reformulação.....	70
Quadro 28: Planificação: "Viagem pelos Direitos da Criança"(2 sessões).....	71
Quadro 29: Planificação: Exploração da Visita ao "Espaço a Brincar".....	72
Quadro 30: Relatório: Exploração da visita ao "Espaço a Brincar"	74
Quadro 31: Reflexão/reformulação	74
Quadro 32: Planificação: Apresentação dos Direitos da Criança	75
Quadro 33: Relatório: Apresentação dos Direitos da Criança	76
Quadro 34: Reflexão/reformulação	76
Quadro 35: Planificação: Auto-avaliação do Comportamento	77
Quadro 36: Relatório: Auto-avaliação do Comportamento	78
Quadro 37: Reflexão/reformulação	79
Quadro 38: Planificação: "Não faz mal..."	81
Quadro 39: Relatório da actividade: "Não faz mal..."	82
Quadro 40: Reflexão/reformulação	82
Quadro 41: Planificação "Conhecer figuras de referência"	83
Quadro 42: Relatório da actividade "Conhecer figuras de referência"	84
Quadro 43: Reflexão/reformulação	84
Quadro 44: Planificação "A Carlota" (3 sessões)	85
Quadro 45: Relatório da actividade "A Carlota"	86
Quadro 46: Reflexão/reformulação	87

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de intervenção/acção, realizado no âmbito da avaliação final do Curso de 2º Ciclo em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, foi desenvolvido entre Fevereiro e Junho de 2010, na escola de 1º ciclo em que nos encontramos em exercício de funções. A intervenção foi realizada junto de um aluno com défice cognitivo moderado, problemas emocionais graves e comportamentais e da turma onde foi inserido, também ela com problemas de comportamento.

A proposta de intervenção/acção no âmbito do desenvolvimento de competências sociais surgiu na sequência da dificuldade apresentada pelo Professor Titular de Turma e pelos Professores das Actividades Extra Curriculares (AECs) em leccionar uma das turmas de 4º ano. Também o facto de os Encarregados de Educação estarem sensíveis à necessidade de uma mudança significativa no comportamento dos seus educandos no contexto escolar, influenciou a decisão sobre a importância de uma intervenção educativa específica.

Pessoalmente, pesou o conhecimento pessoal e profissional da situação escolar e familiar do aluno Gonçalo (nome fictício do caso específico da turma) assim como da dinâmica da turma em que o aluno foi inserido. Acompanhei a situação escolar e familiar do aluno durante os quatro anos de frequência do aluno nesta escola e leccionei o Apoio ao Estudo à sua turma durante um ano lectivo. Como Professora de Apoio e Coordenadora Estabelecimento, tomei particular conhecimento da problemática da turma neste ano lectivo: o aluno em questão, Gonçalo, retido no ano anterior, para além do défice cognitivo moderado, apresentava perturbações emocionais graves e problemas comportamentais que comprometiam significativamente as suas aprendizagens curriculares, estava inserido numa turma, também ela, com problemas no relacionamento social entre pares, os quais comprometiam o normal funcionamento das actividades lectivas.

Assim considerámos pertinente realizar uma intervenção educativa, tendo em conta que a Escola é um espaço de desenvolvimento de competências académicas mas também um espaço privilegiado de socialização em que, o domínio da competência social é importante para o sucesso académico e social de todos os alunos. Tivemos também presente que as diferenças individuais são oportunidades para enriquecer o ensino (Unesco, 2005) proporcionando e implicando novas situações de aprendizagem.

Segundo Lopes J. et al. (2006), investir no ensino e desenvolvimento das competências sociais, permite reduzir muitos dos problemas de comportamento que impedem os alunos de aprender e alguns professores de ensinar. Também, o mesmo autor nos diz que, são os alunos com ambientes familiares mais desfavoráveis que mais necessitam da intervenção decidida da escola, particularmente no âmbito das competências sociais, uma vez que o seu ensino em ambiente familiar é débil, devendo o professor, nas longas horas de contacto que tem com o aluno, contextualizar a sua aprendizagem em situações naturais.

Segundo Estrela (2008:13), “não será possível elaborar nenhum projecto, nenhum estudo científico sem o conhecimento da realidade a que ele se refere, isto é, sem se conhecer o campo em que se quer intervir”. Neste sentido, para aprofundar o nosso conhecimento e compreensão da realidade desta turma e particularmente do aluno em questão, apoiámo-nos nas técnicas e instrumentos de investigação em educação, nomeadamente, através da recolha documental, da sociometria e da entrevista:

- Pela recolha documental no Projecto Curricular de Turma e do processo do aluno Gonçalo, conhecemos a Escola, os seus recursos humanos e materiais, a constituição da turma em questão, sua problemática, o caso específico de um aluno e ainda a orientação geral da actividade pedagógica do Professor Titular de Turma.
- Pela entrevista ao actual Professor Titular de Turma recolhemos informações e esclarecimentos que nos permitiram obter pistas para a caracterização da turma (situação pedagógica, ambiente de ensino-aprendizagem, comportamentos ,...) para conhecermos melhor os intervenientes no processo.
- Pelo teste sociométrico, recolhemos dados sobre as relações entre os elementos do grupo/turma, através da aplicação à turma de um questionário (3 questões/ opção de 4 respostas cada) e, pelo tratamento dos dados recolhidos, obtivemos a representação das relações sociais dentro do grupo e de cada aluno no início da nossa intervenção. Com a aplicação do mesmo teste no final da intervenção, obtivemos a evolução dessas relações.

Pelo conhecimento que tínhamos do contacto escolar com o aluno ao longo de quatro anos de escolaridade e pelo tratamento e análise dos dados recolhidos com base nos instrumentos referidos anteriormente, caracterizámos a situação, definimos os objectivos prioritários e metas, estabelecemos uma estratégia, planificámos e desenvolvemos a nossa intervenção.

Assim, na primeira parte deste trabalho, apresentamos a problemática, a questão de partida e a metodologia usada na recolha e tratamento da informação necessária à caracterização do contexto da intervenção.

Na segunda parte, apresentamos uma breve revisão da literatura que sustenta a intervenção realizada: a inclusão de alunos considerados como tendo necessidades educativas especiais nas escolas de ensino regular, a problemática dos alunos com perturbações emocionais, problemas de comportamento e problemas de aprendizagem, o ensino das competências sociais, o reforço positivo, a aprendizagem cooperativa e a investigação/acção.

Na terceira parte, caracterizamos o contexto em que decorre a intervenção: a caracterização estrutural e dinâmica da turma e o caso específico da turma (a história compreensiva do aluno, a caracterização do percurso escolar, o nível de competências e participação do aluno nas actividades escolares) e ainda o contexto escolar em que exercemos a nossa intervenção.

Também na terceira parte, o plano de acção é definido a partir da problemática que se nos apresenta e da questão de partida: “Um programa de competências sociais aplicado numa turma de 4º ano com problemas de comportamento, implementado em parceria com o docente titular de turma, pode contribuir para regular o comportamento dos alunos e a sua aprendizagem e em particular de um aluno com problemas emocionais, comportamentais e défice cognitivo moderado?” A planificação, intervenção e reflexão/avaliação de cada sessão ou conjunto de sessões realizadas, encerram a terceira parte.

Terminamos com a apresentação de considerações finais sobre toda a intervenção e seus resultados.

1. PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA

“Aprender a Viver Juntos” na comunidade educativa é a caminhada que pretendemos fazer com o Gonçalo e a sua turma, numa sociedade que, de dia para dia, exige mais tempo e disponibilidade a todos, afastando muitas vezes os pais e Encarregados de Educação das suas responsabilidades para com a educação e formação dos seus educandos. Por outro lado, as exigências dos dias de hoje também obrigam a que os alunos tenham de ter competências mais alargadas, o que lhes prolonga o tempo que passam na Escola. É no espaço escolar que, de forma mais formal, começam a alargar as suas relações sociais e a ter de agir em conformidade com as regras socialmente estabelecidas. Também o alargamento da escolaridade obrigatória contribui para a permanência no sistema educativo de muitos alunos com fraco sucesso escolar e com carências económicas e sociais. Esta realidade contribui para uma maior e mais complexa diversidade de problemáticas que a Escola tem de atender e dar resposta à diversidade de necessidades dos seus alunos e assim reduzir a exclusão na educação e dentro da educação.

A realidade vivenciada pelo nosso aluno “Gonçalo” no ambiente familiar e as suas repercussões na aprendizagem escolar, constituem uma situação a que a Escola tem de dar uma resposta diferenciada: actualmente com família monoparental, é oriundo de um ambiente social e económico desfavorecido, com um quadro familiar complexo durante os seus primeiros 8 anos, (falecimento do pai, afastamento da irmã mais velha, mãe negligente). O aluno sofreu situações de negligência e alguns maus tratos pela família e frequenta, desde o primeiro ano de escolaridade, uma escola fora da sua área de residência. A Escola que frequenta tem, na sua grande maioria, alunos com bom aproveitamento escolar, bom comportamento e um ambiente social e económico médio-alto.

Tendo em conta a conturbada situação familiar e emocional vivida pelo aluno antes da entrada na escola, durante os quatro anos de escolaridade e a sua referenciação em pedopsiquiatria ser anterior à entrada na escolaridade obrigatória, podemos inferir que a origem das suas problemáticas a nível emocional, de comportamento e de aprendizagem é, essencialmente, exterior à escola. Por outro lado, as suas dificuldades cognitivas moderadas terão certamente contribuído para o reforçar das suas problemáticas a nível emocional e comportamental. Assim, segundo Lopes J. et al. (2006) a Escola deve apoiar o aluno nas competências curriculares como medida para evitar repercussões no comportamento e, por outro lado, em alunos oriundos de famílias em que o ensino de competências sociais são débeis, escola deve fornecer a educação no espaço escolar e daí vir a obter comportamentos

mais adequados mesmo no exterior da escola, preconizando uma intervenção precoce e contextualizada do ensino de competências sociais.

Também o Decreto-lei 3/2008 de 7 de Janeiro, que regulamenta a Educação Especial contempla nos seus objectivos, entre outros, a inclusão educativa e social, o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional e a promoção da igualdade de oportunidades. Considera também que as competências sociais são essenciais à actividade escolar e à convivência social sendo que, o seu desenvolvimento explícito nos alunos será fundamental em situações de carência ou em que a família não lhes pode oferecer de forma consistente.

A problemática que se nos apresenta – relacionamento social desadequado em contexto escolar entre os alunos da turma e em particular de um aluno com perturbações emocionais graves e problemas de comportamento – a interrogação que se nos colocou foi: *um programa de competências sociais aplicado numa turma de 4º ano com problemas de comportamento, implementado em parceria com o docente titular de turma, contribui para regular o comportamento dos alunos e a sua aprendizagem e em particular de um aluno com graves problemas emocionais e comportamentais?*

Foi esta a questão a que pretendemos responder com a nossa intervenção.

1.1. Caracterização do projecto de intervenção

A intervenção visou o desenvolvimento de competências sociais no aluno Gonçalo e uma mudança na relação social do seu grupo-turma. Assim melhorar as condições de ensino-aprendizagem de todos os alunos e de cada um visando o sucesso educativo de todos e com todos.

A intervenção foi desenvolvida com base na metodologia da investigação-acção, uma investigação qualitativa, com uma dinâmica acção – reflexão - acção, a qual se adequa à situação em causa: em contexto escolar, professores e alunos implicados activamente na promoção de uma mudança social, experimentando diferentes situações e procurando as soluções mais adequadas.

Mas, como uma mudança social implica alterar mentalidades, formas de estar e actuar, tivemos em conta alguns cuidados para não pôr em conflito as suas crenças, estilos de vida e comportamentos. Para que uma mudança fosse efectiva, procurámos compreender a forma como os alunos envolvidos vivenciavam a sua situação e implicá-los nessa mesma mudança, pois são eles que vão viver com ela”(Sanches, 2005). Procurámos também que os alunos assumissem as responsabilidades de saber e decidir quais as mudanças que pretendiam e pela análise destas decisões orientámos /reorientamos o processo da investigação-acção.

Numa primeira fase, após a revisão da literatura que nos foi guiando, procurámos conhecer o contexto escolar através da recolha documental, do conhecimento pessoal do aluno Gonçalo e da turma, pela sociometria e pela entrevista ao professor. Através dos dados recolhidos nestes instrumentos, identificámos os elementos constitutivos da estrutura escolar (alunos, professores, classe, escola, meio), recolhemos dados de opinião e pistas para a caracterização da turma (situação pedagógica, o ambiente de ensino-aprendizagem, a disciplina, casos problemáticos, posicionamento e colaboração dos Encarregados de Educação), conhecemos o posicionamento do professor face a alunos considerados como tendo necessidades educativas especiais e captamos as relações espontâneas e a posição social de cada indivíduo no grupo, em função dessas relações.

Esta informação permitiu caracterizar a situação e definir uma estratégia global de acção: os objectivos prioritários e metas, a metodologia, a sequencialização e a avaliação.

Numa segunda fase, procedeu-se planificação geral de cada sessão.

Numa terceira fase, realizou-se a intervenção: cada sessão era preparada em parceria entre o professor titular de turma e o professor de apoio, seguindo-se a intervenção.

Numa quarta fase, no final de cada sessão ou conjunto de sessões, fizemos a reflexão e avaliação e a reorientação do programa estabelecido.

1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

O conjunto das informações recolhidas permitiu-nos fazer uma boa caracterização do grupo em estudo conducente a uma melhor intervenção a nível das aprendizagens e dos comportamentos e, conseqüentemente, a uma melhor progressão nas aprendizagens sociais.

1.2.1. A recolha documental

Através do PCT, recolheremos informações sobre a estrutura de suporte ao desenvolvimento das actividades lectivas, o currículo a desenvolver, a constituição da turma, o seu nível de aproveitamento, e a existência de “casos”.

O processo do aluno “Gonçalo” forneceu-nos informações pormenorizadas sobre o seu percurso escolar, o contexto familiar em que tem vivido, as dificuldades ao nível das competências académicas, comportamentais e de relacionamento social.

1.2.2. Sociometria

Os testes sociometricos permitem-nos, em pequenos grupos, pouco organizados, captar as relações espontâneas e aferir a posição de cada indivíduo no grupo, em função de relações de afinidades e não-afinidades.

A aplicação do teste de sociometria teve como base as orientações de diferentes autores (Northway, M. & Weld, L.: 1957, Bastin: 1980, Estrela: 2008) e foi adaptado da proposta apresentada por Estrela (2008: 370), constando apenas três critérios mas com as mesmas três opções de escolha e uma de rejeição. A formulação das questões foi adaptada à realidade da turma.

Para a aplicação do instrumento, foram observados os procedimentos referidos por Estrela (2008: 368): o porquê (trabalham em mesas individuais em grupos de duas, realizam trabalhos de grupo e brincam num espaço comum), as finalidades (o professor poder intervir melhor na organização da sala, na constituição de grupos de trabalho e de brincadeiras), a garantia do carácter confidencial dos resultados e explicadas as questões e opções de resposta.

Os dados foram analisados através da sociomatriz e sociograma de escolhas e de rejeições relativamente a interacção dos alunos da turma e do Gonçalo.

No início desta intervenção aplicámos o questionário do teste sociométrico de “escolhas” e “rejeições” de colegas com os quais o aluno deseja ou não relacionar-se em situações vividas na escola. A análise dos resultados permitiu-nos conhecer melhor as relações sociais existentes dentro do grupo naquele momento. Ficámos a conhecer a posição social do aluno Gonçalo no grupo, as relações sociais de cada elemento da turma, o grau de integração e a maneira como se estão a tentar integrar. Recolhemos ainda informações que nos permitem perceber se a experiência social é salutar ou não e detectar os alunos mais isolados e os mais escolhidos.

A interpretação dos dados recolhidos foi complementada com as outras informações (observação naturalista, opiniões de outros professores, entrevistas, documentos diversos - redacções, desenhos, ...) que nos possibilitaram esclarecer determinados aspectos. Os resultados do teste serviram como indicadores para organizar e remodelar grupos escolares e formação de grupos heterogéneos. Permitiu também organizar a distribuição espacial das mesas de trabalho de forma a criar um melhor ambiente de aprendizagem na sala de aula.

No final da intervenção foi aplicado novamente o mesmo questionário sociométrico, como um instrumento de avaliação da intervenção e ainda como contributo para a formação de turmas para o ano lectivo seguinte.

1.2.3. Entrevista

Na entrevista foram respeitados os princípios orientadores da entrevista que, segundo Estrela (2008: 342) são três: evitar dirigir a entrevista, não restringir à temática abordada e esclarecer os quadros de referência utilizados pelo entrevistado.

Optámos pela entrevista semi-directiva, respeitando a linha de raciocínio do professor, intervindo apenas para não se afastar dos temas do guião elaborado antecipadamente.

O registo escrito das respostas foi elaborado em simultâneo com a entrevista e, posteriormente, foi elaborado o respectivo protocolo, o tratamento dos dados recolhidos assim como a distribuição por categorias, tendo em conta a situação em estudo.

A entrevista ao professor titular de turma permitiu-nos recolher dados de opinião e pistas para a caracterização da turma (situação pedagógica, o ambiente de ensino-aprendizagem, a disciplina, casos problemáticos) em que pretendemos intervir assim como, conhecer os intervenientes no processo e o posicionamento do professor face a alunos considerados como tendo necessidades educativas especiais.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste ponto faremos uma breve revisão da literatura pertinente para o nosso estudo que se desencadeou como dissemos a partir de um aluno e sua turma.

2.1. Educação Inclusiva

O acesso à educação é um direito consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e reforçado na Convenção dos Direitos da Criança (1989) e, segundo esta última, deveria permitir a crianças e jovens atingir o seu máximo potencial em termos de capacidades cognitivas, emocionais e criativas. Este direito implica que a Escola não discrimine os seus alunos relativamente a qualquer incapacidade física, social ou emocional e promova a inclusão dos que são vulneráveis à marginalização e à exclusão. Uma efectiva inclusão implica que a Escola se organize de acordo com o princípio fundamental da Escola Inclusiva: “todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter” (Declaração de Salamanca, 1994).

Nos dias de hoje, é já consenso geral que o ensino regular é o meio escolar natural de aprendizagem e de socialização para todos os alunos, independentemente das suas características individuais “olhando para as diferenças individuais não como problemas a ser encarados, mas como oportunidades para enriquecer o ensino” (Unesco, 2005) em que as diferenças de cada um constituem complementaridades, desafios ou oportunidades de novas situações de aprendizagem. Esta concepção de ensino inclusivo determina que a Escola e os professores se organizem de forma a dar uma resposta de qualidade às necessidades de cada aluno e a assegurar uma aprendizagem de sucesso a todos os alunos. Esta resposta não implica necessariamente recursos adicionais mas passa essencialmente pela atitude com que o órgão de gestão perspectiva a diferença, pela cooperação entre professores, pelas metodologias usadas em sala de aula, pela participação efectiva de todos e pela cooperação entre pares.

Numa perspectiva de escola inclusiva, a escola regular constitui também o meio capaz de atenuar as desigualdades de acesso e sucesso de alunos oriundos de meios culturais e socioeconómicos desfavorecidos e, ao dar uma resposta à heterogeneidade dos seus alunos, constituiu também o meio para “combater as atitudes discriminatórias, criando comuni-

dades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” (Declaração de Salamanca, 1994).

A inclusão é assim entendida como um processo de uma procura sem limites para dar resposta a toda a diversidade, viver e aprender com ela, dando uma particular atenção aos alunos em risco de marginalização, exclusão e com mau aproveitamento, garantindo uma resposta no sentido de assegurar a sua presença, participação e sucesso escolar no sistema educativo. (Unesco, 2003).

Também o documento “Educação para Todos” da Unesco (2005 p.7) nos apresenta o conceito de Educação para Todos, reforça o direito de todas as crianças terem acesso a uma educação básica de qualidade e em que é pedido à escola que crie condições e programas da educação básica que possibilitem a aprendizagem de todas as crianças com mais ou menos capacidades. Acrescenta ainda que a Escola deve proporcionar um ambiente inclusivo, eficaz para as crianças, simpático e acolhedor, saudável e protector, considerando-o essencial para melhorar a qualidade e desenvolver o acesso às suas escolas.

Para Leitão, F. (2006) incluir é:

- aprender a lidar com a diversidade, aprender a mudar, a construir e reconstruir novas formas de estar com os outros, novas formas de organização das relações, no respeito pelos valores da liberdade e da democracia;
- construir e desenvolver contextos inclusivos e cooperativos num contexto securizante e emancipatório, onde todos os alunos se sintam bem e mutuamente apoiados.
- criar melhores condições de aprendizagem para todos poderem agir e interagir activamente, reconhecer e valorizar a força e o poder de cada um, de professores e alunos, escola, família e comunidade, na construção de uma cultura de liberdade e democracia, de partilha, de solidariedade, de ajuda mútua, onde todos podem contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem de todos.

Para Rodrigues, (2003, p. 95) citado por Silva, estar incluído é um sentimento e uma prática mútua de pertença entre a escola e a criança, ou seja, o aluno sentir que pertence à escola e a Escola sentir que é responsável por ele.

Para Silva (2009), a Escola Inclusiva é uma questão de atitude: está intrinsecamente associada à forma como é perspectivada esta questão, à prática pedagógica dos professores relativamente a estes alunos e à organização /gestão da escola e das turmas.

Assim, a escola regular, ao constituir-se como escola inclusiva “ uma escola para todos” em que “todos aprendem juntos”, através de uma pedagogia diferenciada deve assegurar “uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos

organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades” (Declaração de Salamanca, 1994). Para tal, terá de identificar as necessidades, planear os melhoramentos, eliminar as barreiras mas também mudar mentalidades na comunidade educativa, proporcionar recursos humanos especializados e dar formação específica aos professores do ensino regular e a todos os técnicos directamente envolvidos.

2.2. Perturbações emocionais graves, problemas de comportamento e problemas de aprendizagem

A massificação do ensino e o alargamento da escolaridade obrigatória fez aparecer um número significativo de alunos que apresentam problemas ao nível das perturbações emocionais, problemas comportamentais e problemas de aprendizagem que, quando coexistem, a relação entre estas problemáticas é complexa e tem significativas repercussões no desenvolvimento integral do aluno.

O Individuals with Disabilities Education Act (IDEA, 1990) in Lee Branttland Nielsen (2000: 99), define as perturbações emocionais graves como:

“Condição em que uma ou mais das características seguintes se manifesta, durante um longo período de tempo, e de tal forma acentuada que afecta adversamente o desempenho escolar: incapacidade inexplicável para a aprendizagem, facto que não é causada por factores de ordem intelectual, sensorial ou de saúde; incapacidade para criar ou manter relações interpessoais satisfatórias com os seus companheiros e com os professores; sensação geral e persistente de infelicidade ou de depressão ou tendência para apresentar sintomas físicos ou medos associados a problemas pessoais ou escolares”.

Este autor apresenta como causas possíveis desta perturbação “deficiências genéticas, problemas neurológicos, lesões cerebrais, desequilíbrio químico, deficiências nutricionais e o uso de álcool ou de drogas por parte dos pais”. Também aponta o “divórcio, a morte ou o nascimento de familiares, as mudanças, a frequência de uma escola diferente da anterior e a pressão exercida por companheiros” como possíveis factores externos que podem levar a que a criança apresente perturbações emocionais uma vez que, as crianças quando crescem em meios instáveis e tensos, os comportamentos inadequados não só são aprendidos mas também constantemente reforçados. Acrescenta que “tais crianças tanto podem agir de forma a que a tensão acumulada se liberte como podem reprimir os seus sentimentos”.

As crianças com perturbações emocionais podem apresentar características e comportamentos básicos, detectáveis (Lee Branttland Nielsen, 2000: 100): hiperactividade, pou-

ca capacidade de atenção, impulsividade, agressividade (exibe-se, envolve-se em lutas), comportamento autodestrutivo, isolamento, fugindo a interagir com outros, imaturidade (choro despropositado e birras frequentes), sensibilidade a chamadas de atenção e dificuldade em se controlar perante situações de conflito ou de insucesso, problemas de aprendizagem, e podem apresentar ainda pensamento distorcido, ansiedade excessiva, actos motores bizarros e alterações de humor anómalas.

Segundo Lopes J. et al. (2006), os estudos sociométricos tem evidenciado que o rendimento escolar positivo influencia decisivamente os níveis de aceitação e integração social dos indivíduos e, por outro lado, o fracasso tem um forte impacto negativo. Considera também que nem sempre os problemas de aprendizagem provocam problemas de comportamento mas aumenta significativamente a probabilidade de disrupção comportamental em sala de aula.

Também o mesmo autor considera que, segundo estudos de outros investigadores, os problemas de comportamento estão também associados a dificuldades de aprendizagem escolar, “especialmente nos casos em que os problemas de comportamento dizem respeito à agressividade, hiperactividade ou distratibilidade”. Estes problemas de comportamento podem e devem ser resolvidos dentro da escola, devendo para essas situações haver uma intervenção nas aprendizagens académicas que são a sua origem. Relativamente aos problemas de comportamento que têm origem em causas exteriores à escola e, que por essa razão são “irresolúveis” considera o mesmo autor que a escola pode fornecer a educação no espaço escolar e daí vir a obter comportamentos mais adequados mesmo no exterior da escola, preconizando uma intervenção precoce e contextualizada do ensino de competências sociais.

Segundo Lopes J. et al. (2006), os alunos com baixo rendimento académico apresentam, com frequência, problemas comportamentais e/ou emocionais. Os problemas de “disrupção” comportamental que podem ser comportamentos estruturados de oposição, desafio, hostilidade ou hiperactividade ou podem ser comportamentos isolados de cariz perturbador para o funcionamento da aula (ex. falar para o lado, gritar, cantar, não-colaborar, etc.). Os problemas emocionais traduzem-se em problemas “internalizados” e incluem a passividade, anedonia, depressão, dependência, fobia escolar, etc.

Nos primeiros anos de escolaridade é mais vulgar encontrar problemas emocionais do que problemas exteriorizados em alunos com baixo rendimento académico, uma vez que no início os alunos ainda têm alguma motivação e a dificuldade em executar as actividades produz um sofrimento que o sujeito vivencia de forma mais ou menos intensa mas, com o

passar dos anos de escolaridade, a reacção transfigura-se em forma de comportamentos exteriorizados que têm frequentemente como objectivo interromper a aula, pois as tarefas começam a ser encaradas como demasiado penosas e sobretudo irrealizáveis.

Lopes J. et al. (2006), refere que há dificuldades escolares que podem resultar de perturbações emocionais intensas, (abandono, maus-tratos e/ou negligência), as quais provocam situações de stress intensas que indisponibilizam o aluno para as aprendizagens escolares. Considera também a negligência ainda mais gravosa do ponto de vista do desenvolvimento: segundo a investigação especializada, os filhos de pais negligentes, são mais agressivos, deprimidos e/ou inafectivos, com níveis de insucesso e abandono escolar superiores relativamente aos filhos de pais maltratantes.

Verificamos assim que estas problemáticas se encontram interligadas com relações complexas entre elas e, independentemente das suas causas, Lopes J. et al. (2006) realça o papel que o fracasso escolar pode desempenhar no aparecimento de perturbações comportamentais e emocionais e de que forma podem contribuir para a sua manutenção. Também para o mesmo autor, os problemas emocionais e comportamentais relacionados com factores relativos à “ecologia” familiar do aluno são mais difíceis de lidar e apresentam um carácter tendencialmente crónico e, apesar de os professores terem maiores responsabilidades e competências relativamente aos comportamentos relacionados com as aprendizagens escolares, devem recorrer a técnicos mais habilitados para lidar com as situações com origem no ambiente exterior à Escola.

2.3. Ensino de competências sociais

O ensino das competências sociais nas escolas começou por ser defendido por Moreno (1934), centrou-se nos efeitos da utilização eficaz das competências sociais, despoletando o interesse e investigação neste domínio.

Lopes J. et al. (2006) entendem a Escola como espaço de aprendizagem académica e de socialização, em que competências académicas constituem um dos melhores preditores da existência de competências sociais pois, “se as primeiras não forem adquiridas, as segundas poderão sofrer prejuízos significativos” e que o rendimento académico tem uma ponderação muito significativa na popularidade do aluno no contexto escolar. Acrescentam ainda que a maioria dos alunos tem as competências sociais necessárias para estarem no espaço escolar mas não as exibem porque sentem uma frustrante e persistente incapacidade para acompanhar o ritmo das lições. Evidenciam ainda que “as competências sociais podem e

devem ser ensinadas, lembradas ou treinadas a qualquer hora e a qualquer momento” em contexto das actividades onde elas revelam a sua utilidade adaptativa e não no vácuo.

Segundo Sugai, Honer & Gresham, 2002, *in* Lopes, J., 20% dos alunos não têm “as competências sociais e comportamentais necessárias para participar nas actividades de aprendizagem, impedindo-os de atingir os objectivos desejados”, pois frequentemente, estes alunos têm modelos adultos socialmente inadequados e apresentam perturbações de desenvolvimento.

Esta realidade implica que os programas de um currículo de competência social terão de ter diferentes abordagens, dependendo dos pontos fortes e das necessidades de cada aluno (Lopes, J.). Dentro da mesma linha Catalano & Hawkins, 1996 *in* Lopes, J. (pág. 12), reforça esta posição ao afirmar que “o ensino das competências sociais deve ser realizado por todos os professores, em todas as aulas e a todo o momento, sendo inútil e contraproducente constituir disciplinas específicas para o efeito”.

Para Rutherford, Chipman, Deghangi, & Andersen, 1992 (pag. 14), os comportamentos sociais, quando executados de forma adequada, tornam-se capacidades sociais que conduzem à competência social geral, definindo competência social como um constructo de diferentes componentes: relações positivas com os outros; cognição social adequada e apropriada à idade; ausência de comportamentos inadequados, comportamentos sociais eficazes, em que a competência social é avaliada pela proficiência com que os comportamentos produzem resultados sociais positivos.

A dificuldade em definir competência social reside na dificuldade em definir e estabelecer um conjunto de capacidades sociais universalmente aceite, sendo necessário considerar o contexto social do uso da habilidade e a idade do indivíduo, em que o aspecto mais importante se relaciona com as diferenças culturais pela existência de comportamentos sociais distintos.

Assim, é necessário ter em consideração a cultura do aluno quando pretendemos implementar currículos de habilidades sociais, implicando que “se utilize medidas objectivas para identificar os défices de capacidade social bem como as habilidades apropriadas a incluir num currículo de competências sociais” (Lopes, J. p. 16).

O ensino das competências sociais implica também que se determine objectivamente o nível de competência social dos seus alunos segundo 3 critérios, como sugere Gresham (1986) e que balizam os comportamentos sociais:

1- Juízos relevantes acerca do comportamento do indivíduo tal como são medidos pela sociometria (A medição sociométrica consiste em questionar os diferentes agentes sociais

acerca da forma como avaliam os comportamentos sociais do aluno e verificar se os mesmos comportamentos desadequados se manifestam em diferentes situações, podemos concluir que estamos perante um défice);

2 -Avaliação do comportamento social relativamente a critérios explícitos e pré-estabelecidos; (Critério pré-estabelecido: é uma forma de determinar a competência social e consiste em observar e avaliar a funcionar adequadamente em certas situações e perceber se o aluno em questão apresenta comportamentos significativamente diferentes, determinando assim um “padrão” apropriado de desempenho e definir como deve parecer).

3 - Desempenho relativamente a um padrão normativo. (Padrão normativo ou escalas de avaliação disponíveis: os padrões devem ser cuidadosamente ponderados pois só serão apropriados se o seu processo de aferição tiver tido em conta pessoas com experiências culturais, linguísticas ou étnicas semelhantes às do aluno em questão).

Verificamos assim que as medidas padronizadas de competências sociais e as intervenções a nível de habilidades sociais devem ser minuciosamente estudadas para garantir que o instrumento seja válido e/ou a intervenção eficaz.

Definido o padrão de competência social, deve ser definido o tipo de intervenção mais adequado pois, pelas investigações realizadas, verificou-se que alguns alunos requerem uma intervenção individual, outros uma intervenção seleccionada ou universal (individualizada, pequeno grupo ou em turma/escola).

A intervenção universal é uma boa forma de ensinar competências sociais, uma vez que os grupos constituem situações sociais em que as competências podem ocorrer naturalmente e ser praticadas e reforçadas mas, segundo Sugai et al., (2002) in Lopes,J., a investigação também nos mostra que 10 a 15% dos alunos não respondem a situações universais e precisam de ser “retirados” para grupos mais pequenos e ter uma intervenção “seleccionada” e ainda 3 a 5% necessitam de intervenções individuais.

Determinado o tipo de intervenção a ser usada, é importante identificar quais as capacidades sociais que o aluno possui e quais as que devem ser ensinadas e elaborar um programa adequado que poderá ser elaborado com base em currículos de habilidades sociais disponíveis ou pode ser elaborado um com base numa taxonomia. A taxonomia permite definir um perfil dos pontos fortes e fracos e os défices nas competências sociais. É também necessário dar prioridade às competências sociais que terão maior impacto no desenvolvimento do aluno e não as competências que melhor se adequam ao comportamento em conformidade com a sala de aula, ou seja, terá que se definir qual a competência mais importan-

te para o aluno em termos do impacto social e que terá maior probabilidade de produzir resultados a longo prazo.

Na avaliação da situação, também se devem ter em conta os três tipos de défices das competências sociais, que segundo Gresham, (1981: 1995) implicam uma metodologia específica:

1 - Défice de aquisição: o aluno não percebe quais os comportamentos específicos que compõem a habilidade social, não é capaz de os desempenhar de forma adequada ou não sabe em que situações sociais é apropriado fazê-lo, implicando o ensino explícito dos comportamentos em falta ou mal assimilados – devendo para tal ser usado o método da modelagem.

2 – Défice de desempenho: incapacidade de executar uma competência a um nível aceitável, apesar de saber como fazê-lo e saber em que situações ela é adequada, faltando motivação para utilizar essas competências, implicando a motivação do aluno para o seu uso - devendo para tal ser usado o método de créditos.

3 – Défice de fluência: o desempenho é pouco refinado ou desajeitado, conhece os comportamentos sociais e quer usá-los em situações sociais, mas executa-as de forma desajeitada ou pouco sofisticada, implicando a prática guiada e feedback ao aluno para que ele as possa usar adequadamente em situações sociais específicas - devendo para tal ser usado o reforço social e estratégias de autocontrolo.

Para ter sucesso na intervenção é necessário determinar as competências sociais que devem ser ensinadas e a forma adequada de o fazer.

Outro factor a ter em conta é o aluno considerar importante e útil a intervenção e as mudanças no comportamento resultantes e ainda que demonstre querer participar e concordar.

Para além da aceitação também é importante que o aluno reconheça que terá repercussões nos resultados académicos e sociais que o aluno valoriza e que se vão verificar no funcionamento da escola, na sociedade, na comunidade ou no seio da família, nas relações com os seus pares e com os professores, no sucesso escolar ou na possibilidade de melhorar as amizades, ou seja, ter noção de que os resultados serão recompensadores a diferentes níveis.

Também é importante ter a noção de que os resultados da intervenção levam algum tempo a verificarem-se, em especial nos alunos com uma reputação bem consolidada de serem socialmente incompetentes ou mesmo anti-sociais, até que os novos comportamentos sejam devidamente reconhecidos pelos pares, familiares, professores, ...

Para além da reputação negativa, estes alunos têm frequentemente dificuldades com o adiamento do reforço, sendo importante os pares, professores e familiares recompensem as tentativas de esforço do aluno para utilizar as competências sociais mais adequadas.

Concluindo,

- a) para ter sucesso na intervenção do ensino de competências sociais é indispensável saber medir as competências sociais, identificar as que têm de ser ensinadas, identificar os tipos de défices de competências sociais e delinear as intervenções eficazes e aceitáveis;
- b) investir no ensino e desenvolvimento das competências sociais, permite reduzir muitos dos problemas de comportamento que impedem os alunos de aprender e alguns professores de ensinar e os alunos só alcançarão o seu potencial académico e desenvolvimental, indispensável para uma boa qualidade de vida, quando formos capazes de actuar sobre as necessidades de todos eles.

2.4. Reforço social

Os alunos com perturbações emocionais e comportamentais constituem um desafio para os professores pois colocam exigências extremas em termos de tempo e energia, comprometendo a componente académica. Para estes alunos as práticas convencionais de gestão de comportamentos (controlo, restrição, punição e exclusão) produzem poucos resultados na alteração de comportamentos mas, pelo contrário, as abordagens positivas e pró-activas produzem comportamentos duradouros e a longo prazo (Lopes J. et al. (2006).

Lee Branttland Nielsen (2000) nas estratégias a adoptar com o objectivo de alterar os comportamentos do aluno com perturbações emocionais graves, indica o recurso à modelação do comportamento, acompanhado de reforço positivo, a fim de melhorar as suas atitudes e comportamentos, aproximando-os das expectativas criadas para a classe nesse campo.

As técnicas de reforço positivo incluem o reforço social, o reforço simbólico, a modelagem e o contrato comportamental. Estas técnicas são implementadas directamente pelo professor com o objectivo de fornecer aos alunos um ambiente positivo e previsível na sala de aula, conducente à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências sociais mas, como alguns alunos com problemas emocionais e comportamentais, durante muitos anos, exibiram comportamentos disruptivos, ensinar estes alunos a respeitar as regras, controlar os seus comportamentos problemáticos e desenvolver comportamentos pró sociais, requer muito tempo e esforço da parte do professor.

O reforço social é fornecido através da atenção, feedback e aprovação:

-A atenção diferencial do professor para os comportamentos apropriados ou centrados na tarefa: os alunos são sensíveis à atenção positiva do professor e potenciam a probabilidade de comportamentos pró-sociais.

- O feedback do professor fornece ao aluno uma informação avaliativa específica com o propósito de manter ou melhorar futuras respostas (Schloss & Smith,1994) e que permite comparar o seu desempenho com o padrão desejado, bem como uma descrição clara dos aspectos do comportamento que são apropriados e centrados na tarefa.

- a aprovação do professor envolve o elogio e outras respostas positivas contingentes a comportamentos pró-sociais ou centrados na tarefa. A aprovação do comportamento apropriado constitui um incentivo poderoso e eficaz para muitos alunos desde que seja usada com frequência, de forma específica e com sinceridade e desde que a desaprovação pelos comportamentos inapropriados seja a exceção à regra (Lopes J. et al. (2006) p. 168).

Estas metodologias implicam que o professor proceda a alterações nos seus próprios padrões de comportamento levando a que, quando possível, ignore ou não valorize o comportamento inadequado de um aluno: os comportamentos que causam irritação chamam a atenção e tendem a repetir-se, enquanto que, o recurso ao elogio e à recompensa proporciona o tipo de atenção que conduz a alterações positivas (Lee Brantland Nielsen: 2000).

O reforço social, segundo Lopes J. et al. (2006) constitui, assim, uma intervenção eficaz na promoção de comportamentos pró-sociais em alunos com perturbações emocionais e comportamentais, sobretudo, quando utilizado em paralelo com outros procedimentos, implicando que o professor exiba um conjunto de respostas previsíveis sempre que o aluno apresenta o comportamento desejado, aplicado de forma conscienciosa, sincera e consistente.

2.5. Ensino e Estratégias de ensino

Segundo Roldão, M. C. (2009) ensinar consiste em “desenvolver uma acção especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretenda e se considere necessário” ou seja, o professor acciona e organiza um conjunto variado de dispositivos que promovem activamente a aprendizagem do outro mas em que não se pode garantir em absoluto que sejam aprendidos pois, o aluno terá de desenvolver os correspondentes procedimentos de apropriação. No entanto, é no modo como se ensi-

na - as estratégias - que encontramos as potencialidades que viabilizam e facilitam a aprendizagem do outro.

Roldão, M. C. (2009) define estratégia de ensino enquanto concepção global de uma acção organizada com vista à sua eficácia, em que “o elemento definidor da estratégia de ensino é o seu grau de concepção intencional e orientadora de um conjunto organizado de acções para a melhor consecução de uma determinada aprendizagem”

Assim, definir uma estratégia será estabelecer um percurso organizado de sequências de actividades ou tarefas que contribuem para a aprendizagem de uma determinada meta, com indicação de recursos e de formas sociais de trabalho, que visam levar os alunos a aprender e utilizar os respectivos conteúdos curriculares. A avaliação da aprendizagem terá também de constar no percurso definido, numa dimensão formativa e sumativa: os momentos e modos de avaliação devem estar previstos a fim de “aferir da validade e adequação da estratégia durante o seu desenvolvimento, quer em termos de processo quer em termos de resultados de aprendizagem intermédios e finais” Roldão, M. C. (2009).

Os diferentes tipos de estratégias caracterizam-se em função dos modelos cognitivos ou de processamento da informação envolvidos (dedutivos, indutivos em que o questionamento pode ser de nível elementar ou de nível elevado).

A construção de uma estratégia de ensino implica seis passos: análise, integração, colocação de hipóteses, selecção, organização e decisão.

2.6. Aprendizagem cooperativa

Leitão, F. (2006), define aprendizagem cooperativa como uma estratégia de ensino centrada no aluno e no trabalho colaborativo em pequenos grupos que se organizam na base das diferenças dos seus membros, considerando a diferença como um valor. Segundo o mesmo autor, é uma estratégia que recorre a uma diversidade de actividades, formas e contextos sociais de aprendizagem, para ajudar os alunos a, activa e solidariamente, crítica e reflexivamente, construírem e aprofundarem a sua própria compreensão do mundo em que vivem.

Trabalhar cooperativamente traduz-se em resultados académicos mais elevados, aumento da auto-estima, maior aceitação do outro, reforço das relações de amizade, desenvolvimento das competências sociais e maior actividade e sentido crítico como aprendiz (Johnson & Johnson, 1989; Slavin, 1990,1995; Putnam, 1998 in Leitão, F. 2006).

As características da forma de organização da comunicação, no contexto do grupo, desenvolvem aprendizagem específicas, competências sociais, comunicativas, interactivas, construindo uma cultura relacional baseada na ideia de solidariedade: ajudar e encorajar o outro, elogiar, gerir construtivamente os conflitos, partilhar materiais, ideias, sentimentos (Leitão, J. 2006).

No processo cooperativo estão envolvidos diversos elementos básicos: responsabilidade individual e de grupo; interdependência positiva (ninguém terá sucesso, a não ser que todos tenham sucesso); desenvolvimento da capacidade de analisar a dinâmica do grupo; as competências sociais e a interacção estimuladora, preferencialmente face a face (Johnson e Johnson, 1989, Johnson, Johnson e Holubec, 1993).

A aplicação de técnicas de aprendizagem cooperativa na educação formal é importante não só para a obtenção de ganhos em relação ao próprio processo de ensino-aprendizagem, mas também na preparação dos indivíduos para situações futuras no ambiente de trabalho, onde cada vez mais actividades exigem pessoas aptas para trabalhar em grupo (Burden, V., Silva, H., Lopes, J. 2006).

Segundo Lopes, J.(2006), a aprendizagem cooperativa pode ser uma técnica eficaz para ensinar e facilitar comportamentos pró sociais, levando os alunos a sentirem-se como membros importantes na sala de aula e a aprender a funcionar enquanto partes de um grupo. As aulas devem, para além dos objectivos académicos, incluir o ensino directo das competências pró sociais necessárias para trabalhar de modo cooperativo dentro dos pequenos grupos, contribuindo para que os alunos com distúrbios emocionais e comportamentais encontrem na aprendizagem cooperativa o espaço para aprender e utilizar as competências pró-sociais e ainda desenvolverem um sentimento de pertença e aceitação na sala de aula. Também, colocar alunos com défice de competências sociais em grupos com alunos socialmente competentes, facilita a modelagem das competências.

Kaye (1991) citado por V., Silva, H., Lopes, J., considera a aprendizagem cooperativa um processo inerentemente individual, não colectivo, que é influenciado por uma variedade de factores externos, incluindo as interacções em grupo e interpessoais, em que as interacções em grupo e interpessoais envolvem um processo social na reorganização e na modificação dos entendimentos e das estruturas de conhecimento individuais fazendo com que a aprendizagem seja, simultaneamente, um fenómeno privado e social.

As competências sociais, um dos elementos básicos da aprendizagem cooperativa, são necessárias para o sucesso da académico dos grupos e para interagir eficazmente com os colegas de outras culturas e grupos étnicos. Segundo (Candler, 2005) citado por V., Silva,

H., Lopes, J., a falta de competências sociais é provavelmente o factor que mais contribui para a falta de sucesso académico dos grupos pelo que devem ser ensinadas aos alunos: saber esperar pela sua vez; elogiar os outros; partilhar os materiais; pedir ajuda; falar num tom de voz baixo; encorajar os outros; comunicar de forma clara; aceitar as diferenças; escutar activamente; resolver conflitos; partilhar ideias; celebrar o sucesso; ser paciente a esperar; ajudar os outros, etc. Para além do ensino é necessário motivar os alunos para usarem essas mesmas competências no grupo (Burden, V., Silva, H., Lopes, J) .

Lopes, e tal (2006, p.130-135) propõem algumas linhas de orientação para implementar grupos de aprendizagem cooperativa:

- determinar os objectivos académicos, sociais ou mistos;
- determinar as técnicas de interacção de grupo;
- elaborar o material necessário (guias de estudo, fichas de trabalho,...) que ajudem os alunos a processar a informação que tem de ser aprendida;
- escrever as instruções que os alunos terão de seguir para alcançarem os resultados pretendidos;
- antecipar em conjunto de resultados pretendidos para envolver os alunos no trabalho;
- especificar o número de aulas para a realização das actividades;
- determinar uma escala para premiar “níveis de progresso”;
- determinar os critérios de recompensa do grupo;
- decidir quais as recompensas;
- formar grupos heterogéneos;
- organizar os grupos de modo a que os alunos estejam voltados para cada elemento do grupo;
- definir e explicitar os papéis de cada elemento dentro do grupo,
- especificar os conteúdos e as competências que os alunos devem aprender;
- dar tempo necessário aos alunos para que processarem a informação/ realizem as actividades;
- ocasionalmente, fazer uma avaliação formativa da aprendizagem dos conteúdos e das competências trabalhadas/adaptar a aula se necessário;
- organizar cerimónia para publicamente dar a recompensa aos grupos;
- uma reflexão em cada grupo do trabalho feito.

Segundo Leitão, trabalhar cooperativamente permite aos alunos desenvolver a auto-estima, melhorar o relacionamento interpessoal e prevenir alguma indisciplina típica de

salas de aula. Ao aprender a trabalhar com os outros e para os outros, o aluno mune-se de ferramentas indispensáveis a uma intervenção individual e comunitária na sociedade.

2.7. Investigação-acção

Em educação, a investigação-acção, uma das modalidades da investigação aplicada, tem como objectivo promover a mudança social. É uma investigação qualitativa, em que se procura promover mudanças sociais e em que o investigador se envolve activamente, razões que têm levado a que não seja entendida como uma verdadeira investigação. Mas Kurt Lewin, citado por Sanches (2005), define-a como uma “acção de nível realista sempre seguida por uma reflexão autocrítica objectiva e uma avaliação dos resultados”, assente no triângulo: “acção, pesquisa e treinamento”, que é a base da compreensão dos seus objectivos.

Sousa (2009) define a intervenção-acção como uma estratégias metodológica de estudo levado a efeito sobre a acção pedagógica desempenhada pelo professor e seus alunos, em que se procura estudar a fenomenologia da situação pedagógica. O estudo incide num problema concreto num dado contexto em que o processo é constantemente controlado passo a passo, durante períodos variáveis, avaliado através de diversos modos – diários, narrativas, entrevistas, questionários, estudo de casos,...- de modo a que os resultados obtidos levem a reformulações, modificações, ajustamentos e mudanças de direcção, conforme as necessidades, de modo a orientar a investigação no caminho mais adequado (Cohen e Manion, 1987 citado por Sousa, 2009).

Os procedimentos desenvolvidos nesta estratégia metodológica constam de uma planificação de acções (sessões, aulas, lições) que sucedem no tempo contendo determinados conteúdos programáticos e uma calendarização pré-definida por etapas. No final da aula, sessões ou conjunto de sessões, procede-se a uma avaliação com a finalidade de verificar se a evolução das acções está a suceder em conformidade com o previsto ou se há necessidade de se efectuarem ajustes ou correcções (Sousa, 2009).

Sousa considera a intervenção-acção participativa e auto-avaliativa: professor e alunos envolvem-se activamente, experimentando situações e procurando soluções mais adequadas, avaliando as situações com o objectivo de encontrar caminhos mais eficazes.

Sanches, (2005) considera a investigação-acção como uma “estratégia de actuação que pode desencadear profissionais mais reflexivos, mais intervenientes nos contextos em

que se inserem e desencadeadores de práticas pertinentes, oportunas e adaptadas às situações com as quais trabalham”.

Segundo Ainscow (2000) citado por Sanches (2005), a investigação-acção obriga a que os próprios grupos-alvo “assumam a responsabilidade de decidir quais as mudanças necessárias em que as suas interpretações e análises críticas são usadas como uma base para monitorizar, avaliar e decidir qual o próximo passo a dar no processo de investigação”, o que aumenta a qualidade do processo e a eficácia do produto.

Assim, para se concretizar um processo de Investigação-acção, será necessário seguir diversas fases: diagnosticar o “problema”/ elaborar o plano de acção/ colocar em prática o plano e observar como funciona/ reflectir, avaliar e integrar os resultados/ replanificar se necessário.

3. TRABALHO EMPIRICO - INTERVENÇÃO REALIZADA

As técnicas e os instrumentos utilizados para a recolha de informação foram já apresentados no ponto referente ao projecto de intervenção. Assim passaremos à apresentação dos dados recolhidos e que sustentaram as decisões da intervenção que fomos tomando.

3.1. O contexto da intervenção

A intervenção realizou-se, como já dissemos, numa escola de Lisboa, numa turma de 4ºano e teve como origem o aluno “Gonçalo”.

3.1.1. O contexto escolar

3.1.1.1. *Espaço físico e logístico*

A instituição escolar que o aluno frequenta, é uma escola de 1º ciclo integrada num agrupamento vertical, num bairro habitacional da cidade de Lisboa, rodeada por zonas de comércio e de serviços.

O edifício, recentemente remodelado e ampliado, apresenta ainda constrangimentos nos espaços e nos equipamentos, condicionando as actividades a desenvolver. Comporta 15 salas de aula, uma Biblioteca, um Centro de Recurso, dois espaços de recreio, uma sala de Apoio Educativo, um gabinete de atendimento aos Encarregados de Educação, Sala de Assistentes Operacionais, Espaço de docentes (gabinete de coordenação, sala de convívio dos professores e sala de trabalho, 2 wc) elevador, 4 wc para alunos, com 4 cabines adaptadas a utentes com cadeira de rodas. O refeitório e ginásio localiza-se na escola sede, num edifício contíguo à escola de 1º ciclo.

A Biblioteca, integrada na Rede de Bibliotecas, encontra-se em fase de instalação, razão pela qual não está a funcionar em pleno.

O Centro de Recursos centraliza todo um conjunto de materiais de apoio às actividades escolares organizados em espaços definidos: laboratório de Matemática, Laboratório de Ciência Viva, Expressão Plástica, Música e Informática.

Este ano lectivo 2009/2010 os 350 alunos encontram-se divididos por 15 turmas com uma média de 24 alunos/turma.

3.1.1.2. *Recursos humanos*

A Escola conta com 15 professores titulares de turma, 2 professores com funções de coordenação e apoio educativo, 2 professores de Ensino Especial e professores das Actividades de Enriquecimento Curricular nas áreas da Música, Educação Física e Inglês.

Para apoio ao funcionamento da Escola, dispõe de um total de 5 funcionários a tempo inteiro, 5 a 4h diárias e 10 monitores para reforço no acompanhamento do almoço. A partir de Março, 4 estagiários do Curso de Animadores Culturais, integrarão os recursos da Escola, a exemplo do ano anterior, segundo acordo com uma Escola Secundária de Lisboa.

3.1.1.3. *Dinâmica educativa*

As actividades lectivas das turmas da escola são coordenadas a nível de ano e em conselho de docentes, havendo em comum diferentes projectos de escola e o plano de actividades em articulação com os outros níveis de ensino do agrupamento (Jardim Infantil, 2º e 3º ciclo e Ensino Secundário).

3.1.2. A turma

3.1.2.1. *Caracterização estrutural*

De acordo com documentos que constam no dossier do Projecto Curricular de Turma, a turma de 4º ano é constituída por 24 alunos, 15 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. 23 alunos têm 9 anos e um tem 10. Mantém, na sua composição, os mesmos alunos desde o 1º ano de escolaridade, contando com a entrada neste ano lectivo, do aluno Gonçalo, com uma retenção no 4º ano.

Os alunos são assíduos e pontuais, à excepção de um (TS) que chega constantemente atrasado.

Na sua maioria, os alunos residem fora da área de influência da escola, frequentando-a por se situar na zona o local de trabalho dos seus encarregados de educação. O nível económico, cultural e social é, em média, elevado (exceptuam-se 4 alunos).

Do primeiro ao terceiro ano de escolaridade, a turma teve sempre o mesmo Professor Titular de Turma mas, no primeiro período deste ano lectivo, já sofreu a mudança pela quarta vez. A nível curricular, para além do professor titular turma e de três professores das Actividades de Enriquecimento Curricular (Educação Física, Inglês e Música), os alunos são ainda apoiados pela Professora de Apoio Educativo e pela Professora de Ensino Especial. O

professor de Música já lecciona esta turma pelo terceiro ano consecutivo e a professora de Apoio Educativo tem acompanhado o percurso escolar desta turma e do aluno desde o primeiro ano de escolaridade.

Segundo o relatório de avaliação intercalar da turma (Novembro), seis alunos apresentam dificuldades de aprendizagem:

- O Gonçalo, integrado no Ensino Especial, está a repetir o 4º ano de escolaridade. Demonstra mais dificuldades ao nível da concordância gramatical, construção de textos e ortografia. Revela pouco interesse pelas actividades, com tempos de trabalho muito reduzidos. Envolve-se em muitos conflitos nas aulas.
- O DM, integrado no ensino especial, é muito conflituoso, com muitas dificuldades em se implicar nas actividades dentro do grupo, trabalhando apenas com o apoio individual do professor e, muitas vezes, contrariado ou em grupo com determinados elementos da turma. Envolve-se em muitos conflitos dentro da sala com os colegas o que perturba o seu desempenho que se situa ao nível do 3º ano de escolaridade.
- O AM apresenta mais dificuldades na criação de textos e na interpretação e ortografia. É muito apressado e impulsivo na realização das tarefas o que se reflecte nos seus resultados.
- O aluno JM demonstra dificuldades, especialmente, na expressão escrita, na construção de textos e na aquisição de conhecimentos de Estudo do Meio (por falta de estudo).
- O aluno TS demonstra muitas dificuldades em adquirir satisfatoriamente as competências do 4º ano em todas as áreas disciplinares. Revela pouca motivação para as actividades escolares, realizando-as com apoio individual e insistência do professor (está sempre distraído a criar conflitos com os colegas ou alheado das actividades, pelo que, beneficiaria com um acompanhamento psicológico e social).
- O AR demonstra poucas competências ao nível do raciocínio matemático e de expressão escrita embora tenha evidenciado alguns progressos no primeiro período.

Também segundo a entrevista com o professor e os relatórios de avaliação do primeiro período, as áreas de Estudo Acompanhado e a Formação Cívica são áreas frequentemente trabalhadas na aula, em transversalidade com as áreas curriculares disciplinares, incidindo muito no apoio individualizado aos alunos com mais dificuldades, bem como na exploração de temas relacionados com atitudes e valores, com enfoque no espírito de grupo, companheirismo e amizade, aspectos em que o grupo revela muitas lacunas.

3.1.2.2. *Caracterização dinâmica*

Segundo as informações expressas nos documentos referidos no ponto anterior, a turma apresenta grandes problemas no relacionamento social entre eles, que se reflectem num aproveitamento curricular pouco satisfatório tendo em conta as elevadas potencialidades da generalidade da turma: alguns alunos mostram-se motivados para a aprendizagem e bastante cooperantes mas, o mau comportamento de outros (indisciplina, imaturidade, comportamentos inadequados à idade e ao contexto escolar), prejudica o funcionamento normal das aulas e um melhor aproveitamento curricular.

De acordo com a entrevista realizada com o professor, apesar das medidas já implementadas (chamadas à atenção, repreensão, saída de alguns alunos da sala de aula para a sala de apoio, perda de parte do intervalo) não se têm notado resultados positivos, continuando a verificarem-se conflitos que impossibilitam o normal desenrolar das Actividades Curriculares, nas Actividades de Enriquecimento Curricular e do recreio:

- alguns alunos não respeitam as regras estabelecidas e trabalhadas insistentemente nas aulas: levantam-se e conversam frequentemente, usam, em voz alta, linguagem menos própria, com ofensas verbais graves entre eles, despoletando diversos conflitos internos que, por vezes, originaram agressões físicas dentro do grupo. Os alunos que mais frequentemente estão envolvidos nestes conflitos são os alunos identificados com os nºs 22, 9 (Gonçalo), 24, 23, 6 e 25.
- outros alunos têm muitas dificuldades de concentração, em manterem-se em silêncio e sossegados, perturbando também as actividades (19, a 21, o 11, a 4 e 12);
- os restantes alunos apresentam um comportamento satisfatório ou bom;
- os alunos nº 22 e o 9 (Gonçalo) sofrem alguma discriminação por parte dos colegas. São atitudes que têm sido trabalhadas com todo o grupo-turma e que continuam a ocorrer com alguma frequência.

Pela análise dos dados recolhidos do questionário de sociometria podemos inferir:

- Escolhas:

As escolhas são feitas essencialmente dentro dos respectivos grupos de rapazes raparigas. Apenas duas raparigas não são escolhidas pelos rapazes.

O aluno nº 1 faz apenas escolhas no grupo das raparigas e é bem aceite por elas, recebendo 4 escolhas das quais 3 com mutualidade.

Só o nº 1 e o nº 6 são escolhidos pelas raparigas com 4 e 1 escolha respectivamente.

Não se verificam escolhas significativas que propiciem um futuro alargamento das relações entre o grupo dos rapazes e das raparigas. A aluna nº 21 é a que tem uma mutualidade com elemento de um grupo triangular de rapazes e o aluno nº 1 não faz qualquer escolha no grupo dos rapazes nem é escolhido por eles.

No grupo dos rapazes verifica-se uma forte ligação entre apenas parte dos seus elementos enquanto que no grupo das raparigas se verifica uma relação coesa entre alguns elementos mas alargada a todo o grupo.

- Alunos bem aceites:

A alunos nº 17 e o aluno nº 18 são os que têm melhor aceitação e que não têm qualquer rejeição.

Os alunos nº 3, 10 e 21 apesar de muito escolhidos também têm alguma rejeição.

Todos estes alunos repartem e centralizam em si as escolhas dentro dos respectivos grupos de rapazes e raparigas, seguidos de muito perto por mais três raparigas: nº 4, 7 e 8.

Alunos com problemas de aceitação

Nº 9 (Gonçalo): É escolhido apenas por um colega mas o facto de ter uma mutualidade indica-nos que tem um ponto de referência que lhe permite alguma estabilidade.

As rejeições, apesar de serem 3 e com uma mutualidade, se tivermos em conta é o único elemento que entrou de novo numa turma que já convive há 3 anos e que tem colegas com muitas mais rejeições, poderá ser relativizada a sua posição social na turma.

Nº 16 : Não é escolhido por nenhum colega e, por isso, também não pode ter mutualidades e, o facto de ter 6 rejeições com duas mutualidades, indicia uma situação de risco.

Nº 22: É escolhido por dois colegas mas não tem mutualidades pelo que, perante 7 rejeições e duas com mutualidade, estamos também perante uma situação de risco.

Nº 25: É escolhido por 5 com 3 mutualidades mas as 7 rejeições indicam-nos uma situação controversa e que necessita de uma atenção especial.

Nº 6 e 11: Têm boa aceitação mas o facto de terem rejeições mútuas, são alunos que devem também ter uma atenção especial.

Nº 13: Dentro do grupo das raparigas em que se verifica bastante coesão, destaca-se por ter sido escolhida por dois colegas apenas na 3ª posição e ainda enfraquecida com uma rejeição. Será uma situação a considerar e a complementar com outras informações.

- Grupos:

Triangular 11, 6, e 25 e 10, 14, 19.

Grupo circular 1, 7, 21, 4 e 3, 11, 18, 12.

Assim, podemos concluir a partir de todas as informações recolhidas que este grupo de alunos se nos afigura com bastantes particularidades preocupantes no seu relacionamento interno e que, possivelmente, há vários alunos a serem rejeitados ou a não serem bem aceites, como o professor sentia.

3.1.3. O aluno

3.1.3.1. *História compreensiva do aluno*

Pelo conhecimento que temos da convivência escolar com o aluno desde o seu primeiro ano de escolaridade (2005) e pela recolha de informações na documentação existente no seu processo, ficamos a conhecer e a compreender melhor a problemática do Gonçalo:

- O aluno é o segundo filho de uma fratria de dois e viveu com os pais e a irmã (mais velha um ano) até aos 7 anos. Com o falecimento do pai e a saída da irmã para o estrangeiro, reside actualmente com a mãe fora da área de influência da escola, num bairro limítrofe da cidade, em ambiente socioeconómico e cultural e muito desfavorecido.
- Da sua história pessoal consta um período neo-natal complexo. Andou tarde e fez frequentes quedas das quais mantém sinal na região frontal por sucessivos traumatismos naquela região. Fracturou o MSE (braço) com duas intervenções cirúrgicas com internamentos aos 3 e 4 anos.
- Presenciou, até ao falecimento do pai (2007), situações familiares emocionalmente muito marcantes (doença terminal do pai, agressões e dificuldades económicas) e foi vítima de algumas agressões físicas por parte do progenitor.
- Tem acompanhamento em pedopsiquiatria desde Março de 2005, em hospital público por indicação da médica de família, por instabilidade psicomotora, problemas de comportamento e dificuldades de adormecimento. Nesta instituição tem sido alvo de diferentes intervenções terapêuticas (consultas pedopsiquiátricas, grupo terapêutico, intervenção farmacológica), sem que tenha havido uma adesão muito consistente a nenhuma delas.
- Tem acompanhamento pela Psicóloga Educacional da Escola desde a sua entrada no 1º ano de escolaridade, com vista ao desenvolvimento das suas capacidades, motivação e controlo do comportamento, numa intervenção individual e em contexto de pequeno grupo integrada num Programa de Promoção de Competências Pessoais e Sociais (gestão de conflitos entre pares e a adopção de comportamentos assertivos). A par deste trabalho directo com o aluno

durante quatro anos, foi proporcionado acompanhamento à mãe no sentido de lhe fornecer estratégias para orientar melhor a problemática o desenvolvimento do Gonçalo ao nível educação/formação, acompanhamento médico e psiquiátrico, supervisão dos tempos livres e expectativas de estilo de vida).

- Fisicamente o aluno apresenta uma estatura média e robustez física de acordo com os parâmetros para o seu grupo etário mas, desde a sua entrada nesta escola, têm-se verificado períodos de grande negligência familiar (alimentação, higiene pessoal, assiduidade e pontualidade na escola, supervisão das companhias e brincadeiras na rua ao pé de casa a horas tardias, investimento ao nível educativo/formativo, reuniões de avaliação na escola, consultas médicas).

- A negligência familiar, uma constante no seu percurso escolar, foi mais acentuada nos primeiros anos de escolaridade, os quais coincidiram com grandes alterações na organização da família: a fase terminal da doença do progenitor, seguida de uma grande desorganização da própria mãe, o afastamento da irmã para um país estrangeiro (que representava para o aluno um grande apoio familiar) e com uma vida mais equilibrada. Estes acontecimentos aumentaram a grande instabilidade emocional no aluno e reforçaram o quadro de desatenção parental a todos os níveis de cuidados básicos, levando a que fosse sinalizado à Comissão de Protecção de Menores no 3º ano de escolaridade.

- A situação de negligência parental, como nos refere um dos relatórios da Professora Titular de Turma, reflectiu-se significativamente no seu processo de aprendizagem, agravada pela fraca assiduidade e pontualidade, (justificada, pela mãe, por doença ou mal-estar) e acresce ainda o facto de o aluno se apresentar, com frequência, sonolento, desmotivado, sem livros e sem material escolar essencial, contribuindo negativamente para a problemática do aluno e acentuando a gravidade das lacunas na aprendizagem escolar. Neste momento há indícios de receber os cuidados básicos de higiene e alimentação mas continua com falta de pontualidade e de assiduidade às actividades escolares.

Pela análise da documentação sobre o Gonçalo confirmamos que a sua problemática é identificada em data anterior à sua entrada no 1º ano de escolaridade e que a Escola tem proporcionado ao aluno, ao longo de todos os anos de escolaridade, um acompanhamento muito próximo à situação escolar, emocional, familiar, económica e social, tendo recebido apoio dos recursos existentes na escola: apoio escolar, apoio psicológico individual e familiar, no sentido de promover o seu sucesso educativo e respectiva inclusão social junto dos seus pares. Desta documentação destacamos as informações relevantes para um conheci-

mento mais pormenorizado de todo o seu percurso escolar e do seu actual nível de participação nas actividades escolares:

- O primeiro relatório de pedopsiquiatria salienta que o aluno apresentava perturbações do comportamento, nomeadamente comportamentos de oposição, disruptivos (agressividade e impulsividade) e grande irritabilidade face a situações conflituais e de frustração. Pela avaliação psicológica e observação clínica constatou-se que apresentava na Escala de Griffiths um Quociente Geral no limite inferior da média, com um hiperinvestimento na escala Locomotora e, situadas a baixo da média, ficavam as escalas Pessoal-Social Realização e Raciocínio Prático. A escala Pessoal-Social, revelava problemas ao nível da autonomia e na aplicação dos conhecimentos práticos no contexto social e a escala de Raciocínio Prático apresentava problemas ao nível dos conhecimentos relacionados com as capacidades para ver ouvir e aprender (ex: a diferença entre manhã e os dias da semana, as horas e as moedas). Ainda no CAT apresentava uma excessiva transposição das problemáticas familiares (conflito pai-mãe) para as histórias, revelando uma grande dificuldade em simbolizar. O mesmo relatório concluía que as observações pedopsiquiátrica e psicológica permitiam excluir situações psicopatológicas graves, atribuindo os sintomas a factores do meio (um contexto familiar disfuncional algo complexo) e com factores de ordem pessoal (uma grande imaturidade e algumas dificuldades cognitivas) que poderiam tornar difícil a integração à aprendizagem sistemática escolar, situação se veria a confirmar.

- Com a entrada do aluno no ensino regular, logo no início do ano (Outubro de 2005), o Professor Titular de Turma referencia o aluno para ser observado pelos técnicos em exercício na escola - Psicóloga Educacional e Professora de Educação Especial. Os pedidos baseavam-se, respectivamente, na atitude comportamental do aluno, (acentuadamente irrequieto, provocante, com agressividade violenta verbal e física, sem parecer medir as consequências, colocando em risco a segurança de si próprio e dos outros, agravando-se a situação de dia para dia) e a períodos de concentração na sala muito reduzidos, comportamentos inadequados na sala de aula e no recreio, e na acentuada agressividade e violência para consigo próprio e para com os colegas e adultos.

- O primeiro relatório da psicóloga Educacional de observação do aluno (Dezembro de 05) refere resultados abaixo da média esperada para a sua faixa etária: BAPAE - desempenho global com resultados mais baixos ao nível das sub-provas de Compreensão Verbal (vocabulário pouco enriquecido), Relações Espaciais e Conceitos Quantitativos; Figura Complexa de Rey: reprodução de memória, indicando lacunas ao nível da memória visual; Teste de

Percepção de Diferenças: baixa capacidade de manutenção da atenção, reflectindo consequentemente dificuldade na discriminação de detalhes.

Também o Teste do Desenho nos fornece indicadores importantes: o traçado forte revela alguma agressividade e situações de conflito interior, dificuldade em relacionar-se com o meio exterior, fechando-se por vezes no seu mundo, apresentando a figura humana elaborada mas com algumas omissões em elementos essenciais. O teste BAR-ILAN indica-nos que tem um pensamento lógico relativamente estruturado, mas com dificuldade em discernir entre o que é moralmente correcto e errado e um conflito interior entre aquilo que tem vontade de fazer e o que sabe que deveria fazer.

- Relativamente ao ambiente escolar, assume o professor como figura de autoridade e também de apoio mas revela insatisfação, nomeadamente, quanto às tarefas escolares pelas quais manifesta desagrado, algum conflito na relação com os pares, sentindo-se por vezes incompreendido, justificando o seu insucesso escolar em algumas agressões físicas por parte dos colegas. A nível familiar sente os pais como figuras de autoridade mas por vezes excessivamente punitivos fisicamente (pai), encontrando-se idealização de fuga, principalmente com o objectivo de afastamento da figura paterna revelando ainda que se sente muitas vezes o responsável e culpado por algumas más acções, desvalorizando as boas. O relatório termina considerando emocionalmente instável, necessitando ser acompanhado para alcançar estabilidade emocional e comportamental, e lhe ser conferida maior motivação, auto-estima e confiança, recomendando que ao Professor também fossem fornecidas propostas de estratégias de intervenção que visassem atenuar e evitar os comportamentos indesejáveis.

- Os relatórios da Professora de Educação Especial, dos Professores Titulares de Turma indicam que o aluno estabelece contacto com facilidade e comunica de forma coerente embora com vocabulário pobre, participa em actividades colectivas revelando elevado nível de curiosidade, criatividade e bom-humor mas, por outro lado, apresenta muitas fragilidades: na atenção e concentração (nível de dispersão muito elevado em situação de sala de aula); no controlo da impulsividade (atitudes reactivas explosivas e de agressividade para com os colegas); na aceitação e cumprimento de regras de funcionalidade (frequente perturbação do normal funcionamento da sala de aula; necessidade de satisfação imediata dos seus desejos (reagindo com agitação motora e expressão facial infeliz); na insegurança; na pouca resistência à frustração; na memória visual; na estruturação do pensamento sequencial; na conclusão das tarefas principalmente quando implicam representação no papel e na sistematização de conhecimentos e competências.

O relatório mais recente de Pedopsiquiatra (2009), confirma-nos que o aluno foi apresentando as mesmas problemáticas em todo o seu percurso escolar e que retratam a situação actual de dificuldades no processo de aprendizagem e de grande instabilidade emocional: destaca a diferença entre as provas cognitivas e as de carácter projectivo, referindo que nas primeiras se implicou e retirou prazer da realização das mesmas, sendo metódico e organizado na execução das diferentes provas e, nas segundas, revelou grande dificuldade, com evidente resistência, tanto na sua verbalização directa (“não quero”, “não consigo”) como na expressão corporal (agitação psicomotora, necessidade de sair da sala de aula, etc.) Pelas provas de avaliação intelectual apresenta um potencial intelectual mediano e uma eficácia cognitiva global num Nível Médio Inferior para a sua faixa etária e, sem que haja uma desarmonia muito acentuada, obteve melhores resultados na dimensão da Realização (Nível Médio) do que na Verbal (Nível Médio Inferior). Acrescenta ainda que os índices de Compreensão Verbal e de Velocidade de Processamento ficam claramente aquém do que seria esperado para a sua idade, sendo as áreas em que revela maiores dificuldades – o que é sugestivo de uma perturbação do foro emocional, a par de uma fraca estimulação familiar no que respeita ao processo de escolarização.

O mesmo relatório indica que o aluno apresenta dificuldades importantes tanto no que respeita à precisão grafo-motora como na abordagem perceptiva e, embora não surjam sinais de desorganização, revela uma enorme imaturidade neste âmbito e dificuldade no que concerne ao pensamento analítico, não conseguindo integrar o estímulo como um todo, e que o facto de percepcioná-lo enquanto justaposição de diferentes detalhes leva a que, em termos de retenção mnésica, o seu desempenho seja muito fraco (abaixo de P10 para a sua idade).

Relativamente ao desenvolvimento psico-afectivo e estabilidade emocional, as provas de carácter projectivo aplicadas e a atitude do aluno face às mesmas confirmam a existência de um nível significativo de sofrimento psíquico, com enorme dificuldade em gerir as dimensões afectivas e relacional, recorrendo predominantemente a mecanismos de recusa, restrição e evitamento que impossibilitam a abordagem e a elaboração dos seus conflitos internos uma vez que, quando toca em questões ligadas à sua vivência emocional de diferentes situações (contexto familiar ou escolar) ele reage de imediato, recusando a exploração dessas problemáticas de forma directa (pela recusa verbal) ou indirecta (pela agitação psicomotora e expressões faciais de descontentamento). Também a análise dos desenhos temáticos indicia a presença de agressividade não elaborada, sentimentos de desamparo, hiper-

vigilância face ao meio envolvente, dificuldade na caracterização e atribuição de afectos dentro do contexto familiar.

O relatório conclui que, embora o aluno não apresente dificuldades cognitivas acentuadas, evidencia dificuldades instrumentais (grafo-perceptivos) e um comprometimento importante em termos desenvolvimentais, com uma enorme fragilidade emocional, a qual não lhe permite a mobilização de todos os seus recursos para o processo de escolarização e de aprendizagem.

O último relatório da Psicóloga educacional, após 4 anos de acompanhamento pela mesma psicóloga educacional e resultado de uma nova avaliação psicopedagógica conclui que o aluno é uma criança inteligente mas emocionalmente muito instável, o que afecta gravemente o seu rendimento académico ao nível da capacidade de manutenção da concentração e consequentemente o desempenho cognitivo. Indica também que o aluno está muito desmotivado para as aprendizagens e pouco investidor, realizando trabalho apenas quando acompanhado por um adulto e precisando de constante incentivo. Refere ainda que diz frequentemente que não sabe ou que, o que faz não está bem feito, revelando baixa auto-estima. Fica muito ansioso e agitado por ter de se esforçar mais para realizar um trabalho adequadamente e acrescenta ainda que se verificam comportamentos de auto mutilação.

Do exposto, verificamos que o aluno, nos testes realizados em psicologia e pedopsiquiatria, revela capacidades cognitivas suficientes que lhe permitem o acesso ao currículo do seu ano escolar assim como apresenta capacidades de relacionamento interpessoal com os adultos mas que, em contexto escolar e apesar de todo o acompanhamento de que tem sido alvo, apresenta instabilidade emocional, baixa capacidade de atenção e concentração, fraca auto-estima, grandes lacunas nos seus conhecimentos escolares, atitudes e comportamentos inadequados no desenrolar das actividades escolares e na interacção social com os colegas, apresentando assim um quadro complexo que lhe condiciona a progressão na sua aprendizagem escolar e consequentemente o sucesso educativo.

3.1.3.2. *Caracterização do percurso escolar*

O Gonçalo frequentou o ensino pré-escolar e ingressou no ensino regular no ano lectivo 2005/2006 permanecendo, durante quatro anos, na mesma turma, a que foi leccionada por quatro professores titulares de turma ao longo dos anos.

Frequenta o 4º ano de escolaridade, pela 2ª vez integrado numa nova turma e com um novo professor.

Ainda no primeiro ano de escolaridade foram-lhe aplicadas medidas de regime educativo especial, decorrentes de dificuldades cognitivas moderadas, dificuldades ao nível da comunicação, participação, comportamento emocional e que ainda se mantêm. As medidas definidas visam o Apoio Pedagógico Personalizado para, antecipação e/ou reforço dos conteúdos curriculares em articulação com o trabalho realizado na turma, de forma a melhorar a sua participação e o seu rendimento escolar, incidindo em especial na área curricular de Língua Portuguesa na qual revela mais dificuldades, e um programa de competências sociais, para controlo do comportamento a nível social e emocional, desenvolver e melhorar a interacção com os seus pares e para a adopção de comportamentos assertivos.

As adequações no processo de avaliação, prevêm os mesmos conteúdos curriculares do seu ano de escolaridade mas com diferenciação (preparação antecipada dos testes com as questões-tipo do teste / redução no número de questões; apoio à realização das provas com vista à sua estabilização emocional/redução da frustração e, se necessário, a sua realização em sala adequada).

Através dos registos de avaliação do aluno constatamos que tem apresentado sempre algumas dificuldades em acompanhar o currículo da turma, tendo tido sempre apoio personalizado a nível curricular. Revela pouco interesse pelas actividades, com tempos de trabalho muito reduzidos.

A retenção justifica-se pela elevada falta de assiduidade, desmotivação, falta de aquisição de competências curriculares essenciais do 1º Ciclo.

3.1.3.3. *Nível actual de competências - Participação nas actividades escolares*

Acompanha na generalidade o programa do 4º ano de escolaridade em todas as áreas curriculares mas demonstra mais dificuldades ao nível da Língua Portuguesa: ortografia, concordância gramatical, construção de frases e diferentes tipos de texto e caligrafia.

Revela pouco interesse pelas actividades, com tempos de trabalho muito reduzidos, pouco persistente na realização de tarefas, precisando de constante incentivo, alegando frequentemente que não sabe fazer ou que não está bem feito.

Evidencia uma fraca capacidade para focar e orientar adequadamente a sua atenção e a mantê-la o tempo suficiente para captar as informações e as processar.

Revela também incapacidades para ignorar estímulos distractivos, sendo constante a sua dispersão nas actividades educativas.

Frequentemente não apresenta os trabalhos de casa assim como o material escolar (livros, cadernos,...) evidenciando, sonolência e fome – raramente traz lanche para a manhã – o que denota deficiente acompanhamento familiar.

Apresenta dificuldades na auto-regulação do seu comportamento e na interacção social com os seus pares, em sistemáticas discussões na sala de aula, revelando sentir-se muito incompreendido.

3.1.3.4. *Aproveitamento curricular*

Apesar de o rendimento escolar ser baixo e apresentar poucos e fracos pré-requisitos, consegue acompanhar o programa do 4º ano de escolaridade evidenciando mais dificuldades ao nível da ao nível da Língua Portuguesa: concordância gramatical, construção de textos e ortografia.

3.1.3.5. *Comportamento em contexto escolar*

Em contexto escolar o aluno apresenta comportamentos que comprometem o normal funcionamento das aulas, a sua concentração, a aprendizagem escolar e as suas relações sociais com os pares.

- Comportamento global:
 - Comportamentos reveladores de conflito interior, sofrimento psíquico e de instabilidade emocional.
 - Comportamentos de oposição, comportamento disruptivos (agressividade e impulsividade).
 - Dificuldade na aplicação dos comportamentos sociais básicos em contexto escolar.
 - Dificuldade na aceitação e cumprimento de regras de funcionalidade em sala de aula.
 - Desmotivação para as aprendizagens curriculares.
- Comportamentos específicos:
 - Dificuldade em gerir as dimensões afectivas e relacional
 - Apresenta agressividade não elaborada
 - Revela sentimentos de desamparo
 - Mostra uma atitude de hiper-vigilância face ao meio envolvente
 - Reage explosivamente, com muita agitação motora e lamentações
 - Irrita-se facilmente, face a situações conflituais e de frustração
 - Revela pouca resistência à frustração

- Apresenta insegurança e baixa auto-estima
- Apresenta transposição excessiva das problemáticas familiares
- Revela dificuldade em discernir entre o que é moralmente correcto e errado
- Sente-se muitas vezes o responsável e culpado por algumas más acções, desvalorizando as boas.
- Apresenta comportamentos de auto mutilação.
- Tem dificuldade em manter amigos (Parece frequentemente, infeliz ou deprimido)
- Age de forma infantil para sua idade
- Queixa-se sistematicamente da agressividade dos seus colegas
- Goza e faz brincadeiras de “mau gosto” para com os colegas
- Faz barulhos que perturbam os outros
- Tem dificuldade em partilhar
- Apresenta muita distractibilidade
- Apresenta insatisfação em relação ao ambiente escolar
- Desmotivação para as aprendizagens curriculares
- Dificuldade na conclusão das tarefas
- Pouco investidor
- Justifica o seu insucesso escolar com a agressão física e verbal dos colegas
- Falta de assiduidade e de pontualidade
- Falta de material escolar essencial.

3.2. Intervenção realizada

3.2.1. Situação inicial e objectivos da intervenção

Para ter sucesso o ensino de competências sociais é indispensável conhecer a situação do contexto de intervenção, medir as competências sociais, identificar as que têm de ser ensinadas, identificar os tipos de défices de competências sociais e delinear as intervenções eficazes e aceitáveis.

A partir da análise de toda a documentação produzida sobre o Gonçalo, identificámos as atitudes e comportamentos indesejados, definimos os comportamentos desejados em contexto escolar e delineámos algumas das estratégias a desenvolver para produzir essa mudança:

Quadro 1. Resumo dos comportamentos do aluno Gonçalo

Atitude/Comportamento revelado	Comportamento desejado	Estratégias a desenvolver
Dificuldade na aplicação dos comportamentos sociais básicos em contexto escolar	Comportamento assertivo: - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Cumprir regras estabelecidas - Aceitar opiniões diferentes - Aceitar as diferenças - Ajudar os outros - Criticar construtivamente - Gerir conflitos - Mostrar sentimentos positivos - Partilhar conhecimentos	Ensino de comportamentos desejáveis
Goza ou faz brincadeiras de “mau gosto” com outros colegas		Atenção selectiva dos comportamentos
Queixas sistemáticas da agressividade dos colegas		Reforço positivo
Comportamentos de oposição, comportamento disruptivos (agressividade e impulsividade)		Análise de situações conflituais
Atitudes reactivas explosivas (quando zangado reage com agitação motora)		Análise e reflexão sobre o comportamento apresentado
Grande irritabilidade face a situações conflituais e de frustração.		
Pouca resistência à frustração (reage com agitação motora, e lamentações)		Antecipação no controlo de situações de conflito
Comportamentos de auto mutilação.		
Dificuldade na aceitação e cumprimento de regras de funcionalidade em contexto escolar	Comportamento regularizado na sala de aula	Análise das regras estabelecidas na sala de aula
Perturbação do normal funcionamento da sala de aula		Grelha de auto regulação do comportamento
Faz barulhos que perturbam os outros		
Dificuldade em partilhar		Abordagem de histórias valorativas
Dificuldade em manter amigos		
Comportamentos de conflito interior, sofrimento psíquico, emocionalmente instável (Parece frequentemente, infeliz ou deprimido)	Controle das emoções	Análise de situações da vida real
Transposição excessiva das problemáticas familiares		Análise de conflitos interiores
Dificuldade em discernir entre o que é moralmente correcto e errado		
Sente-se muitas vezes o responsável e culpado por algumas más acções, desvalorizando as boas		Leitura e interpretação de textos mensageiros
Distractibilidade	Boa auto-estima	Atenção do professor
Age de forma infantil para sua idade		
Apresenta insegurança, baixa auto-estima		
Falta de assiduidade e de pontualidade		
Falta de material escolar essencial.	Assiduidade e pontualidade	
Insatisfação em relação ao ambiente escolar	Responsabilidade	
	Satisfação em relação ao ambiente escolar	Trabalho a pares e em pequenos grupos
Desmotivação para as aprendizagens	Motivação para as aprendizagens	
Dificuldade na conclusão das tarefas	Conclusão das tarefas	Pré-selecção do

Atitude/Comportamento revelado	Comportamento desejado	Estratégias a desenvolver
Agressão física e verbal dos colegas como justificação para o seu insucesso escolar	Responsabilização pelos seus actos	par/grupo mais adequado (modelação, interdependência positiva)
Pouco investidor na sua formação académica.	Investidor na sua formação académica.	

Pela análise da documentação referida, verificamos também que o aluno Gonçalo apresenta algum défice de aquisição de competências sociais necessitando de modelagem mas maioritariamente são de défice de fluência: o desempenho é pouco refinado ou desajeitado, conhece os comportamentos sociais e quer usá-los em situações sociais, mas executá-los de forma desajeitada ou pouco sofisticada, implicando a prática guiada e feedback ao aluno para que ele as possa usar adequadamente em situações sociais específicas. Para tal usaremos o reforço social e estratégias de autocontrolo.

Neste caso específico e tendo em conta que a turma também apresenta um défice de fluência, a intervenção universal é a mais adequada para o ensinar competências sociais, uma vez que constitui em si mesma situações sociais em que as competências ocorrem naturalmente e podem ser praticadas, para além de que também a turma apresenta défices de fluência.

Para atingir os objectivos a que nos propusemos, contextualizámos o ensino de competências sociais com base nas áreas curriculares de Língua Portuguesa (área em que o aluno revela mais dificuldades), Formação Cívica e Educação Física (área forte do aluno). Usámos como estratégia o trabalho cooperativo, a intervenção em parceria, a aprendizagem com os pares, o agrupamento heterogéneo, o ensino de comportamentos sociais, o reforço positivo e a modulação:

- Pelo trabalho cooperativo, a aprendizagem a pares e em grupos heterogéneos pretendemos promover a aceitação da diferença, a interdependência positiva, o espírito de pertença ao grupo, a reflexão e a cooperação.
- Pela parceria pedagógica com o Professor Titular de Turma pretendemos atender melhor os alunos no contexto de sala de aula, reflectir sobre a problemática da turma e a acção educativa e ainda partilhar com os outros professores directamente envolvidos e os Encarregados de Educação da turma, a procura de respostas para uma melhor actuação de todos.
- Pelo reforço positivo pretendemos proporcionar ao aluno uma atenção diferencial para os comportamentos apropriados ou centrados na tarefa, potenciando a probabilidade de com-

portamentos pró-sociais e fornecer também uma informação avaliativa específica com o propósito de manter ou melhorar futuras respostas.

- Pelo ensino de comportamentos sociais desejados pretendemos que os comportamentos sejam executados de forma adequada e se tornem capacidades sociais que conduzam à competência social geral.
- Pela modulação pretendemos o ensino explícito dos comportamentos em falta ou mal assimilados.
- Pela análise do comportamento apresentado e pelas grelhas de registo de comportamento pretendemos auto-regulação, a consciencialização da necessidade de mudança e a adopção de atitudes adequadas ao espaço escolar.
- Pela análise de textos controversos pretendemos o questionamento sobre as atitudes a adoptar em situações específicas.
- Pela análise de textos mensageiros e valorativos pretendemos a compreensão de situações da vida real e dos valores que a orientam.

Segundo Meijer, (2003), citado por Sanches, (2005:136):

“Todos os alunos, mesmo os que têm necessidades educativas especiais, aprendem se o seu processo educativo é dirigido, planificado e avaliado de forma sistemática”.

3.2.2. Planificação da intervenção

Neste ponto apresentamos o plano geral definido a partir da análise de dados recolhida.

Quadro 2: Planificação da longo prazo: Aprender a Viver Juntos

- **Área:** Socialização

- **Sub-área:** Relacionamento social

Objectivos Gerais	Objectivos Específicos	Estratégias/ Actividades	Calendarização	Recursos	Avaliação
1. Respeitar o outro e a si próprio	- Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar um de cada vez - Falar na sua vez, tendo em conta o contexto - Falar baixo para não perturbar os outros - Fazer perguntas - Apresentar-se - Usar os nomes das pessoas - Ser paciente	- Participar em actividades colectivas, de equipas alargadas e a pares - Reflectir sobre as vivências escolares - Explorar textos temáticos	90 minutos por semana: Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho	- Alunos - Professor Titular de Turma, - Professor de Apoio - Professores das AECs - Professor Bibliotecário - Assistentes operacionais - Pais - Nós - Livros - Fichas, - Filmes, - Material escolar e desportivo ...	- Participação nos diálogos - Participação em todas as actividades escolares - Grelha de observação de comportamentos. - Grelha de auto-avaliação de atitudes e comportamentos - Trabalhos individuais e de grupo - Teste de Sociometria
2. Aceitar as diferenças	- Aceitar as diferenças - Aceitar opiniões Diferentes - Conhecer os sentimentos - Compreender os sentimentos dos outros	- Debater temas propostos: respeito, harmonia, amizade, igualdade, trabalho, autoridade, liberdade, direitos e deveres,...			
3. Trabalhar em conjunto	- Mostrar sentimentos adequados à situação - Dizer coisas agradáveis - Elogiar os outros - Encorajar os outros	- Elaborar textos/ álbuns temáticos			
4. Respeitar as aprendizagens	- Criticar construtivamente - Pedir ajuda - Agradecer - Pedir desculpa - Ajudar os outros - Seguir instruções - Pedir permissão - Partilhar materiais, tarefas, ideias, conhecimentos - Combinar tarefas - Gerir conflitos - Defender os seus direitos - Cumprir regras estabelecidas	- Dramatizar situações sociais - Visitas de Estudo (duas programadas): “ Espaço a Brincar” da CML : Viagem aos Direitos da Criança			

3.2.3. Implementação da intervenção

Neste ponto apresentamos a planificação, o desenvolvimento e a reflexão de cada sessão realizada.

Quadro 3: Planificação: Jogo e questionário "Corrida a três pés"- 2 sessões

Objectivos gerais: - Aprender a trabalhar em grupo e a pares - Respeitar o outro e a si próprio - Trabalhar em conjunto - Aceitar as diferenças			
Área	Objectivos específicos	Estratégia	Avaliação
Língua Portuguesa Formação cívica Educação Física	- Ler e interpretar as regras de um jogo. - Seguir instruções - Partilhar materiais - Deslocar-se ordeiramente - Responder a um questionário a pares - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Consultar o dicionário - Mostrar sentimentos positivos - Partilhar conhecimentos - Partilhar opiniões - Combinar tarefas - Cumprir regras estabelecidas - Reconhecer que todos são responsáveis pela aprendizagem/sucesso de cada um e de todos. - Reconhecer que a entreajuda é fundamental para o sucesso de cada um e do grupo - Reconhecer a importância de cada um dar o seu melhor para o seu sucesso e do grupo. - Reconhecer que se aprende com a discussão das ideias /opiniões diferentes. - Reconhecer que todos aprendem alguma coisa ao trabalharem em grupo. - Reconhecer os comportamentos inadequados. -Reconhecer a necessidade de mudança - Movimentar-se no espaço	Os alunos da turma são muito competitivos e trabalham/brincam em grupo apenas com quem têm uma boa relação social e escolar. O Gonçalo não revela capacidades/competências curriculares para competir com sucesso. Tem boa prestação em actividades desportivas. -A estratégia escolhida assenta na participação e análise de um jogo realizado a pares: 1- Pela imposição do par, leitura e interpretação das regras do jogo a pares e pela participação no jogo pretendemos levar os alunos a vivenciar uma situação que implica cooperação para atingir o objectivo do jogo. 2-Pelo questionário a pares pretendemos que os alunos se questionem sobre a sua participação/colaboração entre pares e resultados obtidos. 3-Em grande grupo pela reflexão e questionamento sobre as actividades desenvolvidas (jogo e questionário), pretendemos que o alunos deduzam os princípios inerentes ao trabalho cooperativo, indispensáveis ao desenrolar da intervenção. 4- A escolha do par do Gonçalo será previamente combinada pelos professores: o par será um colega que pode constituir um modelo na participação no jogo e uma ajuda para a interpretação e resposta ao questionário.	Cumprimento das regras básicas da comunicação oral Participação nos diálogos Aceitação do parceiro de trabalho Aceitação das regras do jogo Participação no jogo Participação no questionário Identificação dos comportamentos correctos em trabalhos de grupo

Quadro 4: 1ª sessão: Jogo “Corrida a três pés” – Questionário

Objectivos gerais: - Aprender a trabalhar em grupo ou a pares - Respeitar o outro e a si próprio - Trabalhar em conjunto			
Área	Objectivos Específicos	Estratégia	Avaliação
Língua Portuguesa Formação Cívica Educação Física	- Ler e interpretar as regras de um jogo. - Partilhar materiais - Seguir instruções - Deslocar-se ordeiramente - Responder a um questionário a pares - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Falar em voz baixa - Ouvir atentamente o outro - Consultar o dicionário - Mostrar sentimentos positivos - Partilhar conhecimentos - Cumprir regras estabelecidas - Movimentar-se no espaço	-Participação e análise de um jogo realizado a pares: 1- Pela imposição do par, leitura e interpretação das regras do jogo a pares e pela participação no jogo pretendemos levar os alunos a vivenciar uma situação que implica cooperação para atingir o objectivo do jogo. Par do Gonçalo: (F: rapaz) 2-Pelo questionário a pares pretendemos que os alunos se questionem sobre a sua participação/colaboração entre pares e resultados obtidos. 3-Em grande grupo pela reflexão e questionamento sobre as actividades desenvolvidas (jogo e questionário), pretendemos que o alunos deduzam os princípios inerentes ao trabalho cooperativo, indispensáveis ao desenrolar da intervenção.	Cumprimento das regras básicas da comunicação oral Participação nos diálogos Aceitação do parceiro de trabalho Aceitação das regras do jogo Participação nas actividades Questionário, a pares, sobre o jogo.

Quadro 5: Relatório da actividade Jogo “Corrida a três pés” e Questionário

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>1. Jogo, a pares:</p> <p>A actividade foi iniciada com a apresentação das etapas a desenvolver: leitura e interpretação das regras do jogo/ preparação para o jogo/ jogo/ ficha de reflexão a pares terminando na sessão seguinte com a reflexão em grande grupo.</p> <p>Os pares para a actividade foram escolhidos entre o professor titular de turma e o professor de apoio, tendo em conta a heterogeneidade dos alunos. Alguns alunos, inicialmente, contestaram insistentemente a escolha do seu parceiro mas rapidamente ultrapassaram essa questão, quando perceberam que não havia hipótese de ser alterada.</p> <p>Ouviram as instruções sobre a actividade, iniciaram a leitura das instruções do jogo e prepararam-se para a actividade: atar um dos pés ao pé do seu par.</p> <p>Com alguma confusão, dirigiram-se para o espaço em que o jogo se iria realizar e participaram no jogo em grupos de 4 equipas. No final foi feito o jogo com os vencedores de cada grupo.</p> <p>Todos os alunos mostraram algum desportivismo relativamente ao resultado, dizendo que o importante era participar.</p> <p>2. Questionário, a pares, sobre o jogo</p> <p>Foi reforçada a indicação de que a ficha teria de ser preenchida a pares. Alguns alunos pediram alguns esclarecimentos e ajuda na pesquisa das palavras no dicionário.</p>	<p>O Gonçalo aceitou bem o seu par.</p> <p>Ficou em 3º lugar no jogo</p> <p>Respondeu ao questionário com respostas assertivas</p> <p>Reconheceu que os colegas ganharam porque eram melhores</p>	<p>As regras comunicação oral são difíceis de cumprir pela generalidade da turma: revelaram grande dificuldade em respeitar a sua vez para falar e a organização do jogo.</p> <p>A resposta ao questionário decorreu com normalidade.</p> <p>A aceitação do parceiro de trabalho acabou com acontecer por todos os alunos.</p> <p>O par do Gonçalo aceitou sem desagrado.</p> <p>Jogaram segundo as regras estabelecidas do jogo, com alguns “atrope-los” sem relevância.</p>

Quadro 6: 2ª sessão - Reflexão Jogo e questionário “Corrida a três pés”

Objectivos gerais: - Aprender a trabalhar em grupo ou a pares - Aceitar as diferenças			
Área	Objectivos Específicos	Estratégia	Avaliação
Língua Portuguesa Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Ser paciente - Falar tendo em conta o contexto - Cumprir regras estabelecidas - Analisar as respostas dadas no questionário a pares - Mostrar sentimentos positivos - Elogiar os outros - Encorajar os outros - Reconhecer que todos são responsáveis pela aprendizagem/sucesso de cada um e de todos. - Reconhecer que a ajuda é fundamental para o sucesso de cada um e do grupo - Reconhecer a importância de cada um dar o seu melhor para o seu sucesso e do grupo. - Reconhecer que se aprende com a discussão das ideias /opiniões diferentes. - Reconhecer que todos aprendem alguma coisa ao trabalharem em grupo. - Reconhecer os comportamentos inadequados. -Reconhecer a necessidade de mudança 	-Em grande grupo, pelo questionamento sobre as respostas dadas no questionário e reflexão participação no jogo “Corrida a três pés”, pretendemos que o alunos deduzam os princípios gerais inerentes ao trabalho cooperativo, indispensáveis ao desenrolar da acção educativa.	Cumprimento das regras básicas da comunicação Oral Participação nos diálogos Identificação dos comportamentos correctos em trabalhos de grupo

Quadro 7: Relatório das actividade: Reflexão jogo/questionário “Corrida a três pés”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A reflexão iniciou-se com o relembrar das condições básicas para se aprender e dialogar: ouvir sem interromper, pensar antes de falar, esperar pela sua vez para falar, estar bem sentado.</p> <p>O relógio do Rui tocou e perturbou o início da actividade: com algum divertimento primeiro seguido de constrangimento, explica que o relógio toca a cada hora e que o pai já tentou desactivá-lo e não consegue. Questionado sobre a perturbação que essa situação provoca na sala de aula, o aluno explica que provoca alguma perturbação mas que ele logo desactiva o toque.</p> <p>Novamente questionado, o aluno concluiu que essa situação acaba por prejudicar a atenção de muitos colegas e também dele próprio.</p> <p>Questionado sobre a necessidade de ter o relógio na escola o aluno chega à conclusão que não lhe faz assim tanta falta. O aluno D também exhibe o seu relógio e também admite que apesar de não tocar, ele próprio se distrai muito com o relógio e que o pode usar só em casa. A professora propõe-lhe que pensem se não será melhor deixar o relógio em casa.</p> <p>Seguidamente, a professora questionou individualmente os alunos sobre o objectivo do jogo ao que os alunos na sua maioria, referiram que era chegar à meta, cumprindo as regras e o Dv diz que “É para nos dar-mos melhor”. No final verificaram que a sua opinião sobre o objectivo do jogo se mantinha e era consensual, excepto o Gonçalo que mudou a sua opinião: o objectivo não era só ganhar mas sim participar cumprindo as regras.</p> <p>Questionados sobre a escolha do jogo “Corrida a três pés” alguns alunos referiram que a escolha do jogo foi para eles aprenderem a trabalhar em equipa. Questionados sobre o que é trabalhar em equipa, os alunos foram apresentando as suas opiniões e chegaram à conclusão que têm de se preparar para a tarefa, combinar uma estratégia, cada um dar o seu melhor, de se ajudarem uns aos outros e assim conseguirem o objectivo - aprender ou ganhar no caso de ser um jogo.</p> <p>O Tiago e a Sara questionam o motivo da intervenção da professora de apoio nas actividades da turma, ao que a Alice se propõe responder: “- Às vezes não nos damos bem” e o Tomás acrescenta: - Temos de melhorar o comportamento e sermos amigos uns dos outros.”</p> <p>O Damião intervém e diz: O Tomás não é meu amigo” O Salvador interrompe dizendo que o Damião também faz coisas aos seus colegas. O Tomás explica: Há os donos da bola. O dono da bola é que diz quem joga. No outro dia deixamos o Damião jogar. Ele agarrou na bola e não nos deixava jogar.</p> <p>A professora explicou que embora a bola tivesse dono, o recreio é de todos e têm de deixar os outros colegas também jogar e que o Damião também teria de cumprir as regras do jogo. Explicou também que os que sabem as regras, as devem</p>	<p>Reconheceu que os colegas que ganharam eram melhores</p> <p>Acaba por concordar com os colegas: reconhece que o objectivo não era ganhar mas participar cumprindo as regras</p>	<p>Inicialmente, as regras básicas da comunicação oral foram difíceis de cumprir pela generalidade da turma mas acabaram por melhorar e decorrer com alguma normalidade.</p>

<p>explicar aos que as não cumprem.</p> <p>O Damião continuou com um ar um pouco zangado dizendo que os colegas o queriam matar. Aí gerou-se alguma polémica e, por fim, a Margarida Moreira contou que alguns colegas faziam uma brincadeira com um boneco, ao qual lhe chamavam “Damichocolate”, brincadeira essa que termina com a morte do boneco. A professora explicou que não se deve atribuir o nome de um colega a uma brincadeira daquele género, e que era natural que o Damião não se sentisse bem ao conhecer o que acontecia a um boneco que tinha aquele nome. Explicou também que, quando um colega não gosta de uma brincadeira, devemos respeitar isso e que não a devemos continuar a fazer. Aconselhou os alunos ocuparem o tempo com outras brincadeiras.</p> <p>O Lucas referiu que era racista porque “no 1º ano, o Damião deu-me um pontapé e fiquei com uma nódoa negra. Penso que ainda a tenho. É por isso que sou racista, isto é, não gosto de pessoas com a pele escura”. A Matilde interrompeu o Lucas e disse: não digas isso porque a Cláudia tem problemas por causa da cor da sua pele. Ela está quase a chorar. Após algumas intervenções sobre esta questão professora e alguns colegas explicaram à Cláudia que tinha uma cor de pele muito bonita e que muitas meninas e senhoras gostariam de ter o seu tom de pele. Por isso é que no verão iam para a praia bronzear-se e mesmo durante o inverno iam para os solários.</p> <p>Dada a hora do terminus das actividades lectivas, não foi possível aprofundar a questão colocada directamente pelo Lucas, ficando para uma próxima oportunidade.</p>		
---	--	--

Quadro 8: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se atingidos tendo em conta a participação activa do Gonçalo na reflexão feita em conjunto assim como da turma, a partir da qual nos é possível destacar alguns temas e valores a desenvolver em próximas sessões (a partilha, a aceitação das diferenças, os direitos da criança)</p>

Quadro 9: Planificação: Contrato Pedagógico

Objectivos gerais: - Cumprir regras - Respeitar as aprendizagens - Respeitar o outro e a si próprio			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Língua Portuguesa Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Ser paciente - Falar tendo em conta o contexto - Ler e interpretar as regras estabelecidas - Avaliar o seu comportamento e atitudes - Responsabilizar-se pelo seu comportamento - Reconhecer a necessidade de cumprir regras para o bom funcionamento das actividades lectivas - Estabelecer acordos - Cumprir as regras estabelecidas 	<p>O Gonçalo interrompe constantemente as actividades escolares não respeitando as regras básicas estabelecidas e essenciais ao funcionamento da sala de aula. Muitos colegas contribuem para esta situação.</p> <p>Os alunos já têm um contrato pedagógico mas não o cumprem.</p> <p>Pretendemos explorar as regras estabelecidas no contrato, reflectir sobre o comportamento individual e colectivo e levar os alunos a comprometerem-se perante a turma e os professores a cumprirem as regras estabelecidas.</p> <p>Pela ficha de registo de comportamento individual, com uma grelha diária e semanal, pretendemos que o Gonçalo e a turma auto-regulem o seu comportamento.</p>	- Participação nos diálogos

Quadro 10: Relatório da actividade: Contrato Pedagógico

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A actividade foi iniciada com a entrega e exploração de cada uma das regras do contrato da turma. Cada aluno foi manifestando o seu cumprimento ou não cumprimento das regras.</p> <p>Os alunos foram justificando o seu comportamento incorrecto como resultado do comportamento dos outros.</p> <p>Alguns alunos, entre eles o Gonçalo, foram mostraram alguma indignação face a afirmações dos colegas sobre os seus comportamentos.</p> <p>Os alunos reconheceram que não têm uma atitude correcta na sala de aula e na escola em geral e que necessitam alterar o comportamento.</p> <p>O professor fez a apresentação da ficha de controlo de comportamento: foi analisada e entregue a cada aluno.</p> <p>No final, cada aluno comprometeu-se perante a turma a cumprir as regras estabelecidas e renovaram a assinatura no seu contrato e num contrato global da turma exposto na sala.</p>	<p>O Gonçalo, com grande reforço, foi controlando a sua intervenção</p>	<p>Os alunos participaram nos diálogos, em alguns momentos com manifesta indignação</p>

Quadro 11: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se atingidos tendo em conta consciencialização do comportamento incorrecto e da necessidade de o alterar, tanto pelo Gonçalo como pelos colegas. A ficha de controlo de comportamento pensamos que terá efeitos a curto prazo.</p>

Quadro 12: Planificação: “O Pássaro da Alma” (2 sessões)

Objectivos gerais: - Reconhecer que todos temos sentimentos - Reconhecer sentimentos - Respeitar o outro e a si próprio			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Expressão Plástica Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper -Ouvir atentamente - Falar um de cada vez - Falar baixo para não perturbar os outros -Ser paciente - Aceitar as diferenças - Elogiar os outros - Dizer coisas agradáveis - Encorajar os outros -Ajudar os outros -Usar os nomes das pessoas - Partilhar materiais - Partilhar opiniões - Aceitar opiniões diferentes - Partilhar conhecimentos - Conhecer os sentimentos - Compreender os sentimentos dos outros - Demonstrar sentimentos -Identificar sentimentos - Dar o seu melhor para o seu sucesso e do grupo - Cumprir regras estabelecidas - Ler o texto do livro “O Pássaro da Alma” - Interpretar o texto - Identificar a mensagem implícita no texto - Comunicar mensagens por gestos - Representar mimicamente a mensagem de um extracto do texto. - Interpretar mensagens gestuais - Imaginar o “Pássaro da Alma” - Desenhar o seu “Pássaro da Alma” - Respeitar as apresentações dos outros - Apreciar criticamente as representações dos colegas - Partilhar as conclusões ao grupo/turma. 	<p>O Gonçalo e os colegas da sua turma têm muita dificuldade em respeitar as regras básicas da comunicação oral, as opiniões dos seus pares. Alguns alunos também exteriorizam muito pouca sensibilidade para com os sentimentos dos outros como confirmámos na primeira sessão.</p> <p>Em pequenos grupos (3 - 4 alunos, formados por iniciativa dos alunos de modo a facilitar a consolidação, nesta primeira fase de introdução destes princípios) pretendemos que os alunos trabalhem num grupo mais alargado, apliquem as competências inerentes ao trabalho cooperativo abordadas na sessão anterior e reconheçam que todas as pessoas têm sentimentos:</p> <p>1 – Pelo intercâmbio entre grupos promover a aceitação de opiniões diferentes e o seu o contributo para o enriquecimento do trabalho a desenvolver</p> <p>2 - Pela partilha de opiniões promover o desenvolvimento da conversação social, de respeito pelo outro e pelas suas opiniões.</p> <p>3-Pelo identificação da mensagem implícita no texto, o reconhecimento de sentimentos em todas as pessoas.</p> <p>4 – Pelo desenho pretendemos promover a partilha de materiais.</p> <p>5- Pela representação de um extracto do texto, pretendemos promover a interdependência positiva e o respeito pelo trabalho do outro.</p> <p>6-Pela análise das actuações pretendemos desenvolver o sentido crítico numa vertente positiva.</p> <p>Relativamente ao Gonçalo, sendo a leitura oral um ponto forte dele, será convidado a ler para toda a turma, promovendo a sua auto-estima e a demonstração de competências aos seus colegas da turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Participação nas actividades de pequeno grupo - Empenho nas representações - Apreciação crítica das apresentações

Quadro 13: 1ª sessão: “O Pássaro da Alma” - Mensagem principal do texto

Objectivos Gerais: - Reconhecer que todos temos sentimentos - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Expressão Plástica Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Partilhar opiniões - Elogiar os outros - Dizer coisas agradáveis - Encorajar os outros -Ajudar os outros -Usar os nomes das pessoas - Partilhar materiais - Aceitar opiniões diferentes <ul style="list-style-type: none"> - Ler um excerto do livro “O pássaro da Alma” - Interpretar o texto - Identificar a mensagem implícita no texto <ul style="list-style-type: none"> – Partilhar as conclusões ao grupo/turma. - Imaginar o “Pássaro da Alma” - Desenhar o pássaro da alma <ul style="list-style-type: none"> - Cumprir regras estabelecidas 	<p>Em pequenos grupos (3 - 4 alunos, formados por iniciativa dos alunos de modo a facilitar a consolidação, nesta primeira fase de introdução destes princípios) pela leitura e interpretação do excerto do texto” “ O Pássaro da Alma” e partilha de opiniões sobre o texto, pretendemos que os alunos trabalhem num grupo mais alargado e apliquem as competências inerentes ao trabalho cooperativo abordadas na sessão anterior:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Pelo intercâmbio entre grupos promover a aceitação de opiniões diferentes e o seu contributo para o enriquecimento do trabalho a desenvolver 2 - Pela partilha de opiniões promover o desenvolvimento da conversação social, de respeito pelo outro e pelas suas opiniões. 3-Pelo identificação da mensagem implícita no texto, o reconhecimento de sentimento em todas as pessoas. 4 – Pelo desenho pretendemos promover a partilha de materiais, a entreaajuda e o elogio e o encorajar o outro. <p>O Gonçalo, sendo a leitura oral um ponto forte dele, será convidado a ler para toda a turma, promovendo a sua auto-estima e a demonstração de competências aos seus colegas da turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Participação nas actividades de pequeno grupo

Quadro 14: Relatório da actividade: “O Pássaro da Alma” - Mensagem principal

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>Em pequenos grupos (3 - 4 alunos, formados por iniciativa dos alunos):</p> <p>1º - Ler, interpretar e identificar a ideia principal do excerto do texto “ O Pássaro da Alma”.</p> <p>Em pequenos grupos os alunos leram, interpretaram e escreveram uma frase sobre o excerto do texto.</p> <p>O Gonçalo perturbou um pouco o trabalho do seu grupo: não tinha percebido o texto e não deixava os colegas ler, tendo havido a necessidade de a professora intervir.</p> <p>2º - Partilhar a ideia principal com os outros grupos.</p> <p>Um elemento de cada grupo trocou de grupo e partilhou com o novo grupo a sua conclusão.</p> <p>3º – Partilhar as conclusões ao grupo/turma.</p> <p>No final, cada grupo exprimiu a sua ideia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - sobre o texto: misterioso e aventureiro - o pássaro: representa a nossa alma e o que nós sentimos. <p>4º - No final, Gonçalo leu o texto para o grupo/turma, com expressividade.</p> <p>5º - Imaginar e desenhar o “Pássaro da Alma”</p> <p>A proposta de trabalho foi apresentada e a partilha de materiais foi bem aceite por todos os alunos.</p> <p>Alguns alunos referiram terem dificuldade no desenho e o Gonçalo demonstrou insatisfação pelo seu desempenho na representação do pássaro. Os alunos foram comparando as suas representações com as dos colegas destacando as melhores ou mais engraçadas representações.</p>	<p>O Gonçalo, após algum reforço, participou positivamente nas actividades.</p> <p>Necessitou de ser estimulado para concluir o seu trabalho</p>	<p>Os alunos de todos os grupos procuraram falar baixo e demonstraram uma boa participação entre eles, à excepção do grupo do Afonso, Diogo e Tomás que não conseguiram minimamente concentrar-se na proposta de trabalho.</p>

Quadro 15: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se atingidos pela capacidade de controlo do comportamento conseguida pelo Gonçalo na dinâmica do grupo assim como pela aceitação pelos seus colegas da sua contribuição.</p> <p>Relativamente à apreensão da mensagem do texto também foi conseguida como podemos verificar pelas suas impressões acerca do texto:</p> <p>“Nós achamos que este texto é complicado no início mas aventureiro.</p> <p>Achámos que o texto fosse aventureiro porque na parte do fim diz que há um pássaro da alma”.</p> <p>“Nós achamos que este texto fala do Pássaro da Alma que está dentro de nós lá bem no centro no coração. A alma é um pássaro que sente o mesmo que nós (é a nossa alma gémea)”.</p> <p>“Nós já percebemos que o “ Pássaro da Alma” é a alma que está dentro de nós pois ela sente tudo o que nós sentimos.</p>

Quadro 16: 2ª sessão: “O pássaro da Alma” - Identificar sentimentos

Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer sentimentos - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto 			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Expressão Plástica Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Partilhar opiniões - Aceitar opiniões diferentes - Partilhar conhecimentos - Conhecer os sentimentos - Compreender os sentimentos dos outros - Demonstrar sentimentos - Identificar sentimentos - Elogiar os outros - Dizer coisas agradáveis - Encorajar os outros - Dar o seu melhor para o seu sucesso e do grupo - Ler um excerto do livro “O Pássaro da Alma” - Identificar a mensagem implícita no texto - Comunicar mensagens por gestos - Representar mimicamente a mensagem de um extracto do texto. - Interpretar mensagens gestuais - Respeitar as apresentações dos outros - Apreciar criticamente as representações dos colegas - Partilhar as conclusões ao grupo/turma. - Cumprir regras estabelecidas 	<p>Em pequenos grupos (grupos da sessão anterior) pela leitura e interpretação do extracto do texto” “ O Pássaro da Alma” (diferente para cada grupo) e partilha de opiniões sobre o texto e sua representação para os colegas, pretendemos que os alunos trabalhem num grupo mais alargado e apliquem as competências sociais inerentes e identifiquem os sentimentos das pessoas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Ler e interpretar um excerto do texto “ O Pássaro da Alma”, diferente de grupo para grupo. 2 – Identificar a mensagem do texto e representá-la mimicamente para os outros colegas. 3 – Descobrir as mensagens representadas 4 - Partilhar as conclusões ao grupo/turma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação no grupo - Participação nos diálogos de grupo/turma - Envolvimento na representação do grupo - Respeito manifestado pelas representações dos colegas -Apreciação crítica das actividades

Quadro 17: Relatório da actividade: “O Pássaro da Alma”- Identificar sentimentos

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da tur- ma
<p>Em pequenos grupos os alunos leram, interpretaram e combinaram como representar a mensagem do seu texto aos outros grupos.</p> <p>Os alunos de todos os grupos procuraram falar baixo e demonstraram uma boa participação entre eles, à excepção novamente do grupo do Afonso, Diogo e Tomás que não conseguiram concentrar-se na proposta de trabalho. O Diogo teve de ser afastado temporariamente do grupo e, a partir desse momento, os outros dois colegas tentaram minimamente realizar o trabalho proposto. O Gonçalo deu um bom contributo ao seu grupo.</p> <p>Todos os grupos representaram a sua mensagem (os sentimentos) que foi facilmente identificada pelos colegas, à excepção da última, por ser mais extensa. Esta foi lida novamente e representada ao mesmo tempo.</p> <p>Seguidamente, todos os textos foram lidos de modo a que se fizesse uma melhor compreensão da totalidade do texto e o Gonçalo pediu novamente para ler o texto correspondente ao seu grupo.</p> <p>No final, o Gonçalo teve um comportamento menos correcto e um colega disse-lhe: “ - Olha o teu pássaro da alma.” - ao que ele logo respondeu “- Pois, não pode ficar triste. Tenho de me portar bem.”</p>	<p>O Gonçalo, deu um bom contributo na representação</p> <p>Manifestou interesse pelas representações dos seus colegas</p> <p>Identificou com facilidade os sentimentos representados.</p>	<p>Melhorou o respeito pelas regras da comunicação oral nos diálogos em pequeno grupo e em grupo/turma</p> <p>- Todos os alunos se envolveram na representação do grupo, procurando repartir os papéis de acordo com as características de cada um.</p> <p>- Manifestaram respeito pelas representações dos colegas</p> <p>-A apreciação crítica das actividades foi bastante construtiva.</p>

Quadro 18: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se atingidos tanto pelo controle comportamento do Gonçalo na dinâmica do grupo como pela aceitação da sua contribuição pelos seus colegas.</p>

Quadro 19: Planificação: “Graças à bola” (2 sessões)

Objectivos Gerais: - Partilhar brincadeiras - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto - Respeitar as aprendizagens			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Expressão Plástica Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Falar em voz baixa para não perturbar os colegas - Partilhar opiniões - Partilhar conhecimentos - Partilhar objectos pessoais - Reconhecer situações da vida real que implicam partilha - Reconhecer atitudes incorrectas - Saber pedir desculpa - Mostrar sentimentos positivos - Conhecer sentimentos - Compreender os sentimentos dos outros - Combinar tarefas - Brincar com todos - Reflectir sobre os comportamentos - Seguir instruções - Analisar cada imagem - Interpretar uma banda desenhada sem legendas (3 imagens) - Escrever um texto, segundo um plano - Ler e interpretar um texto - Identificar sinónimos - Ordenar frases do resumo do texto - Cumprir regras estabelecidas 	<p>O Gonçalo sente dificuldade na integração em brincadeira com os seus colegas da turma, pela sua postura e pela dos colegas. Pela análise das gravuras com uma situação de conflito pela partilha de uma bola e respectiva brincadeira, pretendemos levar os alunos a reflectir sobre a partilha e gestão das brincadeiras e jogos no espaço escolar.</p> <p>Pela composição a pares pretendemos promover, essencialmente, a entreaajuda (o Gonçalo tem dificuldades na construção de textos) e a partilha de ideias.</p> <p>Pelo guião apresentado pretendemos que os alunos se foquem na partilha de ideias para a construção do texto.</p> <p>Ler ou expor o trabalho realizado pelo Gonçalo e seu par, assim como de alguns mais significativos, irá reforçar a auto-estima do aluno.</p> <p>A correcção e sua escrita no computador, irá reforçar o conhecimento do outro, a aceitação de opiniões diferentes e a ligação afectiva entre o par.</p> <p>A resolução, também pelo mesmo par, de uma ficha de Língua Portuguesa baseada num texto com a história relativa às imagens da composição, irá reforçar a consolidação dos valores/comportamentos em estudo (a partilha/reconciliação/ a alegria de estar com todos). Particularmente, ao Gonçalo, irá permitir um maior envolvimento na tarefa que lhe é mais difícil desenvolver sozinho.</p>	<p>A participação não diálogos</p> <p>A mensagem da composição</p> <p>A mensagem na ilustração</p>

Quadro 20: Relatório da actividade “Graças à bola”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>1ª sessão</p> <p>A actividade iniciou-se com a apresentação geral da proposta de trabalho e com a interpretação das 3 imagens. Os alunos facilmente reconheceram o conflito apresentado nas imagens. De seguida foram apresentados os grupos de trabalho, tendo havido alguma manifestação de insatisfação.</p> <p>O par previamente escolhido para o Gonçalo, apesar de ter manifestado algum desagrado, aceitou.</p> <p>Os alunos agruparam-se e fizeram a composição seguindo o plano estabelecido e entregue a cada par com as indicações:</p> <p>1º - Já sabes que, para realizares um bom trabalho a pares, tens de dialogar e entrar em acordo com o teu colega sobre o que vão fazer e como o vão fazer. Assim, conversando com o teu colega, debes rapidamente</p> <p>1- observar os pormenores das imagens</p> <p>2 - imaginar uma história a partir de todas as imagens</p> <p>3 – escrever a história: para escreveres a história lembra-te que:</p> <p>- uma história divide-se em 3 partes:</p> <p>Introdução – apresentação geral (personagens, espaço, tempo)</p> <p>Desenvolvimento – a história em pormenor</p> <p>Conclusão – a tua opinião sobre a história ou a mensagem que se pretende transmitir</p> <p>(Não te esqueças de lhe dar um título)</p> <p>2ª sessão</p> <p>A segunda sessão consistiu na realização de duas tarefas a pares e em simultâneo – a resolução da ficha de Língua Portuguesa e a escrita no computador composição já anteriormente corrigida pelo professor e com observações escritas para o seu melhoramento.</p> <p>Os pares da sessão anterior mantiveram-se.</p> <p>No final, todos os trabalhos da composição foram impressos e expostos na sala de aula.</p>	<p>Controlou a sua participação nos diálogos</p> <p>Aderiu à proposta de escrita com o seu par</p> <p>Não escreveu mas contribuiu para a construção do texto com o seu par</p>	<p>Os alunos respeitaram as regras do diálogo e de trabalho a pares</p>

Quadro 21: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)

Os objectivos definidos para as duas sessões, consideram-se atingidos pela análise dos trabalhos realizados e pelo controle do comportamento na dinâmica do trabalho a pares e no grupo/turma demonstrada pelo grupo turma, salientando o empenho nas actividades de Língua Portuguesa do Gonçalo. O empenho mostrado pelo Gonçalo leva-nos a colocar a hipótese de realizar outras actividades de escrita a pares e assim motivar o aluno nesta área.

Pela análise dos trabalhos realizados a pares (Composição, Ficha de Língua Portuguesa/reflexão sobre 4 questões), consideramos que os valores e atitudes em estudo foram apreendidos:

Composição: verificamos que, a maioria dos alunos considera a atitude da dona da bola egoísta mas, até certo ponto, compreensível (a bola era nova e ela não a queria sujar), desculpabilizam-na e não a pressionam. Alguns questionam-na quando ela se tenta integrar na brincadeira ou em situações idênticas de sala de aula, todos a aceitam na sua brincadeira quando ela pede desculpa pela sua atitude e partilha a sua bola. Muitos alunos terminam a composição com uma conclusão que se refere ao reconhecimento da partilha como a atitude correcta, a alegria da brincar com todos. Alguns alunos generalizam para outras situações idênticas. Um par refere-se ao “Pássaro da Alma” e todos evidenciam no seu trabalho os sentimentos/valores decorrentes da situação vivida: egoísmo, tristeza, desilusão, solidão, amizade, divertimento, zanga, felicidade, aborrecimento, desilusão, reconciliação, partilha.

A composição elaborada pelo Gonçalo e seu par (com boas competências na escrita de textos), inicia com o enquadramento da personagem principal como tendo um perfil pouco social – sempre triste, sozinha e sem querer partilhar coisas e brincadeiras e termina com a integração nas brincadeiras.

Ficha de Língua Portuguesa, reflexão em pequeno grupo sobre 4 questões (1- Nós pensamos que a menina agiu mal quando não quis emprestar a bola. Concordas? O que é que no texto te leva a pensar dessa forma? 2- Quando partilhamos, todos enriquecemos um pouco. Comenta esta ideia. 3- Tenta explicar o que é a partilha. 4- Dialoga com os teus colegas sobre o que pensa cada um deste assunto.)

A maioria dos alunos considera a atitude egoísta, reforçam a compreensão / desculpabilização da dona da bola, identificam a partilha de brinquedos/material escolar como a atitude correcta (os outros emprestam as coisas nós também devemos emprestar) e reconhecem esta atitude como enriquecedora para todos (ganhamos amizades novas)e consideram o arrependimento, a reconciliação e a aceitação como atitudes indispensáveis para que todos fiquem melhor (Quando somos amigos nada corre mal tal como aconteceu na história – todos ficaram amigos).

Na reflexão do Gonçalo e seu par verificamos que também compreendem a atitude da menina (Eu não concordo porque a menina não quis a sua bola suja) entendem que partilhar é igual a emprestar, que não devemos ser egoístas porque assim só perdemos amigos.

Quadro 22: Planificação: “És obrigado a respeitar sempre os outros?”

Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Manifestar respeito pelo outro - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto 			
Área	Objectivos Específicos	Estratégia	Avaliação
Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar o texto e as imagens do powerpoint - Ouvir sem interromper - Escutar atentamente - Falar na sua vez - Ser paciente - Usar os nomes das pessoas - Aceitar opiniões diferentes - Falar tendo em conta o contexto - Participar de forma igual - Partilhar opiniões em grande e pequeno grupo - Reconhecer situações da vida real que implicam a manifestação do respeito pelo outro - Reconhecer que se aprende com a discussão das ideias /opiniões diferentes. - Mostrar sentimentos positivos - Defender os seus direitos - Cumprir regras estabelecidas 	<p>O Gonçalo na aplicação do conceito de respeito no contexto de sala de aula. Também um grupo de colegas da turma manifestam a mesma dificuldade para com os seus pares e professores.</p> <p>Pela apresentação e análise das imagens de situações da vida real que representam situações controversas, pretendemos levar os alunos a reflectir sobre o seu posicionamento face a essas situações.</p> <p>Pela reflexão, primeiro em pequeno grupo e depois em grande grupo sobre a questão: “És obrigado a respeitar sempre os outros?”, pretendemos promover a partilha e aceitação de diferentes opiniões e o sentimento de pertença a um grupo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Participação no trabalho de grupo

Quadro 23: Relatório da actividade: “És obrigado a respeitar sempre os outros?”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>- Apresentação do tema</p> <p>A actividade foi iniciada na sala de aula, onde os alunos foram informados do local onde iríamos desenvolver a actividade e foram lembradas as regras gerais a cumprir no percurso sala de aula - Centro de Recursos - assim como da organização dos alunos no referido espaço, o que acabou por decorrer com muito respeito pelas orientações dadas.</p> <p>A apresentação do texto “És obrigado a respeitar sempre os outros?” foi decorrendo com a leitura das diferentes partes do texto por vários alunos assim como a interpretação das imagens, de modo a que todos participaram activamente. A actividade foi decorrendo com a manifestação de diferentes posicionamentos faces às situações apresentadas, sempre com bastante respeito pela vez de cada um ler ou falar.</p> <p>- Reflexão em pequeno grupo: “És obrigado a respeitar sempre os outros?”</p> <p>Após a apresentação, os alunos foram divididos em pequenos grupos para responderem à pergunta do título do texto. Os alunos procuraram falar baixo e responderam à pergunta dentro do tempo estipulado. No grupo do Gonçalo gerou-se alguma polémica pois o grupo discordava da sua opinião. Com o apoio do professor, rapidamente o grupo repensou a sua postura e adaptou o texto de modo a incluir a opinião discordante do Gonçalo.</p> <p>- Partilha das conclusões de cada grupo</p> <p>Cada grupo apresentou a sua resposta e alguns alunos manifestaram o seu acordo ou discordância.</p> <p>Para terminar, foi apresentada a conclusão do livro de onde foram retiradas as imagens – a dificuldade em lidar com a questão, a ideia de respeito que cada um, o limite entre total tolerância e a boa educação, o viver em sociedade.</p>	<p>O Gonçalo, integrou-se bem nas diferentes fases da aula</p> <p>Participou com algum humor.</p> <p>Pediu para ler por diversas vezes mas acabou por aceitar ler na sua vez.</p> <p>Na reflexão em pequeno grupo, soube procurar o professor para ajudar a gerir o conflito gerado dentro do grupo.</p>	<p>Respeitaram as regras de circulação no espaço escolar.</p> <p>Durante a preparação para a actividade, os alunos revelaram bastante facilidade em respeitar a sua vez para ler ou falar.</p> <p>Trabalho de pequeno grupo: os alunos organizaram-se rapidamente e respeitaram as regras de funcionamento dos grupos.</p>

Quadro 24: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
--

<p>Os objectivos consideram-se atingidos relativamente ao comportamento da turma e do Gonçalo: apresentou um bom controle do comportamento na dinâmica do grupo/turma (no seu grupo gerou-se alguma polémica por existirem opiniões opostas mas conseguiram facilmente ultrapassar a situação) e por todo o interesse revelado durante toda a actividade.</p>

<p>Relativamente à questão colocada para reflexão em grupo “És obrigado a respeitar sempre os outros?” após a apresentação do texto controverso “Sim porque...Não porque..”, a maioria dos alunos respondeu negativamente. Com a apresentação da opinião de cada grupo e a apresentação da conclusão do texto, sendo uma questão de definição algo complexa para um pleno entendimento para esta faixa etária, ficou o levantar da questão e a indicação de alguns caminhos para lidar com a questão.</p>

<p>Opiniões de alguns grupos antes da apresentação da resposta contida no texto:</p>
--

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">- Sim. Devemos porque é muito boa educação. Os outros também têm o dever de nos respeitarem.- Eu gosto de respeitar os outros se os outros me respeitarem.- Se os outros me respeitarem eu ainda respeito mais.- Nós chegamos à conclusão que não devemos respeitar as pessoas que não nos respeitam.- Não. Porque alguns podem não querer o melhor para nós.- Eu acho que às vezes não devemos respeitar os outros porque pode ser ladrão. |
|--|

Quadro 25: Planificação: Preparação da visita ao “Espaço a Brincar”

Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer aspectos gerais da visita - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças 			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Cumprir regras estabelecidas - Participar activamente - Decidir em conjunto - Localizar no mapa de Lisboa o espaço a visitar - Ler e interpretar informações contidas na página Web da CML. - Expressar opiniões sobre os direitos e deveres das crianças - Defender os seus direitos - Elaborar/recordar as regras a respeitar nas visitas de estudo 	<p>A turma vai realizar duas visitas ao “Espaço a brincar”, nas quais irão participar em actividades de exploração dos Direitos da Criança, pelo que se impõe uma preparação geral.</p> <p>A apresentação da página Web da CML sobre o “Espaço a Brincar” tem como objectivo a motivação e enquadramento das duas visitas de estudo a realizar a esse Espaço. Pela leitura e interpretação do texto informativo, os alunos recolhem informações sobre as actividades a desenvolver e suas condições de realização e proporcionará a elaboração das regras a respeitar em toda a visita.</p> <p>A leitura sobre os direitos e deveres das crianças proporcionará uma primeira abordagem para este tema das visitas de estudo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Comportamento

Quadro 26: Relatório da actividade: Preparação da visita ao “Espaço a Brincar”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A actividade foi iniciada com a explicação do caminho a seguir para chegar à página Web da CML, seguida da leitura e interpretação do texto, por diferentes alunos.</p> <p>Todos os alunos foram exprimindo a sua opinião e o seu conceito de direitos e deveres das crianças, tendo sido muito referido a necessidade de respeitar o outro.</p> <p>O Gonçalo ofereceu-se insistentemente para ler e apresentar as suas opiniões e teve alguma dificuldade em se conter, exprimindo-se com gestos de alguma impaciência e curtas expressões verbais. Para o controle do comportamento foram servindo as intervenções do professor lembrando o comportamento correcto a apresentar (esperar pela sua vez, ouvir os outros, dar a vez aos outros).</p> <p>Foram recordadas as regras a respeitar nas visitas de estudo em geral e nesta em particular tendo em conta as actividades a serem desenvolvidas: participação nos diálogos, circulação por diferentes espaços, formação dos grupos, cooperação entre pares,...</p> <p>De seguida, uma vez que parte da actividades seria em separado, orientada por dois monitores, fez-se a divisão da turma em dois grupos: os alunos aceitaram a divisão apresentada pelo professor sem levantar problemas relevantes.</p> <p>A actividade terminou com a apresentação do mapa de Lisboa onde foi assinalado o local do espaço a visitar e a escola, assim como as referências a espaços familiares dos alunos.</p>	<p>O Gonçalo teve alguma dificuldade em se conter, exprimindo-se com gestos de alguma impaciência e curtas expressões verbais.</p>	<p>Todos os alunos respeitaram as regras e participaram activamente no diálogo que se estabeleceu sobre os direitos e deveres das crianças.</p>

Quadro 27: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se atingidos pelo controle do comportamento do Gonçalo na dinâmica o grupo/turma e pelo seu empenhamento na leitura e interesse durante toda a actividade.</p>

Quadro 28: Planificação: “Viagem pelos Direitos da Criança”(2 sessões)

Objectivos Gerais: - Conhecer os Direitos da Criança - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Ser paciente - Falar tendo em conta o contexto - Partilhar opiniões - Aceitar opiniões diferentes - Aceitar as diferenças - Mostrar sentimentos positivos - Conhecer os Direitos da Criança - Partilhar conhecimentos - Partilhar experiências de vida - Conhecer os outros - Reconhecer afinidades e complementaridades - Representar situações da vida real - Ajudar os outros - Encorajar os outros - Elogiar os outros - Criticar construtivamente - Brincar, tendo em conta o contexto - Defender os seus direitos - Cumprir regras 	<p>A turma realizou duas visitas ao “Espaço a Brincar”, para desenvolver actividades dinamizadas por monitores deste espaço mas programadas em parceria:</p> <p>1ª sessão:</p> <p>1- Pela apresentação individual: “Eu sou eu ... Gosto de” Pretende-se que os alunos, professores e monitores se conheçam melhor e se criem alguns laços de afinidade</p> <p>2- Pela apresentação geral dos direitos da criança e sua divisão em 4 grupos (sobrevivência, desenvolvimento, protecção, participação) pretende-se enquadrar o tema, sua origem e razão de ser.</p> <p>3- A descoberta/exploração dos Direitos da Criança, é concretizada pela visita a quatro salas decoradas com elementos relativos a cada grupo de direitos, seguindo uma ordem:</p> <p>1- exploração livre da sala; 2- leitura dos direitos; 3- exploração de cada direitos com base nos elementos decorativos e na participação dos alunos.</p> <p>4- No final, uma pequena reflexão em grande grupo, faz-se a apreciação geral.</p> <p>2ª sessão: Criação e apresentação de um teatro de sombras</p> <p>1- A apresentação individual, para relembrar nomes e reforçar o conhecimento do outro e de afinidades, faz-se com cada um a apresentar o colega do lado direito.</p> <p>Segue-se a apresentação da actividade central da sessão - a preparação e apresentação de um teatro de sombras por cada grupo:</p> <p>- Preparação: em salas diferentes, com um monitor, cada grupo escolhe um direito e prepara uma apresentação em que entram todos os elementos do grupo.</p> <p>- Apresentação: um grupo de cada vez apresenta o seu teatro e no final os colegas têm de adivinhar qual o direito representado. A sessão termina com a reflexão final em grupo e oferta do livro “ Na terra dos Direitos”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Comportamento

Quadro 29: Planificação: Exploração da Visita ao “Espaço a Brincar”

Objectivos Gerais: - Conhecer os Direitos da Criança - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto - Respeitar as aprendizagens			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Ser paciente - Falar baixo para não perturbar os outros - Partilhar opiniões - Partilhar tarefas - Ajudar os outros - Aceitar opiniões diferentes - Combinar tarefas - Conhecer os outros - Reconhecer afinidades e complementaridades - Partilhar conhecimentos - Partilhar experiências pessoais - Escrever um texto, segundo um plano - Cumprir regras estabelecidas 	<p>A turma realizou duas visitas ao “Espaço a brincar”, nas quais participou em actividades de exploração dos Direitos da Criança.</p> <p>Pela exploração em conjunto pretendemos a aferição das visitas, a adesão pessoal às actividades e os conhecimentos retidos. Pela composição pretendemos que seja feita uma reflexão mais individualizada (a pares) sobre as visitas e a sua exteriorização. A opção pela realização a pares prende-se com a motivação e envolvimento do Gonçalo, que revela dificuldade na escrita de textos.</p> <p>O par previamente escolhido é uma aluna com bom desempenho na escrita e com capacidade para motivar e envolver o seu par.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Comportamento

Quadro 30: Relatório: Exploração da visita ao “Espaço a Brincar”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A aula iniciou-se com a exploração em grupo/turma sobre as visitas. Os alunos foram intervindo contando as suas vivências pessoais e o seu envolvimento no grupo.</p> <p>Todos os alunos manifestaram uma boa impressão sobre as actividades realizadas e também um conhecimento mais aprofundado sobre os direitos da criança, relacionando-os com a sua experiência pessoal ou do seu conhecimento próximo.</p> <p>De seguida, a escolha dos pares foi apresentada em função dos grupos formados para as visitas e fizeram uma composição seguindo o plano apresentado:</p> <p>Introdução: apresentação geral</p> <p>-quem foi,</p> <p>-como fomos</p> <p>-onde fomos</p> <p>Desenvolvimento: o que fizemos no espaço que visitámos</p> <p>-o que fomos lá fazer na 1ª vez</p> <p>- o porquê de irmos lá pela 2ª vez</p> <p>- o que fizemos:</p> <p>1º todos juntos:</p> <p>2º em grupos</p> <p>3º: a apresentação</p> <p>4º: a conclusão do trabalho</p> <p>5º: a despedida</p> <p>6º o regresso</p> <p>Conclusão: a nossa opinião</p> <p>apreciação geral da visita / mensagem / o que aprendemos/...</p> <p>Recomendação: No trabalho a pares lembra-te que o resultado do trabalho depende da tua colaboração: para escreveres uma boa composição, tens de dialogar e entrar em acordo com o teu colega sobre o que vão fazer e como o vão fazer.</p> <p>Assim, conversa apenas com o teu par, num tom que não perturbe os outros colegas da turma.</p> <p>No final, lê o teu trabalho para o teu par e assim podes verificar se há algo a corrigir ou a acrescentar.</p> <p>A composição foi posteriormente corrigida e escrita no computador pelo respectivo par.</p>	<p>O Gonçalo teve alguma dificuldade em se conter, pela vontade em contar os pormenores da sua vivência</p>	<p>Todos os alunos respeitaram as regras e participaram no diálogo</p>

Quadro 31: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos, consideram-se atingidos pelo controle do comportamento nas visitas ao “Espaço a Brincar”, empenhamento na dinâmica das actividades de pequeno grupo e de turma tanto pelo Gonçalo como pela turma. O empenho mostrado pelo Gonçalo na composição leva-nos a concluir que esta metodologia o motiva nesta área.</p> <p>Relativamente ao conteúdo das sessões – Conhecer os Direitos da Criança - verificamos pelo interesse, participação nos diálogos e entusiasmo evidenciado no teatro de sombras, os alunos interiorizaram este tema. Pela análise dos direitos escolhidos para representar podemos inferir que as suas preocupações se relacionam mais com a protecção (a seres protegido contra o consumo e o tráfico de drogas; a seres protegido contra maus tratos, violência e negligência) seguido da sobrevivência e do desenvolvimento (a cuidados de saúde, acesso a médicos e a medicamentos, à liberdade de pensamento e a praticar a religião que quiseres).</p> <p>O direito escolhido pelo grupo do Gonçalo foi: protecção contra o consumo e o tráfico de drogas.</p> <p>A conclusão geral apresentada nas composições, para além de evidenciarem o grande prazer que as sessões lhes proporcionaram, referem ainda que relembrou os direitos das crianças, não há direitos sem deveres, devemos respeitar os Direitos da Criança, é bom partilhar e que aprenderam a representar e a dar-se melhor com os outros colegas.</p>

Quadro 32: Planificação: Apresentação dos Direitos da Criança

Objectivos Gerais: - Conhecer os direitos da criança - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto - Respeitar as aprendizagens			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Falar na sua vez - Falar baixo para não perturbar os outros - Falar tendo em conta o contexto - Partilhar experiências pessoais - Partilhar conhecimentos - Partilhar opiniões - Mostrar sentimentos positivos - Cumprir regras estabelecidas - Combinar tarefas - Escrever um dos direitos da criança - Ilustrar um dos direitos da criança - Partilhar materiais - Elogiar os outros - Pedir ajuda - Usar os nomes das pessoas 	<p>A turma realizou duas visitas ao “Espaço a brincar”, nas quais participou em actividades de exploração dos Direitos da Criança.</p> <p>Pela ilustração de cada um dos alunos sobre a visita e a versão reduzida dos direitos da criança pretendemos construir um power-point para posteriormente ser apresentado a outras turmas.</p> <p>Para tal, a turma será dividida em 5 grupos, cada um ficará com uma tarefa específica, para no conjunto obtermos o trabalho a apresentar a toda a turma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos diálogos - Participação no grupo

Quadro 33: Relatório: Apresentação dos Direitos da Criança

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A aula iniciou-se com a apresentação da proposta de construção do PowerPoint sobre os direitos da criança a partir de ilustrações a serem realizadas. Os alunos aceitaram a proposta e rapidamente se organizaram nos grupos apresentados pelo professor.</p> <p>A partir do guião, cada grupo foi iniciando o seu trabalho.</p> <p>O grupo que ficou encarregue da introdução teve mais dificuldade em perceber a proposta e solicitou ajuda do professor.</p> <p>Os outros grupos foram realizando os desenhos e escrevendo no computador os direitos correspondentes ao seu grupo.</p> <p>A actividade decorreu com algum barulho, confusão e brincadeira: os diferentes grupos revelaram dificuldade em trabalhar em grupo mais alargado e com uma actividade mais diversificada e menos dirigida.</p> <p>O PowerPoint, posteriormente, foi construído pelo Professor de apoio, a partir das participações de cada grupo.</p>	<p>O Gonçalo teve alguma dificuldade em participar</p> <p>Empenhou-se pouco</p>	<p>Todos os alunos sentiram dificuldade em se organizarem e se concentrarem na actividade</p>

Quadro 34: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos, consideram-se atingidos parcialmente tendo em conta que o Gonçalo teve fraca prestação, tendo aproveitado para brincar e conversar. Os alunos demonstraram ainda falta de autonomia para realizarem actividades com menos orientação pelo professor e num grupo mais alargado, tanto para se empenharem no trabalho como para resolver os pequenos conflitos inerentes ao trabalho de grupo. Será necessário reforçar as competências aqui deficitárias.</p>

Quadro 35: Planificação: Auto-avaliação do Comportamento

Objectivos Gerais: - Avaliar as atitudes e comportamentos individuais durante o 2º período			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica - Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir atentamente - Ler, interpretar e responder às questões colocadas - Auto-avaliar as suas atitudes e comportamento - Reconhecer os aspectos em que melhorou - Reconhecer os aspectos que ainda necessita melhorar. 	<p>Após as sessões desenvolvidas introduziu-se uma auto-avaliação a fim de aferir a interiorização de atitudes e valores e dificuldades sentidas em gerir o seu comportamento.</p> <p>Pelo questionário individual, pretendemos recolher elementos para aferir e reorientar a intervenção.</p>	<p>Participação na actividade</p> <p>Resposta ao questionário</p>

Quadro 36: Relatório: Auto-avaliação do Comportamento

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>Em grupo/turma:</p> <p>A actividade foi iniciada com a explicação do objectivo da autoavaliação e da necessidade de cada um ser o mais cuidadoso na veracidade das suas respostas, devendo para tal, reflectir antes de responder. O professor leu as questões e esclareceu as dúvidas colocadas.</p> <p>De seguida o questionário foi distribuído aos alunos e foi pedido para colocarem as dúvidas ao professor, em tom baixo, de modo a não perturbar os outros colegas.</p> <p>Esta regra foi respeitada durante parte do tempo mas quando a maioria já tinha terminado, começou a sentir-se alguma agitação na sala e pequenas conversas entre os colegas da turma. Esta situação gerou-se, em parte, porque uma das alunas (Sara), em tratamento para uma observação aos olhos, teve de ser apoiada na leitura das questões e os últimos alunos tiveram de ser incentivados e ajudados a terminar pois começaram também a desconcentrar-se e a distrair-se com o que se passava na sala.</p> <p>O Gonçalo respondendo ao questionário e controlando o seu comportamento com a ajuda do reforço positivo do professor.</p>	<p>O Gonçalo foi controlando o seu comportamento.</p>	<p>Os alunos da turma respeitaram as regras quase até final da actividade</p> <p>Todos conseguiram responder ao questionário</p>

Quadro 37: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)

Os objectivos desta sessão consideram-se atingidos pelo empenhamento que os alunos demonstraram em responder às questões colocadas.

Relativamente à análise das respostas verificamos que há uma boa consciencialização sobre o ambiente em sala de aula, o que já melhorou e o que pode ainda melhorar:

1- A turma

- Todos os alunos identificam colegas com os quais pensavam que não gostavam de trabalhar e com os quais realizaram trabalhos.

- Todos os alunos reconhecem vantagens nos trabalhos em grupo ou a pares: leva-os a conhecer melhor outros colegas, a relacionarem-se com os outros, a aprenderem uns com os outros, a ter mais amigos, ...

- A regra que consideram mais importante e mais difícil de cumprir é “Falar um de cada vez” seguida de “Ajudar os colegas” e “Aceitar as diferenças”.

Das regras do contrato pedagógico que os alunos consideram que precisam melhorar são: respeitar as regras em todas as aulas; esperar a minha vez, levantar-me do meu lugar só com autorização do professor; realizar os trabalhos individuais em silêncio.

Gostariam que o comportamento melhorasse na turma

Reconhecem que podem aprender com os pares e identificam situações concretas

2- O Gonçalo

O Gonçalo reconhece que conseguiu trabalhar com duas colegas com as quais pensava não conseguir trabalhar e considera isso importante por não serem suas amigas.

A regra que considera mais importante cumprir é - Falar um de cada vez - porque “*se falarmos todos ao mesmo tempo não se percebe nada*”.

A regra que mais dificuldade tem em cumprir é: dizer coisas agradáveis.

O que gostaria que melhorasse na turma era - não falar sem autorização do professor.

Entende que “*Aprendemos uns com os outros*” significa que “*Eu posso contar com os meus colegas e eles comigo*” e exemplifica: *aprendeu com os colegas que se deve passar a bola.*

Os aspectos em que pensa ter melhorado são:

- ser assíduo e pontual
- fazer sempre os trabalhos de casa
- não arrastar mesas e cadeiras
- evitar ir à casa de banho durante as aulas
- entrar ou sair de forma correcta na sala de aula
- sair da sala só quando o professor autorizar
- ajudar os meus colegas nos trabalhos
- respeitar os gostos e brincadeiras dos meus colegas
- assumir a responsabilidade pelos meus actos

Pensa que tem de melhorar ainda:

- falar baixo na sala de aula
- levantar o dedo para falar e esperar a minha vez
- ouvir os outros sem interromper
- levantar-me do meu lugar só com autorização do professor
- ouvir com muita atenção o professor
- realizar os trabalhos individuais em silêncio
- ter o material escolar sempre limpo e organizado

- trazer diariamente o material indispensável para um bom desempenho nas aulas
 - circular calma e ordeiramente
 - entrar ou sair de forma correcta na sala de aula
 - sair da sala só quando o professor autorizar
 - ajudar os meus colegas nos trabalhos
 - brincar no recreio com cuidado
 - colaborar na conservação de todos os espaços
 - respeitar as regras em todas as aulas
 - respeitar colegas, professores e auxiliares
- 3- A actividade que os alunos consideraram importante ou de que mais gostaram no 2º Período foi a realização do teatro na visita ao Espaço a Brincar. O Gonçalo gostou de ir ao cinema porque vai poucas vezes.

Quadro 38: Planificação: “Não faz mal...”

Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o valor da diferença - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar para o conjunto - Respeitar as aprendizagens 			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Expressão Plástica Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Partilhar opiniões em grande - Ler o texto do livro “Não faz mal...” - Analisar cada frase e cada desenho - Reconhecer situações da vida real que implicam a manifestação do respeito pelo outro - Reconhecer que se aprende com a discussão das ideias /opiniões diferentes. - Mostrar sentimentos positivos - Dizer coisas agradáveis - Escrever um texto, seguindo um plano - Ilustrar duas frases alusivas ao tema - Defender os seus direitos - Cumprir regras estabelecidas 	<p>Pela leitura do livro “Não faz mal...”</p> <p>Pretendemos explorar características individuais das pessoas e de situações da vida real em que as diferenças são olhadas de forma positiva ou como um valor. Através da composição individual pretendemos aferir a interiorização dos valores abordados, no Gonçalo e na turma. O plano da composição permitirá ao Gonçalo a estruturação do seu trabalho (área em que revela dificuldade) e conduzirá os alunos a reflectirem e exprimirem o seu posicionamento, em especial, na aceitação das diferenças do outro:</p> <p>diferenças físicas que existem nas pessoas, diferentes maneiras de ser, a sua importância, vantagens ou desvantagens em haver diferenças e o que é mesmo muito importante.</p> <p>Pelo desenho pretendemos o consolidar o conceito em estudo e valorizar “livro”que será construído com todos os trabalhos, após correcção das composições.</p>	<p>A participação nãos diálogos</p> <p>A mensagem da composição</p> <p>A mensagem na ilustração</p>

Quadro 39: Relatório da actividade: “Não faz mal...”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>A proposta de trabalho foi apresentada numa folha individual com a sequência do trabalho a realizar: fazer um livro da turma com as composições e os desenhos de cada um com base na exploração do livro “Não faz mal...”</p> <p>Para a composição foi apresentado o plano de trabalho e explicado em pormenor tanto ao nível da estrutura como do conteúdo e foram esclarecidas as dúvidas:</p> <p><u>a) Introdução:</u> apresentação geral do tema que vais desenvolver</p> <p><u>b) Desenvolvimento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> -Fala das diferenças físicas que existem nas pessoas – podes dar exemplos pensando nas pessoas que conheces, nos teus amigos e colegas da turma -Podes falar também das diferentes maneiras de ser - O que pensas sobre as diferenças – sé é importante, se há vantagens ou desvantagens em haver diferenças - Podes também falar de diferenças que algumas pessoas têm e de que tu gostes de uma forma especial ou que aches engraçado. <p>o que é mesmo muito importante que exista entre as pessoas</p> <p><u>c) Conclusão</u></p> <p>Termina com a tua opinião geral sobre este tema.</p> <p>Para o desenho foi dada uma folha própria, dividida em duas partes onde os alunos fizeram um desenho sobre duas das frases do livro “não faz mal...”</p> <p>O Gonçalo participou positivamente na exploração do livro mas teve alguma dificuldade em aderir à proposta de escrita. Com um pouco de ajuda do professor e com base no plano já apresentado, escreveu um pequeno texto.</p>	<p>Controlou a sua participação nos diálogos</p> <p>Escreveu um pequeno texto</p> <p>O Gonçalo teve alguma dificuldade em aderir à proposta de escrita</p>	<p>Os alunos respeitaram as regras do diálogo</p>

Quadro 40: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos, consideram-se atingidos parcialmente tendo em conta que o Gonçalo teve uma boa prestação na participação nos diálogos mas ainda não revelou autonomia para sozinho se empenhar na realização da composição.</p> <p>O tema mais abordado foi “Ser diferente” (andar de cadeira de rodas, ser pobre ou rico, ser de outra cor, ter uma deficiência, ser cego, ter trissomia) considerando que ser diferente é “ser especial” ou “é uma pessoa como nós”</p> <p>Outros temas apresentados foram: partilhar, pedir ajuda, ser bonito ou feio, ser amigo, não gozar, respeitar as diferenças.</p> <p>O Gonçalo abordou a questão das pessoas com cadeiras de rodas referindo que são pessoas como nós mas que precisam de ajuda para se deslocarem em certos sítios</p>

Quadro 41: Planificação “Conhecer figuras de referência” – 2 sessões

Objectivos Gerais: <ul style="list-style-type: none"> - Ser solidário: Conhecer figuras de referência – 2 sessões - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto - Respeitar as aprendizagens 			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Deslocar-se ordeiramente - Conhecer figuras de referência - Analisar a mensagens da figura de referência - Ser solidário - Interpretar atitudes - Partilhar opiniões - Reconhecer situações da vida real complexas - Mostrar sentimentos positivos - Partilhar conhecimentos - Fazer uma banda desenhada - Cumprir regras estabelecidas 	<p>Pela visita à Igreja nas proximidades da escola e frequentada por alguns dos alunos da turma, pretendemos aprofundar o valor da solidariedade e da partilha, e dar a conhecer uma das figuras de referência: S. João de Deus. Pela banda desenhada, pretendemos consolidar este conhecimento a par da estrutura deste tipo de texto.</p>	<p>A participação nos diálogos</p> <p>Envolvimento nas actividades de exploração</p> <p>Participação na visita de estudo</p> <p>Participação na banda desenhada</p>

Quadro 42: Relatório da actividade “Conhecer figuras de referência”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>1ª sessão</p> <p>A sessão foi iniciada com a apresentação do tema: conhecer uma figura de referência da solidariedade e da partilha (S. João de Deus - uma vida dedicada aos outros e aos mais necessitados), e das actividades a realizar: visita a uma igreja onde a vida do santo se encontra representada em painéis e posteriormente, a pares, uma composição sobre a mesma e uma banda desenhada. Os pares foram logo propostos pelo professor e aceites sem grande contestação...</p> <p>A visita à igreja, programada com antecedência, foi acompanhada pelo prior da igreja, que apresentou a vida e obra de S. João de Deus.</p> <p>A visita decorreu com normalidade, com todos os alunos a cumprirem as regras, a participar com muito interesse e a colaborarem sempre que eram solicitados. De regresso à sala de aula, a pares, escreveram um pequeno texto sobre a visita, seguindo o plano apresentado pelo professor. Posteriormente foi passado no computador e ilustrado com fotografias da visita.</p> <p>2ª sessão</p> <p>A sessão foi iniciada com a explicação pelo professor dos elementos que compõem a estrutura base da banda desenhada (guião, tira, vinheta, prancha, legenda, cartucho, tipos de balão, metáforas, onomatopeia).</p> <p>A pares, os alunos realizaram o guião da banda desenhada e fizeram a banda desenhada.</p> <p>O Gonçalo realizou o trabalho com a colega seleccionada pelo professor: o guião contemplou as diferentes actividades da vida de S. João de Deus e a banda desenhada</p>		

Quadro 43: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
<p>Os objectivos consideram-se plenamente atingidos: todos os alunos, inclusive o Gonçalo, tiveram um comportamento exemplar, cumprindo as regras em todas as actividades. Os alunos envolveram-se positivamente, participando activamente tanto na visita como na composição e banda desenhada.</p>

Quadro 44: Planificação “A Carlota” (3 sessões)

Objectivos Gerais: - Reconhecer diferentes sentimentos - Reconhecer necessidades fundamentais à vida - Ser solidário - Respeitar o outro e a si próprio - Aceitar as diferenças - Trabalhar em conjunto - Respeitar as aprendizagens			
Área	Objectivos Específicos	Estratégias	Avaliação
Formação Cívica Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir sem interromper - Ouvir atentamente - Falar na sua vez - Falar tendo em conta o contexto - Partilhar opiniões - Analisar as mensagens do texto - Interpretar atitudes - Reconhecer situações da vida real complexa - Defender os seus direitos - Compreender os sentimentos dos outros - Mostrar sentimentos positivos - Partilhar conhecimentos - Reconhecer os direitos da criança em situações reais - Construir um diálogo escrito - Decidir em conjunto - Cooperar entre si - Estabelecer consensos - Ajudar os outros - Representar o diálogo construído. - Encorajar os outros - Cumprir regras estabelecidas 	<p>Para finalizar a intervenção preparamos actividades de aplicação de competências sociais em actividades escolares de agrupamentos maiores e de grande grupo.</p> <p>Pelo trabalho em grupo mais alargado e de formação livre (3/4 elementos), pretendemos consolidar a inter-ajuda, a ligação afectiva e ainda a partilha de conhecimentos tendo em conta a problemática do Gonçalo e a sua dificuldade na área de Língua Portuguesa.</p> <p>Em grande grupo, pela leitura orientada e interpretação do livro “A pequena Carlota” pretendemos explorar situações da vida real complexas de modo a sensibilizar os alunos para estas problemáticas e transpor para situações da sua vivência próxima ou do seu conhecimento. A história contempla diferentes situações conflituosas que envolvem, desconfiança, indiferença, discriminação e exclusão relativamente a uma criança em situação de abandono, a personagem principal da história,</p> <p>Em pequeno grupo, pelo preenchimento das lacunas do texto e interpretação escrita pretendemos que os alunos partilhem opiniões e conhecimentos e identificar as quatro necessidades fundamentais à vida: ser querido, comer, dormir, brincar.</p> <p>Pela construção do diálogo, pretendemos que cada aluno se coloque no lugar do outro e que argumente a favor ou contra o partilhar e o aceitar das diferenças.</p>	<p>A participação nos diálogos</p> <p>Envolvimento nas actividades de exploração</p>

Quadro 45: Relatório da actividade “A Carlota”

	Avaliação Gonçalo	Avaliação da turma
<p>1ª sessão A actividade iniciou-se com a apresentação do livro em powerpoint, leitura e interpretação. A história centrou as atenções de todos os alunos e respeitaram as regras do diálogo. Após a interpretação de todas as situações os alunos organizaram-se em grupos de escolha livre e procederam ao preenchimento de um texto com lacunas. Como o seu preenchimento levantou algumas questões, foi feita nova apresentação do livro.</p> <p>2ª sessão A sessão foi iniciada com a leitura do livro e a interpretação oral da ficha de interpretação. De seguida os alunos procederam à sua realização. No geral, os grupos envolveram-se na actividade mas o grupo do Gonçalo revelou alguma dificuldade em se concentrar no trabalho, tendo havido necessidade de um apoio mais directo por parte do professor. Por fim, procedeu-se à correcção colectiva, a qual levantou algumas questões sobre a identificação dos sentimentos em questão. Após uma nova abordagem sobre o conceito de cada sentimento, os grupos concordaram com a mesma resposta.</p> <p>3ª sessão O professor apresentou a proposta de representação da história: construção dos diálogos e sua representação. Cada grupo teria de construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participassem sobre a parte da história que lhe fosse atribuída (a história contempla 7 partes distintas: insegurança, protecção, alimentação, exclusão, discriminação, indiferença, aceitação). A proposta foi bem aceite e cada grupo elaborou o diálogo referente à sua parte do livro. Alguns grupos não perceberam bem a proposta e o professor explicou novamente a proposta para todos, esclarecendo que todos os elementos do grupo teriam de ter pelo menos uma fala. No final, cada grupo apresentou a sua parte.</p>	<p>O Gonçalo participou nos diálogos</p> <p>Revelando alguma dificuldade em esperar pela sua vez</p> <p>Envolveu-se nas actividades de grupo, com alguma brincadeira</p>	<p>Os alunos respeitaram as regras estabelecidas</p> <p>Partilharam conhecimentos</p>

Quadro 46: Reflexão/reformulação

Reflexão/reformulação pelos professores envolvidos (professor titular/professor de Apoio)
--

<p>Os objectivos consideram-se atingidos pelo controlo do comportamento na dinâmica do trabalho no grupo/turma e em grupo mais alargado (embora com a mesma tarefa). O desempenho do Gonçalo podemos considerá-lo satisfatório, apesar de não se ter empenhamento totalmente nas actividades de Língua Portuguesa tendo em conta que a formação dos grupos foi livre: houve oportunidade para reforçar as regras de funcionamento em grupo e de apoiar a resolução dos dilemas levantados por aquele grupo em concreto.</p>

<p>O grupo do Gonçalo (4 elementos) elaborou um diálogo bem construído, equilibrado na distribuição das intervenções e na argumentação. Procuram encontrar uma solução apesar das condições desfavoráveis.</p>
--

<p>Na representação, o Gonçalo participou positivamente, demonstrando pela terceira vez nesta intervenção que é uma área em que se sente à vontade.</p>

3.3. Avaliação da intervenção

A avaliação da intervenção foi-se impondo ao longo das sessões e já foi registado neste relatório. No entanto, com um olhar retrospectivo, poderemos dizer que os objectivos a que nos propusemos foram parcialmente atingidos. No que se refere à turma os ganhos foram inegáveis como provam os registos efectuados. No que se refere ao Gonçalo, embora os comportamentos se tenham alterado e as aprendizagens se tenham efectuado, continuamos a pensar que as mudanças não atingiram, ainda, o grau de estabilidade necessário a um percurso sem sobressaltos. Ainda o espera um longo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concretização desta intervenção contribuiu para o nosso enriquecimento pessoal e profissional. Do ponto de vista profissional, consciencializou-nos para as potencialidades das estratégias cooperativas no desenvolvimento de competências académicas e sociais, numa escola que se quer inclusiva e democrática que se pretende que prepare todos os seus alunos para uma sociedade cada vez mais exigente e competitiva, em que o trabalho em equipa é cada vez mais a base do funcionamento e sucesso. Do ponto de vista pessoal, também pensamos que nos tornámos melhores professores por termos aprendido com esta turma e com o professor titular e por termos contribuído para o crescimento deste grupo.

A problemática que se nos apresentou – relacionamento social desadequado em contexto escolar entre os alunos da turma e, em particular, de um aluno com perturbações emocionais graves e problemas de comportamento – justificou a nossa intervenção com um programa de competências sociais, implementado em parceria com o docente titular de turma. Podemos concluir que, apesar das modificações no comportamento nestes alunos implicarem mudanças significativas nas formas de estar e actuar e, por isso mesmo, embora morosas, as actividades propostas contribuíram significativamente para regular o comportamento dos alunos e a sua aprendizagem e, em particular, do aluno com problemas emocionais e comportamentais alvo desencadeador da nossa intervenção. Podemos confirmar esta perspectiva pela avaliação continua dos docentes, pela auto-avaliação dos alunos, pelos trabalhos realizados, pelo teste de sociometria e ainda pelos resultados escolares no final do ano lectivo (23 alunos transitaram e 1 ficou retido):

- i. Avaliação continua dos docentes: os alunos foram correspondendo às propostas apresentadas, inicialmente com bastante dificuldade em aceitar trabalhar com determinados colegas e segundo as regras estabelecidas para, progressivamente, passarem a trabalhar, gerindo os seus próprios conflitos e diferenças.
- ii. Auto-avaliação: foi geral o reconhecimento de que tinham conseguido relacionar-se e trabalhar com colegas com os quais tinham diferenças, assim como o reconhecimento de atitudes e comportamentos que já tinham melhorado e que ainda necessitavam melhorar.

- iii. Trabalhos realizados: as participações nos trabalhos de grupo, as produções escritas e representações são demonstrativas da colaboração e cooperação entre todos os membros do grupo.
- iv. Os testes de sociometria inicial e final são reveladores de uma evolução muito positiva das relacionamentos entre todos os alunos, a saber:
 - 1- Comparando os resultados entre os testes referidos, constatamos que as escolhas são mais diversificadas, favorecendo significativamente a ligação entre rapazes e raparigas: os rapazes aumentam em 9 as escolhas no grupo das raparigas e estas mais 8 no grupo dos rapazes.
 - 2- O aluno nº 1, que escolhe e é escolhido apenas pelas raparigas, alarga as suas escolhas aos rapazes e é também escolhido por eles (Dezembro: 2 – Junho: 6)
 - 3- Verificamos alterações significativas entre os rapazes: os grupos coesos entre eles desaparecem, aumentam as mutualidades e aparecem dois grupos que integram rapazes e raparigas.
 - 4- As ligações entre as raparigas não se alteram significativamente.
 - 5- Uma aluna destaca-se ao ser escolhida por mais de metade dos colegas e igualmente por rapazes e raparigas.
 - 6- As rejeições, apesar de se focarem em 4 alunos, são rejeitados por menos colegas e apenas existem 2 mutualidades.
 - 7- Os alunos com o número 6, 11, 13, 16, 25 e 22, que indiciavam uma situação de risco ou atenção em Dezembro, melhoraram a sua posição ao receberem menos rejeições.
 - 8- Teste sociométrico do Gonçalo: não mostra uma evolução positiva no sentido dos relacionamentos interpares. Em Junho este aluno aumentou o número de rejeições (de 3 para 5) embora o número de rejeitantes seja o mesmo (3). Constatamos assim que, individualmente, não apresenta melhorias na sua posição sociométrica, antes pelo contrário: mantém a escolha no critério do trabalho e as mesmas rejeições mas eleva estas últimas no critério da classe (2). Este facto pode ser justificado pela alteração do seu posicionamento na disposição da sala de aula, pela dinâmica introduzida nas actividades escolares e pelas modificações no comportamento dos outros alunos.

Numa tentativa de interpretar fomos levados a reflectir:

- Posicionamento na sala de aula: inicialmente as mesas de trabalho estavam organizadas em filas e o aluno ocupava um lugar lateral junto à janela, posição que

restringia significativamente o contacto directo com outros colegas. Com a alteração da disposição das mesas na sala (em U), o Gonçalo que passou a estar mais em evidência, ficando exposto a mais contactos directos.

- Podemos pensar que este motivo terá tido influência no número de rejeições obtido no final do ano.
- As actividades desta intervenção foram, essencialmente, desenvolvidas a pares e em grupo e o professor titular de turma passou também a usar metodologias mais interactivas no dia-a-dia, aumentando o número de relacionamentos interpessoais entre os alunos e, por consequência, o Gonçalo desenvolveu mais relações adversas por parte dos colegas.
- O conhecimento mais aprofundado dos membros da turma e as alterações individuais no relacionamento interpessoal fortaleceu os laços afectivos dentro do grupo “antigo” e uma maior aceitação das diferenças individuais, em detrimento do Gonçalo, elemento “novo” nesta turma.

Do exposto, poderemos inferir que os ambientes de aprendizagem proporcionaram ao Gonçalo um maior e mais estreito relacionamento inter-pares mas terão certamente alargado os conflitos, eventualmente por este estar mais exposto. O conhecimento dos outros sobre o seu perfil emocional e comportamental, terá também provocado, eventualmente, mais reacções pouco positivas.

- 9- Pela análise dos dados recolhidos dos testes de sociometria da turma em geral, podemos concluir que antes da intervenção este grupo de alunos afigurava-se com bastantes particularidades preocupantes no seu relacionamento interno, com vários alunos a serem rejeitados ou a não serem bem aceites e, no final, o grupo apresenta um relacionamento mais aberto, com diminuição significativa nas rejeições mútuas (Dezembro: 5 – Junho: 2).

Ao longo das sessões de trabalho, o grupo/turma teve a oportunidade de trabalhar a pares, em grande e pequeno grupo, num clima de inter-ajuda e de cooperação. As actividades proporcionadas pretenderam promover melhorias ao nível do auto-conceito, da auto-estima e do espírito de inter-ajuda. A consolidação de competências básicas necessárias à vida social e académica tentaram contribuir para que se fosse estabelecendo um relacionamento interpessoal mais positivo e um ambiente educativo mais disciplinado.

A diminuição do espírito de competitividade entre pares foi sendo visível, a agressividade verbal e física passou a ser esporádica e finalizaram as situações de inviabilização do prosseguimento das actividades lectivas.

O aluno referenciado com problemas cognitivos moderados, problemas emocionais graves e comportamentais passou, progressivamente, a empenhar-se mais nas actividades académicas e a interagir de forma mais positiva com os colegas. A problemática geral de comportamento da turma foi também sendo superada com o empenho e cooperação de todos, pela partilha de saberes, experiências e vivências, fortalecendo laços de amizade e companheirismo em detrimento do individualismo e das relações conflituosas, físicas e verbais.

A caminhada que nos propusemos fazer com o Gonçalo, com a sua turma e com o seu professor, foi pautada pela partilha de preocupações, opiniões, sentimentos, gostos, desejos, sonhos, ambições, experiências e vivências mais ou menos felizes,... Finalizamos com a certeza de que as ferramentas e os ambientes de aprendizagem que lhes fomos proporcionando, lhes permitiram um melhor conhecimento de si próprios e dos outros, uma maior compreensão e aceitação das diferenças, eliminaram ou esbateram algumas barreiras sociais, estreitaram os laços afectivos e melhoraram o ambiente de ensino-aprendizagem. Pensamos também que contribuímos, decididamente, para o desenvolvimento integral de todos e de cada um dos intervenientes, caminhando no sentido de criar condições para uma sociedade mais aberta, justa, tolerante e solidária, através da intervenção de cada uma desta, agora, crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bastin, G. (1980). *As técnicas sociométricas* (2ª edição). Lisboa: Moraes Editores.
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora
- Druart, D.; Waelput, M., (2008). *Cooperar para prevenir a violência*, Vila Nova de Gaia: Gailivro
- Estrela, A. (2008). *Teoria e prática de observação de classes* (4.ªedição). Porto: Porto Editora.
- Fonte, A.; Freixo, O.,(2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Livros Horizonte
- González-Pérez, J.; Pozo, M. J. C. (2007). *Educar para a não-violência – prespectivas e estratégias de intervenção*. Algueirão Men-Martins: Keditora
- Nielsen, L. B. (2000). *Necessidades educativas especiais na sala de aula*.Porto: Porto Editora.
- Leitão, F. (2006). *Aprendizagem Cooperativa, Uma Estratégia De Inclusão*. Mira-Sintra: edição do autor.
- Lopes, J.; Ruterford, R. B.; Cruz, M. C.; Mathur S. R.; Quinn, M. M. (2006). *Competências Sociais: aspectos comportamentais, emocionais e de aprendizagem*. Psiquilíbrios Edições: Braga
- Northway, M.; Weld, L. (1957). *Testes sociométricos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de ensino: O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel de Leão
- Sanches, I., *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da Investigação-acção à educação inclusiva*. Revista Lusófona de Educação, 2005, 5, (127-142).
- Silva, H.; Lopes, J. (2009). *A Aprendizagem cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Silva, M, O. E. (2009). *Da exclusão à inclusão: concepções e práticas breve perspectiva histórica*.
- UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção: Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca: UNESCO
- UNESCO (2005). *Orientações para a Inclusão - Garantindo o Acesso à Educação para Todos*. França: UNESCO

ANEXOS

Anexo 1 - Excerto do PEI do aluno Gonçalo

1 . Identificação do aluno

2 . Resumo da História Escolar e Pessoal do aluno (alínea b) do n.º 3 do art.º 9.º do DL n.º 3/2008, de 7 de Janeiro)

O Gonçalo é o segundo filho de uma fratria de dois e viveu com os pais e a irmã (mais velha um ano) até aos 7 anos. Reside actualmente apenas com a mãe, após o falecimento do pai e a partida de uma irmã mais velha para Inglaterra.

Na sua história pessoal consta período neo-natal complexo. Andou tarde. Fez frequentes quedas das quais mantém sinal na região frontal por sucessivos traumatismos naquela região. Fracturou o MSE (braço) com duas intervenções cirúrgicas c/ internamentos aos 3 e 4 anos.

Frequentou o Jardim-de-infância e a Pré, e ingressou no ensino obrigatório no ano lectivo 2005/2006.

Foi encaminhado, pela médica de família, para a consulta de Pedopsiquiatria em Março de 2005, sendo aí acompanhado e onde tem sido alvo de diferentes intervenções terapêuticas (consultas pedopsiquiátricas, grupo terapêutico, intervenção farmacológica), sem que tenha havido uma adesão muito consistente a nenhuma delas.

Na Escola tem sido acompanhado pela Psicóloga Educacional, em acompanhamento individual e de pequeno grupo e tem beneficiado de acompanhamento da Professora de Educação Especial e de Apoio Socioeducativo.

Outros antecedentes relevantes

O Gonçalo, pertencente a uma família desfavorecida e a viver com a mãe num bairro com ambiente social e económico baixo, tem um percurso de desenvolvimento pautado por negligência familiar, sofrendo e presenciando maus-tratos físicos e psicológicos.

3. Caracterização dos indicadores de funcionalidade a e do nível de aquisições e dificuldades do aluno (alínea c) do n.º 3 do art.º 9.º do DL n.º 3/2008, de 7 de Janeiro)

1- Funções e estrutura do Corpo

O Gonçalo apresenta limitações significativas ao nível da atenção e concentração, comprometendo significativamente a aprendizagem dos conteúdos curriculares.

O aluno apresenta um potencial intelectual mediano e uma eficácia global num nível médio inferior, com melhor desempenho na dimensão da Realização em contraste com a dimensão Verbal, apresentando maiores dificuldades na compreensão verbal e na velocidade de processamento.

Apresenta dificuldades importantes na precisão grafo-motora, na abordagem perceptiva e no pensamento analítico, não percepcionando o estímulo como um todo.

Revela presença de agressividade não elaborada, sentimentos de desamparo, hipervigilância face ao meio envolvente, dificuldade na caracterização e atribuição de afectos dentro do contexto familiar.

Apresenta uma grande fragilidade emocional, com muitas dificuldades em gerir as dimensões afectiva e relacional, recorrendo a mecanismos de recusa, restrição e evitamento, impossibilitando a abordagem e elaboração dos seus conflitos internos.

Nas relações interpessoais, revela instabilidade psíquica e emocional, insegurança e falta de confiança, apresentando alterações do comportamento (temperamento e uma estabilidade emocional muito inconstante, alternando curiosidade e alegria com a tristeza e desânimo).

2- Actividade e participação

Em contexto escolar, o Gonçalo tem dificuldade em manter a atenção, sendo sensível a qualquer movimentação e ruído dos colegas, servindo-se destes elementos distractores para chamar a atenção do professor sobre si próprio, vitimizando-se relativamente às suas dificuldades em realizar as tarefas escolares ou outras situações conflituosas ocorridas anteriormente.

Em situações que lhe são desfavoráveis ou desconfortáveis reage com impulsividade, alguma agressividade verbal, instabilidade de motora, e persuasão psicológica, não assumindo os seus erros como opções pessoais mas sim como uma consequência das atitudes incorrectas dos colegas ou dos seus problemas familiares, desculpabilizando o seu comportamento.

Com alguma frequência, põe em risco a sua segurança e integridade física, tendo consciência plena das consequências.

3- Factores ambientais – facilitadores ou barreiras alínea d) do n.º 3 do art.º 9.º do DL n.º 3/2008, de 7 de Janeiro

A família próxima e as suas atitudes individuais constituem os factores ambientais que constituem uma barreira moderada para o aluno, tendo em conta que encontrando-se numa fase de reorganização das suas vidas. Os amigos da comunidade em que o aluno vive constituem modelos negativos para o seu desenvolvimento pessoal.

Os professores e pessoal auxiliar e colegas da turma, são os factores ambientais em que o aluno encontra os modelos sociais e comportamentais de referência que lhe possibilitam o desenvolvimento equilibrado e integral.

Embora um pouco desajustado está integrado na vida escolar - sempre sob a controle sistemático do professor, participa nas actividades propostas à turma.

4. Definição das medidas educativas a implementar (alínea e) do n.º 3 do art. 9.º do DL n.3/2008 de 7 de Janeiro

a) Apoio pedagógico personalizado (artigo 17.º)

O aluno vai beneficiar de um acompanhamento individualizado às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, para, antecipação e/ou reforço dos conteúdos curriculares em articulação com o trabalho realizado na turma, de forma a melhorar a sua participação e o seu rendimento escolar, tendo em conta as suas dificuldades grafo-motoras.

O apoio na área curricular de Língua Portuguesa (na qual revela mais dificuldades), deve contemplar como complemento de formação e incentivo à aprendizagem, a utilização de computador/TIC, a pesquisa de temas significativos e a frequência da Biblioteca da Escola.

Beneficiará de um programa de competências sociais, para controlo do comportamento a nível social e emocional, desenvolver e melhorar a interacção com os seus pares e para a adopção de comportamentos assertivos.

b) Adequações curriculares individuais

Não tem.

c) Adequações no processo de matrícula (artigo 18.º)

O aluno frequenta uma escola fora da sua área de residência.

d) Adequações no processo de avaliação (artigo 20.º)

As provas de avaliação devem conter os mesmos conteúdos curriculares da turma em que está inserido mas deverá ter diferenciação no processo de avaliação: deverá ter apoio na realização das provas com vista à sua estabilização emocional/redução da frustração. O apoio poderá passar pelo acompanhamento pelo professor / preparação antecipada dos testes com as questões-tipo do teste / redução no número de questões.

Sempre que se justifique, a realização da avaliação pode ser realizada em sala adequada.

5. Discriminação dos conteúdos, dos objectivos gerais e específicos a atingir das estratégias e recursos humanos e materiais a utilizar (alínea f) do n.º 3 do art.9.º do DL n.º 3/2008 de 7 de Janeiro

Cumprir os objectivos do seu ano de escolaridade.

Estratégias a adoptar :

- ser colocado em lugar que lhe facilite a atenção e a concentração;
- ser valorizado e reforçado positivamente;
- acompanhamento individualizado na sala de aula;
- acompanhamento individualizado nos testes e tarefas individuais, sempre que necessário;

Recursos humanos e responsáveis pelas respostas educativas: professor titular de turma, professores de apoio e técnicos que o acompanham no contexto escolar.

f) Tecnologias de apoio (artigo 22.º)

7. Nível de participação do aluno nas actividades educativas da escola

Cumprir o horário previsto para o grupo/turma em todas as actividades previstas.

8. Implementação e Avaliação do PEI

Reavaliação:

O PEI manter-se-á até que haja necessidade de ser reformulado e em final de Ciclo.

9. Avaliação do PEI

A avaliação será feita nos momentos de avaliação definidos pela Escola ou sempre que algum dos intervenientes achar necessário de modo a permitir reajustamentos ou alterações.

Anexo 2 - Guião da entrevista – Dezembro de 2009

Temática: Situação Educativa da Turma

Objectivos da entrevista

- Recolher informação para caracterizar o entrevistado.
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar os casos emergentes do grupo/da turma.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de intervenção.

Entrevistado: Professor da turma

Data: 9/12/09

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Tópicos	Observações
Bloco A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Conseguir que a entrevista se torne necessária, oportuna e pertinente Motivar o entrevistado Garantir confidencialidade	Apresentação entrevistador/entrevistado Motivos da entrevista Objectivos	Entrevista semi-directiva Usar linguagem apelativa e adaptada ao entrevistado Tratar o entrevistado com delicadeza e recebê-lo num local aprazível Pedir para registar a entrevista
Bloco B Perfil do entrevistado	Caracterizar o entrevistado	Idade Habilitações académicas e profissionais	
Bloco C Perfil da Turma	Caracterizar a Turma em termos sócio-escolares Fazer o levantamento de representações e expectativas, em relação à Turma	Dados pessoais e sócio-escolares Enquadramento familiar Percurso escolar: aspectos positivos e aspectos negativos Situação actual Expectativas	Ter atenção aos comportamentos não verbais denunciadores de certas reacções ao discurso do entrevistado
Bloco D Casos emergentes da turma	Caracterizar, individualmente, os alunos que sobressaem do conjunto da turma	Dados pessoais e sócio-escolares Enquadramento familiar Percurso escolar: aspectos positivos e aspectos negativos Situação actual Expectativas	Prestar atenção ao posicionamento do professor em relação aos alunos que destaca do conjunto da turma

Bloco E Estratégias eficazes implementadas/a implementar	Fazer o levantamento de estratégias possíveis para actuação Pedir a colaboração para o desenvolvimento do projecto	Objectivos a atingir Estratégias implementadas/a implementar	Mostrar disponibilidade e vontade de ajudar a concretizar as soluções encontradas
Bloco F Dados complementares	Dar oportunidade ao entrevistado para abordar outros assuntos pertinentes e oportunos Agradecer o contributo prestado	Vivências Constrangimentos... Agradecimentos	

Fonte: Adaptado de Estrela (1986:355-357) por Sanches, 2008/2009.

Anexo 3 - Entrevista ao Professor Titular de Turma

Ano Lectivo 2009/2010

Data: 09/12/2009

Aluno: Gonçalo

Entrevistadora – E

Professor titular de turma – P

Objectivo Geral: conhecer a situação educativa da turma

Objectivos da entrevista

- Recolher informação sobre o entrevistado
- Recolher informação para caracterizar o grupo/a turma e sua inserção no contexto escolar.
- Recolher informação para caracterizar os casos emergentes do grupo/da turma e sobre o Gonçalo em concreto.
- Recolher informação para fazer o levantamento de estratégias e actividades que tenham resultado bem.
- Implicar o entrevistado no desenvolvimento do processo de intervenção.

Entrevistado: Professor da turma

Protocolo da entrevista ao professor titular da turma

E – Com esta entrevista pretendemos recolher informação para a intervenção-acção que vamos realizar. Já falamos anteriormente sobre a metodologia a usar . Será uma intervenção no grupo tendo em conta o caso específico do Gonçalo e de outros que nos possa indicar. As informações prestadas terão carácter confidencial assim como da sua acção em situação de aula, a observar. Os nomes dos alunos a constar no nosso trabalho serão substituídos por outros e a Escola será referida como uma Escola de 1º Ciclo de Lisboa, numa zona de comércio e serviços.

Vou começar por lhe pedir dados sobre a sua situação profissional.

P- A minha formação de base é a licenciatura no Ensino Básico, Variante Educação Física e sou professor há seis anos. Tenho dado aulas no 1º Ciclo. Estou nesta escola há duas semanas por contrato até ao final do ano.

E- Como organiza as aulas no seu dia-a-dia?

P- No início do dia apresento o plano de trabalho para o dia: procuro durante o período da manhã, trabalhar matérias novas ou que exigem mais concentração. Estão mais calmos e consegue-se trabalhar.

À tarde, já têm muita dificuldade em permanecer sossegados. Programo para a tarde actividades mais leves. Trabalhos individuais , fichas de revisão ou então trabalhos de grupo e a pares.

São os alunos que escolhem os lugares e os grupos?

Não. Quando comecei a leccionar a turma, a professora anterior alertou-me para o facto de alguns alunos terem de ficar afastados. Uns porque são muito amigos e passam o tempo a conversar e outros porque implicam facilmente uns com os outros.

E- Costuma fazer com eles trabalhos de grupo?

P- Já fiz alguns. É complicado. Houve vezes em que tive de interromper as actividades. Não conseguiram fazer as decorações para a árvore de Natal em duas tardes. Tive de interromper a actividade devido ao mau comportamento e de a tarefa implicar o uso de tesouras. Não havia condições de segurança. Levantavam-se e andavam em pé com as tesouras na mão. Só na terceira tentativa quando viram que os colegas das outras turma já tinham terminado.

E - O que pensa desta turma?

P- Há um grande grupo de alunos que são indisciplinados e irreverentes.

E- Considera-a diferente de classes que teve anteriormente?

P- Sim. São alunos muito conflituosos e sem regras nenhuma.

E- Quais são os problemas que surgem geralmente?

P- Não se respeitam uns aos outros na sala de aula e interrompem-se constantemente.

Estão sempre a fazer queixas uns dos outros. Usam linguagem imprópria, dizem asneiras, agredem-se verbalmente e até fisicamente, aos murros e pontapés.

Alguns alunos são rejeitados, em especial o “Gonçalo” e o “DM”.

E- Quem provoca os problemas são sempre os mesmos?

P- Sim. São sempre os mesmos a estarem envolvidos em conflitos.

Há alunos que têm bom comportamento e estão a ser prejudicados nas suas aprendizagens por causa do mau comportamento de alguns. É uma pena, porque são alunos bastante inteligentes. Não conseguem perceber que têm que ter uma atitude diferente.

E- apesar de estar há pouco tempo com a turma, que medidas tem tomado para controlar esta situação?

P - A colega anterior já tinha trabalhado as regras da sala e já tinham assinado o contrato pedagógico. Temos conversado muito sobre os comportamentos e as atitudes. Também, mudar estes comportamentos não é fácil. Mal acabamos de conversar, passado uns minutos já se esqueceram e voltam ao mesmo.

Tenho ficado muitas vezes com eles no recreio. Não se importam. Desde que fiquem mais colegas. Muitas vezes acusam colegas que não tiveram culpa nenhuma. Já tem acontecido, eu pôr de castigo alunos que vi comportarem-se mal mas outros, por eu estar de costas ou ocupado, não vi e tiveram atitudes mais graves e eu não os castigo. Eles não se importam que eu, às vezes, seja um pouco injusto.

E- Então a grande preocupação é o comportamento?

P- Sim, é o comportamento embora isso influencie o aproveitamento. Pelos últimos testes aproveitamento geral é médio baixo. 10 alunos tiveram satisfaz pouco e 50% Satisfaz Bem.

Revelam falta de atenção nos testes. Não é por falta de conhecimentos. Se melhorar o comportamento os resultados serão melhores.

É necessário trabalhar o relacionamento entre eles.

Demoram 10 minutos a se organizarem no início das actividades.

E - Quais os resultados reais que tem obtido?

P- Ainda estou há pouco tempo com a turma. A colega anterior disse-me que tinha notou alguma melhoria mas pouca.

E- Já contactou com os pais para lhe expor a situação?

P- Ainda não foi possível. Estou com a turma há pouco tempo e quero conhecê-los melhor. A professora anterior disse-me que os pais já tinham conhecimento da situação durante a reunião que teve com todos os pais uma semana após a sua apresentação nesta escola. Também me colocou a par de todo o trabalho que tinha desenvolvido para melhorar o comportamento. Disse-me que notou alguma melhoria mas que não era de forma alguma significativo. Tinham apenas alguns momentos em que conseguia ter um ambiente normal na sala de aula.

Eu já me reuni com a representante da turma e com a coordenadora da escola para falarmos deste problema e delinear uma resposta.

E- Foram tomadas algumas decisões?

P- Sim. Apresentei algumas sugestões e a representante também me disse que os pais já não sabiam o que fazer. Já tinham retirado os brinquedos aos filhos e que os punham de castigo sem verem televisão. Ficou combinado que iria ser marcada uma reunião com todos os pais. Nessa reunião não vamos falar sobre o que está para trás mas sim procurar uma solução em conjunto.

E- Que propostas é que vai apresentar?

P- Em casa, os pais , conversar com os filhos, 10 minutos por dia. Não é preciso mais. Sei que todos chegam a casa tarde mas 10 minutos é o suficiente para eles sentirem que os pais estão a par do que se passa na escola e que se interessam. Não é preciso ajudá-los a fazer os trabalhos de casa se não tiverem tempo. Basta que estejam presente e que os incentivem. Muitos não fazem os trabalhos e quando eu lhes pergunto porquê eles encolhem os ombros com desinteresse dizem que se esqueceram ou outra coisa qualquer. Mas quando os fazem vêm logo ter comigo e com orgulho dizem-me que os fizeram e mostram-mos. Se os pais tiverem esses 10 minutos com os filhos eles vão começar a sentir mais interesse. Têm de ser responsabilizados pelos TPC e ser incentivados a melhorar a apresentação dos trabalhos. Os cadernos de alguns estão muito descuidados e mesmo sujos. Outro problemas que temos são as queixas.

Devem ser desvalorizadas as situações menos agradáveis.

Também quero pedir aos pais incentivem os seus educando a serem bons colegas.

E - Que queixas?

P- Eles estão constantemente a fazer queixas uns dos outros.. Perdemos muito tempo com isto. É porque um fez um gesto, outro porque viu o colega a falar, outro lembra-se que no recreio um colega lhe chamou um nome,.....passam o dia nisto.

E- Relativamente à aprendizagem, a turma tem alunos com dificuldades de aprendizagem?

P- Sim, há um grupo de alunos com dificuldades na Língua Portuguesa mas os casos mais graves são o Gonçalo e o DM. O DM já tem uma retenção e no Ensino Especial e o DM está ainda a ser avaliado.

Já estão a ser apoiados pela professoras do ensino especial e de apoio educativo. Eles têm capacidades para aprender mas o comportamento deles e da turma não ajuda a que possam ter melhor aproveitamento.

E- O que pensa da proposta da nossa intervenção?

P- Penso que tem que se mudar o comportamento da turma e toda a ajuda é bem-vinda.

E - Como vê o futuro comportamento destas crianças?

P- São alunos com boas capacidades e vão conseguir melhorar.

Vai dar trabalho a todos e é necessária a colaboração dos pais!

Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista

Categorias	Sub-categorias	Unidades de registo	Frequência Unidades registo
Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado		E: - Com esta entrevista pretendemos recolher informação para a intervenção que vamos realizar. - Será uma intervenção no grupo tendo em conta o caso específico do Gonçalo e de outros que nos possa indicar. - As informações prestadas terão carácter confidencial assim como da sua acção em situação de aula, a observar. - Os nomes dos alunos a constar no nosso trabalho serão substituídos -Escola será referida como uma Escola de 1º Ciclo de Lisboa, numa zona de comércio e serviços.	1 1 1 1 1
Perfil do entrevistado	Experiência profissional	- A minha formação de base é a licenciatura no Ensino Básico, Variante Educação Física - sou professor há seis anos. - Tenho dado aulas no 1º Ciclo. - Estou nesta escola há duas semanas por contrato até ao final do ano.	1 1 1 1
Perfil da turma	Trabalho diário	- apresento o plano de trabalho para o dia - procuro durante o período da manhã, trabalhar matérias novas - para a tarde actividades mais leves	1 1 1
	Trabalho de grupo	- Já fiz alguns. - É complicado. - Houve vezes em que tive de interromper as actividades. - Não conseguiram fazer as decorações para a árvore de Natal em duas tardes.	1 1 1 1
	Escolha de lugares	- a professora anterior alertou-me para o facto de alguns alunos terem de ficar afastados	1
Estratégias eficazes implementadas e a implementar	Comportamento	- são indisciplinados e irreverentes - muito conflituosos e sem regras nenhuma. - Não se respeitam uns aos outros - interrompem-se constantemente - Estão sempre a fazer queixas uns dos outros - Usam linguagem imprópria, dizem asneiras - agridem-se verbalmente e até fisicamente - Alguns alunos são rejeitados - São sempre os mesmos a estarem envolvidos em conflitos	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

Categorias	Sub- categorias	Unidades de registo	Frequência Unidades registo
		-Não conseguem perceber que têm que ter uma atitude diferente - Há alunos que têm bom comportamento	1
	Estratégias usadas	- já tinha trabalhado as regras da sala - já tinham assinado o contrato pedagógico. - Temos conversado muito sobre os comportamentos e as atitudes. - Tenho ficado muitas vezes com eles no recreio. - Já tem acontecido, eu pôr de castigo alunos que vi comportarem-se mal mas outros, por eu estar de costas ou ocupado, não vi e tiveram atitudes mais graves e eu não os castigo.	1 1 1 1 1
	Aprendizagem	- estão a ser prejudicados nas suas aprendizagens por causa do mau comportamento de alguns - Pelos últimos testes aproveitamento geral é médio baixo - Se melhorar o comportamento os resultados serão melhores - São alunos com boas capacidades e vão conseguir melhorar	1 1 2 1
	Opinião sobre a problemática	- mudar estes comportamentos não é fácil - Mal acabamos de conversar, passado uns minutos já se esqueceram e voltam ao mesmo. - Não se importam. Desde que fiquem mais colegas. Muitas vezes acusam colegas que não tiveram culpa nenhuma. - Eles não se importam que eu, às vezes, seja um pouco injusto. - É necessário trabalhar o relacionamento entre eles. - Demoram 10 minutos a se organizarem no início das actividades. - A professora anterior disse-me que os pais já tinham conhecimento da situação - os pais já não sabiam o que fazer.	2 1 1 1 1 1 1 1
	Medidas a tomar	- procurar uma solução em conjunto - Em casa, os pais , conversarem com os filhos, 10 minutos por dia - Basta que estejam presente e que os incentivem. - Têm de ser responsabilizados pelos TPC e ser incentivados a melhorar a apresentação dos trabalhos. - pedir aos pais incentivem os seus educando a	2 2 1 2 1

			Frequência
Categorias	Sub- categorias	Unidades de registo	Unidades registo
		serem bons colegas.	
Perfil do “Gonçalo”	Diagnóstico	- os casos mais graves são o Gonçalo e o DM. - O Gonçalo já tem uma retenção está no Ensino Especial e o DM está ainda a ser avaliado.	1 1
Posiciona- mento face a interven- ção		- tem que se mudar o comportamento da turma e toda a ajuda é bem-vinda.	1

Anexo 5 - Questionário de Sociometria - Dezembro 2009 e Junho 2010

I - 1. Se pudesses escolher o teu colega de carteira,

quem escolherias? _____

Indica outro colega: _____

E ainda outro: _____

E quem não escolherias? _____

II - 1. Para realizar um trabalho de grupo,

quem escolherias para trabalhar contigo? _____

Indica outro colega: _____

E ainda outro: _____

E quem não escolherias? _____

III - 1. Quem gostarias de escolher para jogar e brincar contigo no recreio

e nos intervalos das aulas? _____

Indica outro colega: _____

E ainda outro: _____

E quem não escolherias? _____

Nome: _____ Ano: _____ Turma: _____

Fonte: Adaptado de Estrela (2008:370)

Anexo 6 - Matriz Sociométrica de Grupo – Escolhas – Dezembro 2009

		Sexo masculino															Sexo feminino															N.º de escolhas	N.º de Indivíduos escolhidos
		1	3	5	6	9	11	12	15	16	18	20	22	23	24	25	4	7	8	10	13	14	17	19	21								
Sexo masculino	1																003	300	210	001			132		020	9	6						
	3					010			131		300	203		002								020				9	6						
	5		030				300	003			112					221										9	5						
	6			300			111			023														232	9	4							
	9		300		020		030	013	101			202														9	6						
	11		222		303					111						030										9	4						
	12		003								100					002		020		331				210	9	6							
	15																									Faltou	Faltou						
	16		223						002			330	111													9	4						
	18		202	330				113							001		020									9	5						
	20																									Faltou	Faltou						
	22		020		100				010						002	001										5	5						
	23		312	030			020		101				003			200										9	6						
	24				202		003	030			111									320						9	5						
	25		033	111	200		022		300																	9	5						
Sexo feminino	4																	222					333		111	9	3						
	7	002															213		130					321	9	4							
	8																202	010			330		121		003	9	5						
	10	330																	200			002	111	023		9	5						
	13																		300	233			111		022	9	4						
	14																		003	121	030		300	212		9	5						
	17	002																	130	311					223	9	4						
	19																300	200		111		022	033		9	5							
	21				003												111	230					322			9	4						
Totais por Critério		112	556	331	413	010	243	133	424	000	534	312	112	002	001	124	434	441	531	666	120	022	777	122	566	194							
Totais combinados		4	16	7	8	1	9	7	10	0	12	6	4	2	1	7	11	9	9	18	3	4	21	5	17								
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		3	8	4	5	1	5	3	5	0	6	2	2	1	2	5	5	5	5	6	2	3	7	2	7								

Legenda	1º critério – situação de classe
	2º critério – situação de trabalho
	3º critério – situação de recreio

Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste nos 8 dias seguintes.

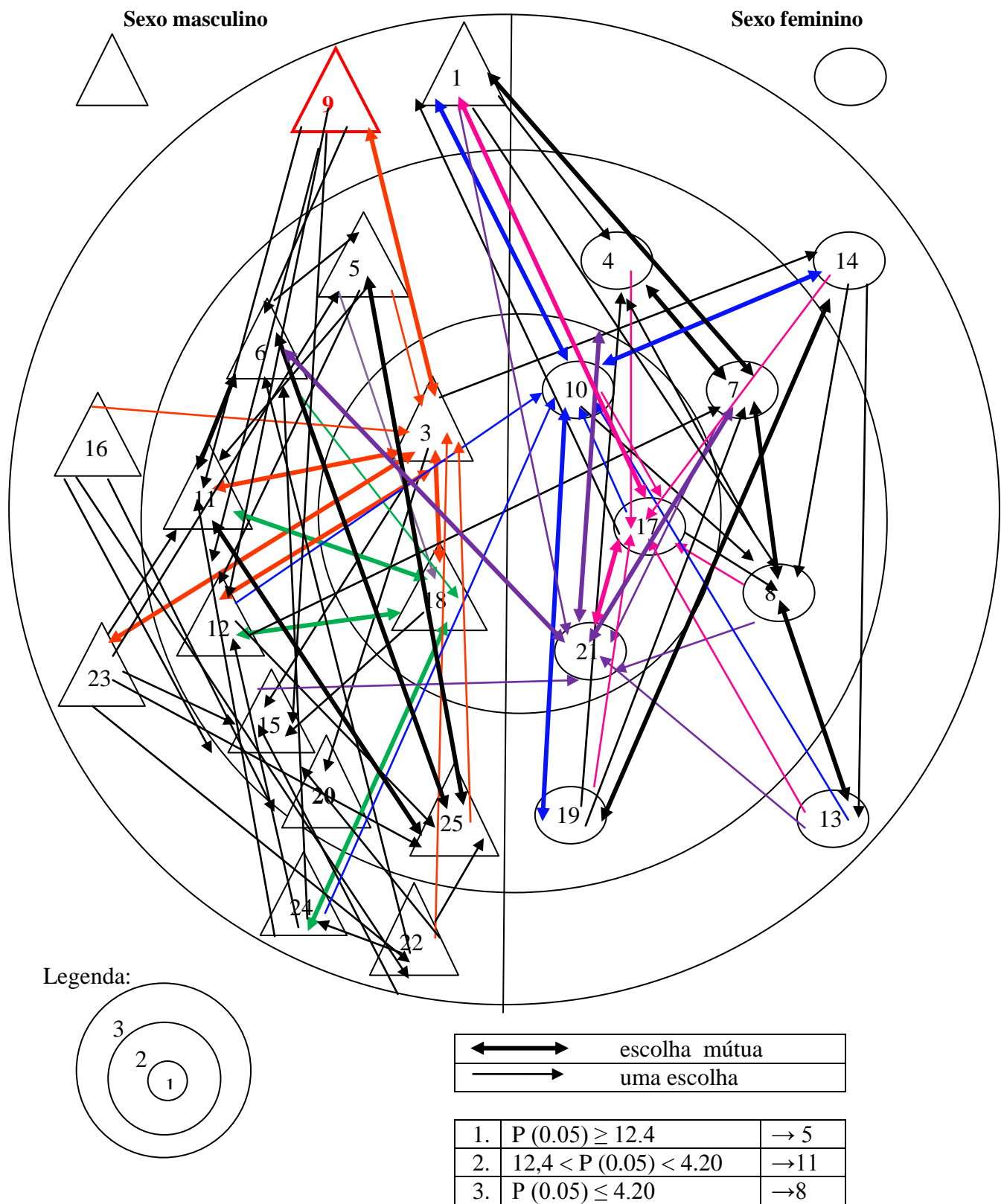
Anexo 7 - Matriz Sociométrica de Grupo – Rejeições - Dezembro 2009

		Sexo masculino															Sexo feminino										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		1	3	5	6	9	11	12	15	16	18	20	22	23	24	25	4	7	8	10	13	14	17	19	21			
Sexo masculino	1															101								010		3	2	
	3												101							010						3	2	
	5									101											010					3	2	
	6												111													3	1	
	9		001							100			010													3	3	
	11												111													3	1	
	12									111																3	1	
	15																									Faltou	Faltou	
	16					001															010			100		3	3	
	18												010			100										2	2	
20																									Faltou	Faltou		
Sexo feminino	22				011																					2	1	
	23																							110	001	3	2	
	24					001							110													3	2	
	25																							111		3	1	
	4															111										3	1	
	7						010									101										3	2	
	8					010				001			100													3	3	
	10								010							101										3	2	
	13						001			110																3	2	
	14													001			100								010	3	3	
	17									111																3	1	
19															111										3	1		
21															111										3	1		
Totais por Critério		000	001	000	011	012	011	000	010	534	000	000	553	001	000	736	100	000	000	010	010	010	000	331	011	64		
Totais combinados			1		2	3	2		1	12			13	1		16	1			1	1	1		7	2			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado			1		1	3	2		2	6			7	1		7	1			1	1	1		4	2			

Legenda	1º critério – situação de classe
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério – situação de recreio

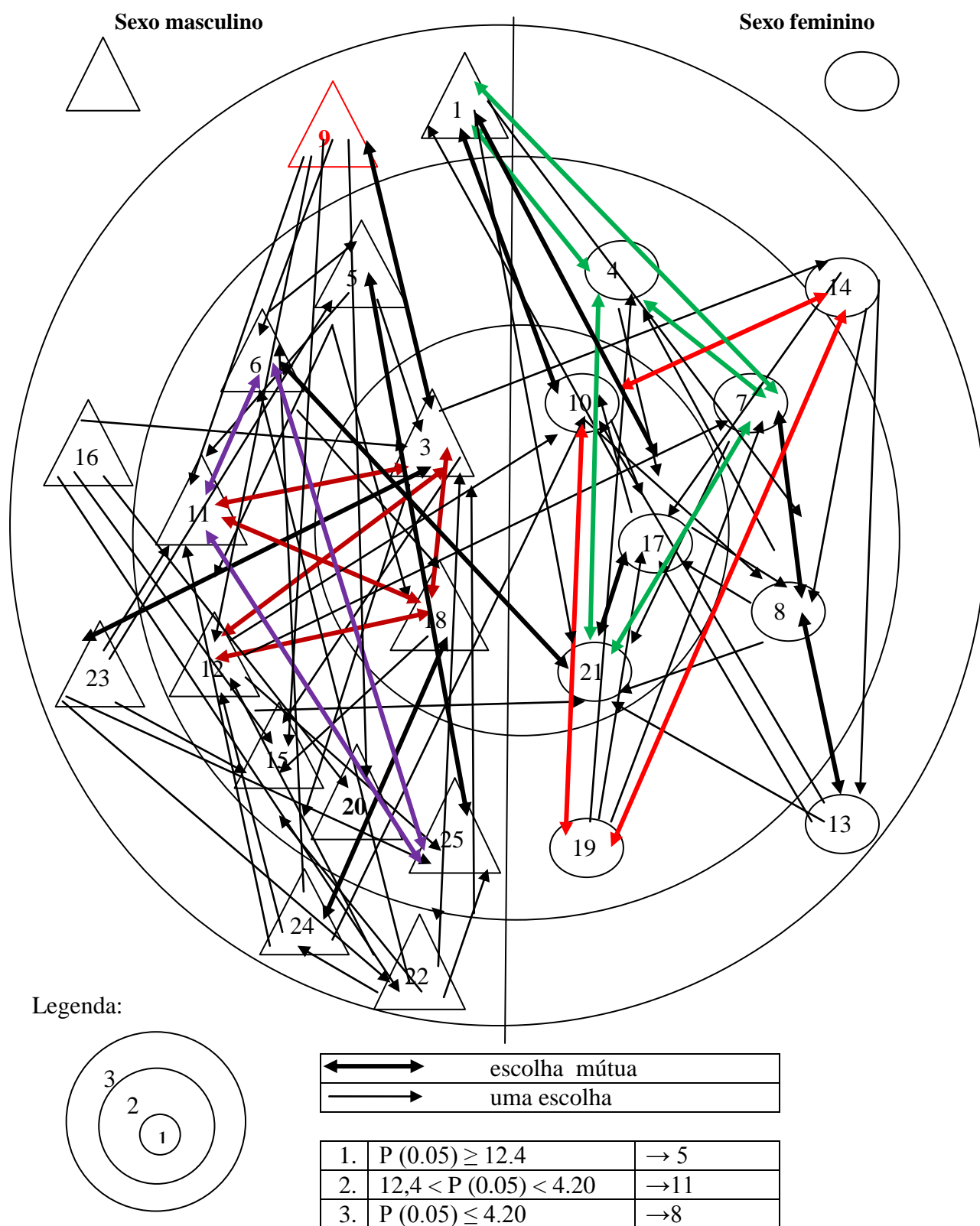
Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste dentro dos 8 dias.

Anexo 8 - Sociograma de Grupo – Escolhas: “chefes”- Dezembro 2009



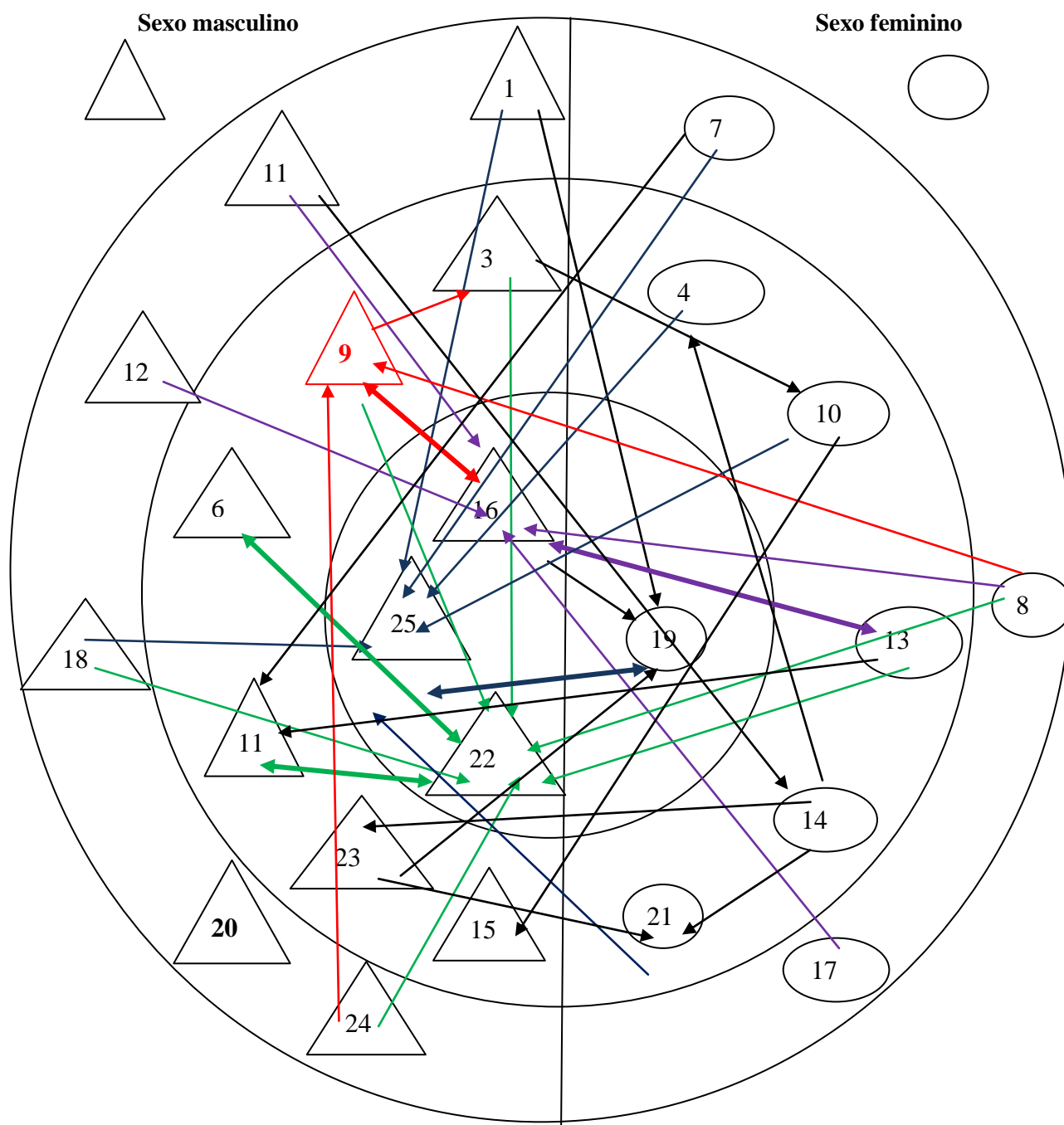
Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste nos 8 dias.

Anexo 9 - Sociograma de Grupo – Escolhas: grupos - Dezembro 2009

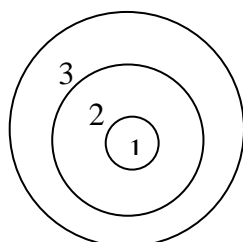


Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste nos 8 dias seguintes.

Anexo 10 - Sociograma de Grupo – Rejeições - Dezembro 2009



Legenda:

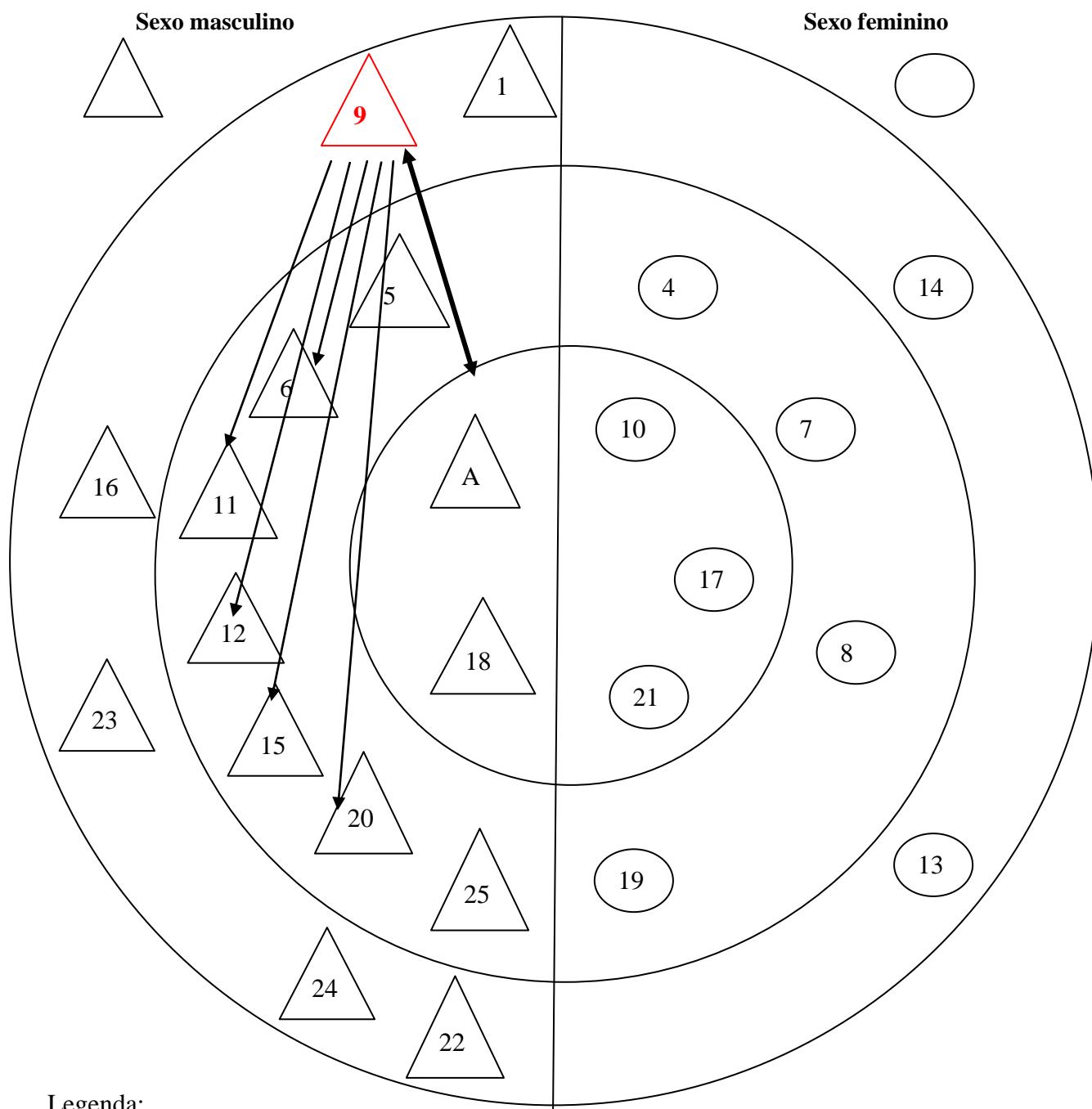


\longleftrightarrow	rejeição mútua
\rightarrow	uma rejeição

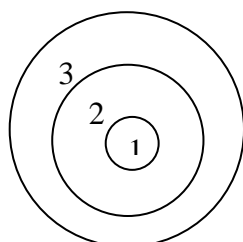
1.	$P(0.05) \geq 5.63$	$\rightarrow 4$
2.	$5.63 < P(0.05) < 0.32$	$\rightarrow 11$
3.	$P(0.05) \leq 0.32$	$\rightarrow 9$

Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste dentro dos 8 dias.

Anexo 11 - Sociograma Individual - Escolhas – nº 9 (Gonçalo) – Dez. 2009



Legenda:

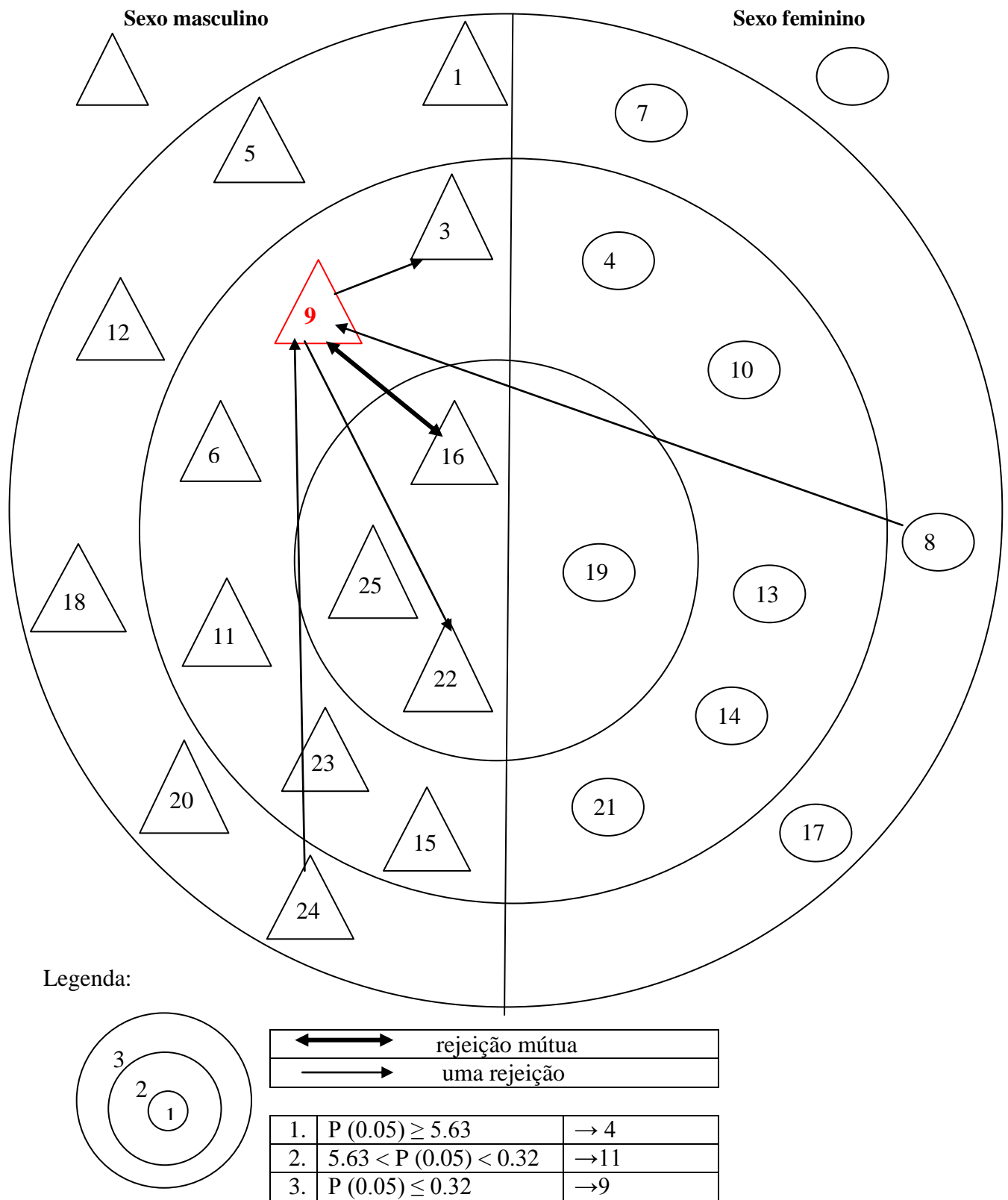


\longleftrightarrow	escolha mútua
\longrightarrow	uma escolha

1.	$P(0.05) \geq 12.4$	$\rightarrow 5$
2.	$12,4 < P(0.05) < 4.20$	$\rightarrow 11$
3.	$P(0.05) \leq 4.20$	$\rightarrow 8$

Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste dentro dos 8 dias.

Anexo 12 - Sociograma Individual - Rejeições – nº 9 (Gonçalo) – Dez. 2009



Nota: O número 16 e 22 faltaram e não foi possível aplicar o teste dentro dos 8 dias.

Anexo 13 - Cálculos para os Sociogramas - Escolhas – Dez. 2009

1.º Número de alunos → $N = 24$

2.º Número total de escolhas → $TE = 194$

3.º Média → $M = \frac{TE}{N} = 8.08$

4.º Probabilidade que cada um tem de ser escolhido → $P = \frac{M}{C(N-1)}$

Observ: $C = n^{\circ}$ de critérios

$$= \frac{8.08}{3(24-1)} \\ = 0.1$$

5.º Probabilidade que cada um tem de não ser escolhido → $Q \quad P + Q = 1$

$$Q = 1 - P \\ Q = 1 - 0.1 \\ Q = 0.9$$

6.º Desvio padrão $\sigma \longrightarrow \sigma = \sqrt{C(N-1) \cdot P \cdot Q}$

$$= \sqrt{3 \times 23 \times 0.1 \times 0.9} \\ = 2.49$$

7.º Grau de obliquidade da curva @ $\longrightarrow @ = \frac{Q - P}{\sigma}$

$$@ = 0.321$$

8.º Valores na tabela de Salvosa $\longrightarrow @$

$\nearrow T = 1.73$
 $\searrow T' = -1.56$

9.º Limite superior $\longrightarrow L S = M + T \cdot \sigma$

$$= 8.08 + 1.73 \times 2.49 \\ = 12.4$$

10.º Limite inferior $\longrightarrow L I = M + T' \cdot \sigma$

$$= 8.08 + (-1.56) \times 2.49 \\ = 4.20$$

Anexo 14 - Cálculos para os Sociogramas – Rejeições – Dez. 2009

1.º Número de alunos $\rightarrow N = 24$

2.º Número total de escolhas $\rightarrow TE = 64$

3.º Média $\rightarrow M = \frac{TE}{N} = 2.7$

4.º Probabilidade que cada um tem de ser escolhido $\rightarrow P = \frac{M}{C(N-1)}$

Observ: C= nº de critérios

$$\begin{aligned} &= \frac{2,7}{3(24-1)} \\ &= 0.04 \end{aligned}$$

5.º Probabilidade que cada um tem de não ser escolhido $\rightarrow Q \quad P + Q = 1$

$$\begin{aligned} Q &= 1 - P \\ Q &= 1 - 0.04 \\ Q &= 0.96 \end{aligned}$$

6.º Desvio padrão $\sigma \rightarrow \sigma = \sqrt{C(N-1) \cdot P \cdot Q}$

$$\begin{aligned} &= \sqrt{3 \times 23 \times 0.04 \times 0.96} \\ &= 1.63 \end{aligned}$$

7.º Grau de obliquidade da curva @ $\rightarrow @ = \frac{Q - P}{\sigma}$

$$@ = 0.564$$

8.º Valores na tabela de Salvosa $\rightarrow @$

$$\begin{aligned} &\nearrow T = 1.80 \\ &\searrow T' = -1.46 \end{aligned}$$

9.º Limite superior $\rightarrow L S = M + T \cdot \sigma$

$$\begin{aligned} &= 2.7 + 1.80 \times 1.63 \\ &= 5.63 \end{aligned}$$

10.º Limite inferior $\rightarrow L I = M + T' \cdot \sigma$

$$\begin{aligned} &= 2.7 + (-1.46) \times 1.63 \\ &= 0.32 \end{aligned}$$

Anexo 15 - Matriz Sociométrica de Grupo – Escolhas - - Junho 2010

		Sexo masculino															Sexo feminino															N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		1	3	5	6	9	11	12	15	16	18	20	22	23	24	25	4	7	8	10	13	14	17	19	21								
Sexo masculino	1								001			002							020	300			113		230	9	6						
	3	322										111											233			9	3						
	5				003		232	300							111				020							9	5						
	6						333								111									222	9	3							
	9		300						103			002	200	001					030	010					020	9	8						
	11		222		303						111					030										9	4						
	12	300	020	003	001					030			010			002			200						100	9	9						
	15		032								100		020	001	010		203				300					9	7						
	16																									0	0						
	18			102	003		220	030								301				010						9	6						
	20	003	231																	300	020			102	010	9	6						
	22	003								222													330		111	9	4						
	23		002							221	110	330	003														9	5					
	24			222	111				333																		9	3					
	25					030			003					311	202	120											9	5					
Sexo feminino	4																		213	321					132	9	3						
	7	010																001		233				300	122	9	5						
	8																		231				312	123	9	3							
	10	002													330						003	111	200	020	9	6							
	13	300																	022	003	230			111	9	5							
	14																		202	300	111			030	023	9	5						
	17	302	111									203								030		020				9	5						
	19																	333		111					222	9	3						
	21											300						003	131	222			010			9	5						
Totais por Critério		425	455	213	215	010	332	221	335	210	221	335	212	112	544	111	002	656	564	472	111	111	764	000	9128								
Totais combinados		11	14	6	8	1	8	5	11	3	5	11	5	4	13	3	2	17	15	13	3	3	17	0	29	207							
N.º de indivíduos por quem cada um é escolhido		8	7	3	5	1	3	3	6	2	2	8	3	3	6	2	2	7	9	8	3	1	9	0	13								

Legenda	1º critério – situação de classe
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério – situação de recreio

Nota: O número 16 não fez escolhas.

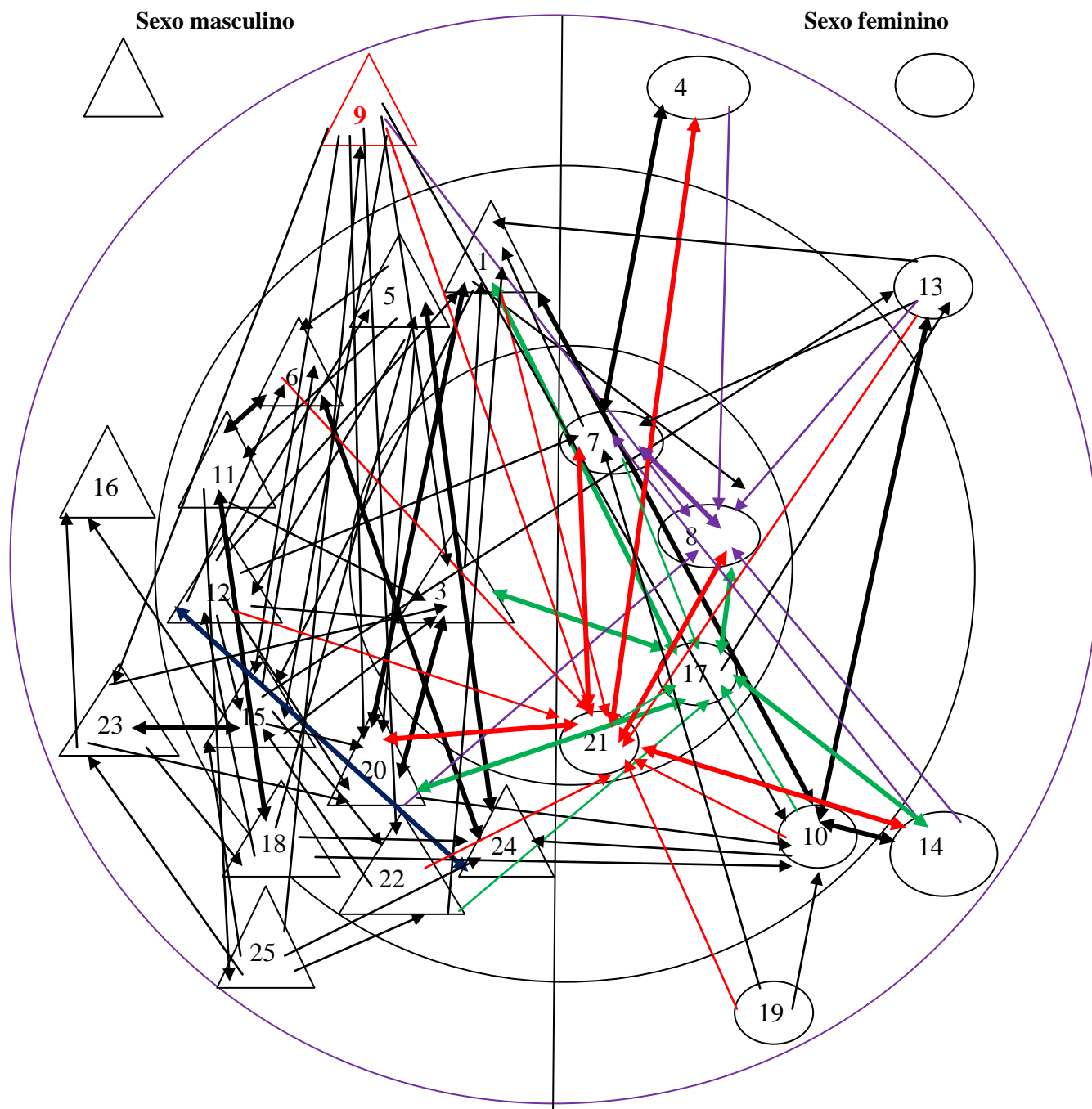
Anexo 16 - Matriz Sociométrica de Grupo – Rejeições - – Junho 2010

		Sexo masculino															Sexo feminino										N.º de escolhas	N.º de indivíduos escolhidos
		1	3	5	6	9	11	12	15	16	18	20	22	23	24	25	4	7	8	10	13	14	17	19	21			
Sexo masculino	1									111																3	1	
	3												111													3	1	
	5									111																3	1	
	6												111													3	1	
	9																			100	001		010		3	3		
	11												111													3	1	
	12															111										3	1	
	15					100		001								010										3	3	
	16																									0	0	
	18										110										001					3	2	
	20															111										3	1	
	22																	111								3	1	
	21						111																			3	1	
	24																111									3	1	
	25																	010				001		100		3	3	
Sexo feminino	4												111													3	1	
	7															001	110									3	2	
	8												010													3	2	
	10																									0	0	
	13						001				100		010													3	3	
	14																									0	0	
	17													010		100										2	2	
	19																									0	0	
	21																	110								2	1	
Totais por Critério		000	000	000	000	212	000	001	000	533	000	010	454	010	000	444	341	000	000	000	100	003	000	110	000	58		
Totais combinados		0	0	0	0	5	0	1	0	11	0	1	13	1	0	12	8	0	0	0	1	3	0	2	0			
N.º de indivíduos por quem cada um é rejeitado		0	0	0	0	3	0	1	0	5	0	1	5	1	0	6	4	0	0	0	1		1	2	0			

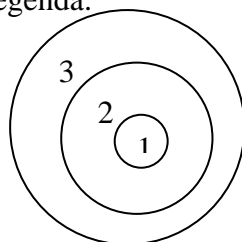
Legenda	1º critério – situação de classe
	2º critério – situação de trabalho
	3.º critério – situação de recreio

Nota: O número 16 não fez escolhas.

Anexo 17 - Sociograma de Grupo – Escolhas – “Chefes” – Junho 2010



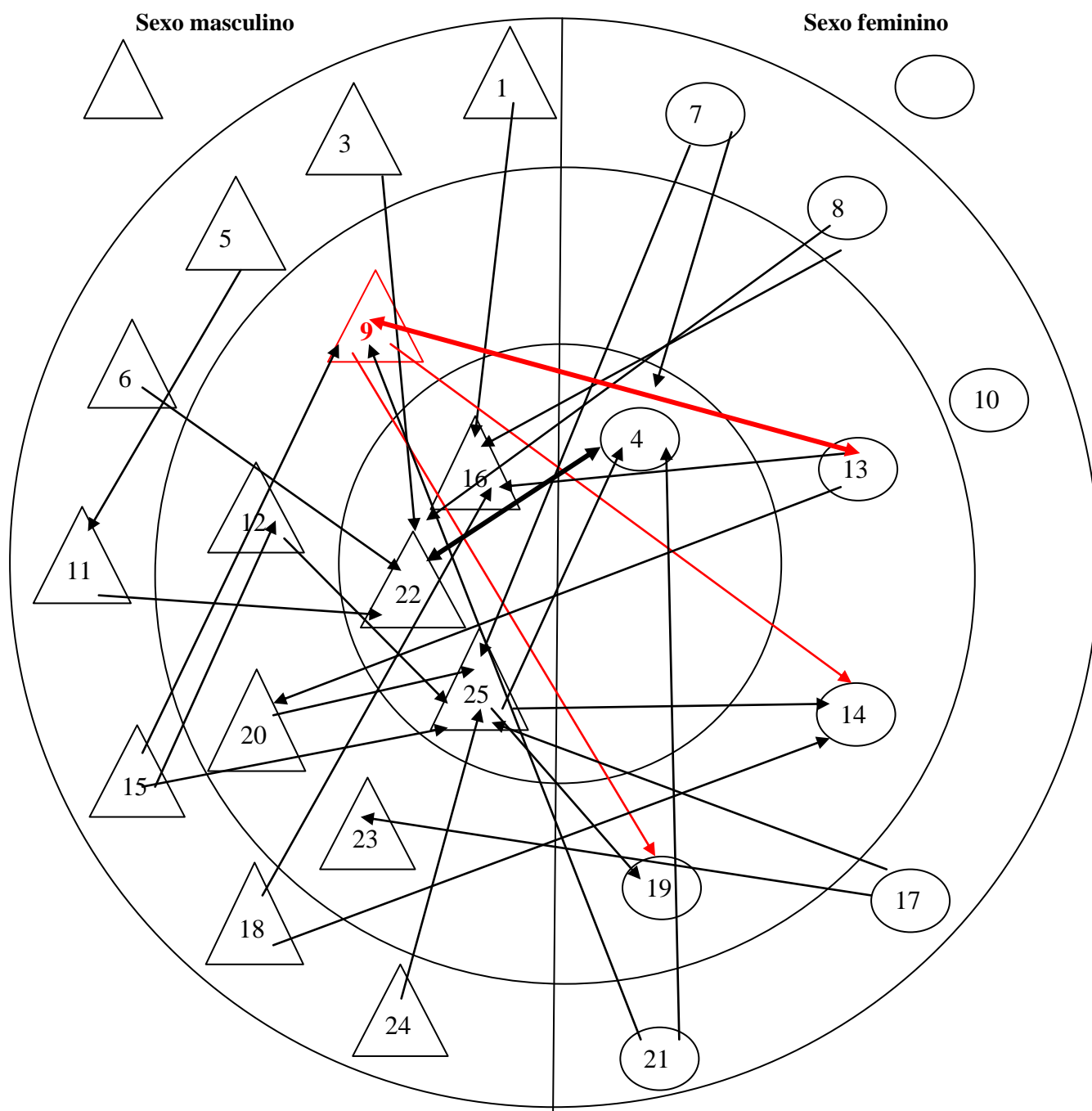
Legenda:



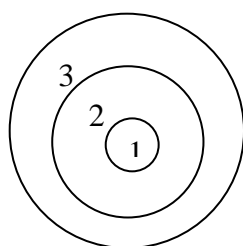
	escolha mútua
	uma escolha

1.	$P(0.05) \geq 13.29$	$\rightarrow 5$
2.	$13.29 < P(0.05) < 4.41$	$\rightarrow 11$
3.	$P(0.05) \leq 4.41$	$\rightarrow 8$

Anexo 20 - Sociograma de grupo - Rejeições



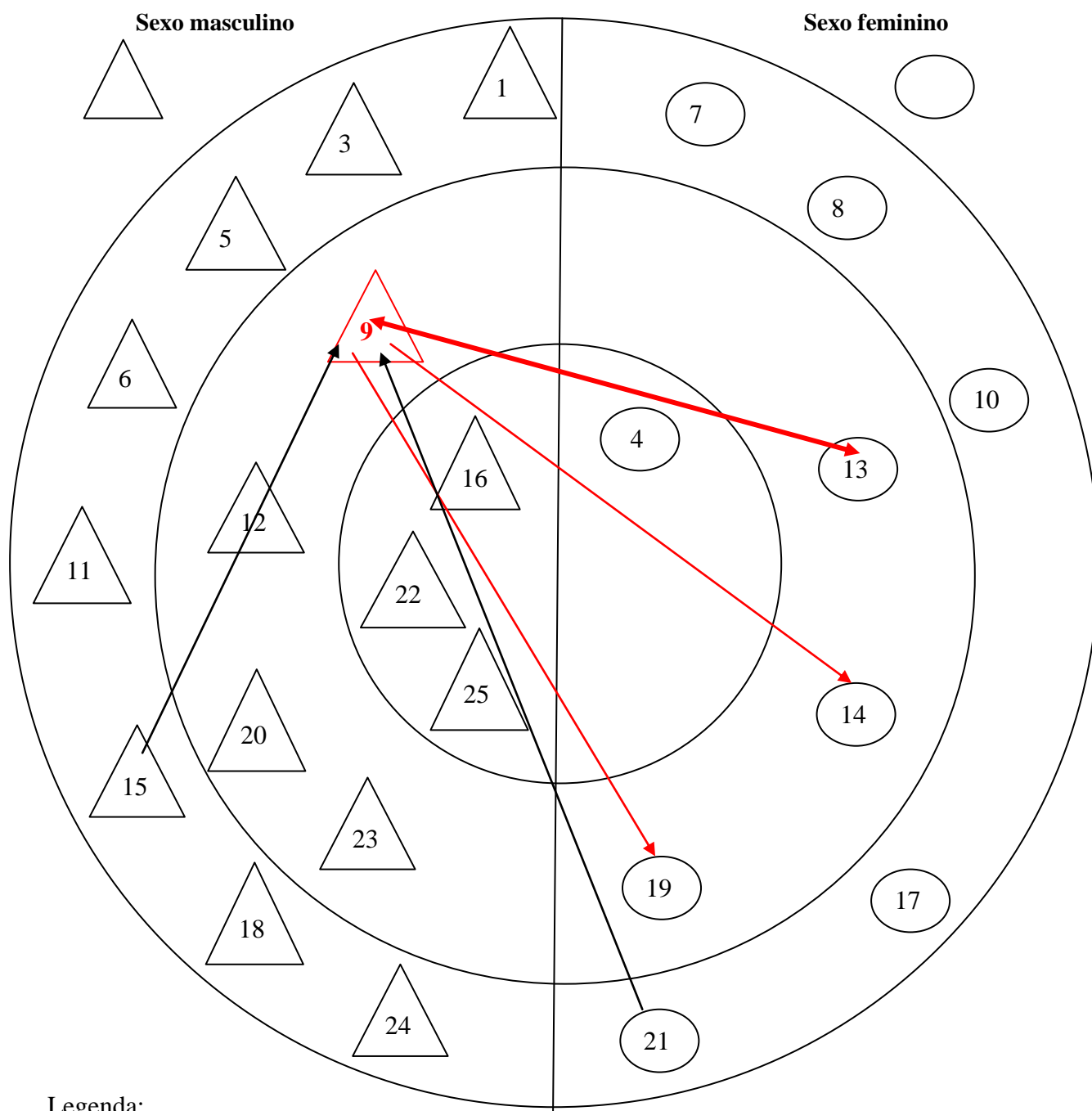
Legenda:



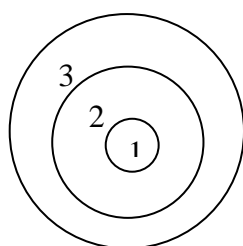
\longleftrightarrow	escolha mútua
\longrightarrow	uma escolha

1.	$P(0.05) \geq 5.35$	$\rightarrow 5$
2.	$5.35 < P(0.05) < 0.04$	$\rightarrow 11$
3.	$P(0.05) \leq 0.04$	$\rightarrow 8$

Anexo 21 - Sociograma individual – Rejeições – Gonçalo – Junho 2010



Legenda:



\longleftrightarrow	escolha mútua
\longrightarrow	uma escolha

1.	$P(0.05) \geq 5.35$	$\rightarrow 5$
2.	$5.35 < P(0.05) < 0.04$	$\rightarrow 11$
3.	$P(0.05) \leq 0.04$	$\rightarrow 8$

Anexo 22 - Cálculos para os sociogramas - Escolhas

1.º Número de alunos $\rightarrow N = 24$

2.º Número total de escolhas $\rightarrow TE = 207$

3.º Média $\rightarrow M = \frac{TE}{N} = 8,62$

4.º Probabilidade que cada um tem de ser escolhido $\rightarrow P = \frac{M}{C(N-1)}$

Observ: $C = n^\circ$ de critérios

$$= \frac{8.62}{3(24-1)} \\ = 0.12$$

5.º Probabilidade que cada um tem de não ser escolhido $\rightarrow Q \quad P + Q = 1$

$$Q = 1 - P \\ Q = 1 - 0.12 \\ Q = 0.88$$

6.º Desvio padrão $\sigma \rightarrow \sigma = \sqrt{C(N-1) \cdot P \cdot Q}$

$$= \sqrt{3 \times 23 \times 0.12 \times 0.88} \\ = 2.70$$

7.º Grau de obliquidade da curva @ $\rightarrow @ = \frac{Q - P}{\sigma}$

$$@ = 0.281$$

8.º Valores na tabela de Salvosa $\rightarrow @$

\nearrow
 $T = 1.73$
 \searrow
 $T' = -1.56$

9.º Limite superior $\rightarrow L S = M + T \cdot \sigma$

$$= 8.62 + 1.73 \times 2.7 \\ = 13.29$$

10.º Limite inferior $\rightarrow L I = M + T' \cdot \sigma$

$$= 8.62 + (-1.56) \times 2.7 \\ = 4.41$$

Anexo 23 - Cálculos para os sociogramas – Rejeições

1.º Número de alunos $\rightarrow N = 24$

2.º Número total de escolhas $\rightarrow TE = 58$

3.º Média $\rightarrow M = \frac{TE}{N} = 2.42$

4.º Probabilidade que cada um tem de ser escolhido $\rightarrow P = \frac{M}{C(N-1)}$

Observ: $C = n^\circ$ de critérios

$$= \frac{2,42}{3(24-1)}$$

$$= 0.04$$

5.º Probabilidade que cada um tem de não ser escolhido $\rightarrow Q$ $P + Q = 1$

$$Q = 1 - P$$

$$Q = 1 - 0.04$$

$$Q = 0.96$$

6.º Desvio padrão σ $\rightarrow \sigma = \sqrt{C(N-1) \cdot P \cdot Q}$

$$= \sqrt{3 \times 23 \times 0.04 \times 0.96}$$

$$= 1.63$$

7.º Grau de obliquidade da curva @ $\rightarrow @ = \frac{Q - P}{\sigma}$

$$@ = 0.564$$

8.º Valores na tabela de Salvosa $\rightarrow @$

$\nearrow T = 1.80$
 $\searrow T' = -1.46$

9.º Limite superior $\rightarrow L S = M + T \cdot \sigma$

$$= 2.42 + 1.80 \times 1.63$$

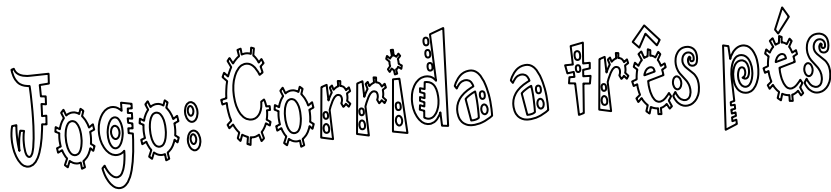
$$= 5.35$$

10.º Limite inferior $\rightarrow L I = M + T' \cdot \sigma$

$$= 2.42 + (-1.46) \times 1.63$$

$$= 0.04$$

Anexo 24 - Jogo e Questionário: “Corrida a três pés”



Nº de crianças: No mínimo, 4 crianças

Material: Cordas

Normas: Os jogadores percorrem, dois a dois, o percurso com os pés atados, vencendo a equipa que terminar primeiro o percurso.

Descrição do jogo:

O jogo inicia com a formação de equipas de dois elementos.

Depois, dentro de cada equipa, os elementos são atados ligando o pé de um jogador ao pé do outro, de modo a que fiquem com três pés, para percorrer o percurso.

Ao sinal de partida, todas as equipas iniciam o percurso, vencendo aquela que finalizar primeiro.

Questionário "Corrida a três Pés"

1- Objectivo do jogo:

2- É um jogo individual ou de equipa?

3- Quantos elementos tem cada equipa?

4- A tua equipa ganhou ou perdeu?

5- Porque pensas que isso aconteceu?

6- Colegas teus não tiveram o mesmo resultado da tua equipa.
Porque pensas que isso aconteceu?

7- É possível ganhar neste jogo quando

8- Procura no dicionário o significado de:

Equipa: _____

Cooperar: _____

Interajuda: _____

Responsabilidade: _____

- Quais destas palavras se relacionam com o jogo "Corrida a três pés"?

Porquê? _____

9- O que aprendeste com esta actividade?

Elementos da equipa: _____ e _____

Anexo 25 - Contrato Pedagógico

Contrato pedagógico

Eu, _____, aluno do __, reunido com o professor e com os restantes elementos da turma, assino o seguinte “contrato”, que me comprometo a respeitar, para alcançar bons resultados no final do ano lectivo.

Assim comprometo-me a:

- ser assíduo e pontual;
- **falar baixo na sala de aula;**
- levantar o dedo para falar e esperar a minha vez;
- ouvir os outros sem interromper;
- levantar-me do meu lugar só com autorização do professor;
- ouvir com **muita atenção** o professor;
- **realizar os trabalhos individuais em silêncio;**
- fazer sempre os trabalhos de casa;
- ter o material escolar sempre limpo e organizado;
- trazer diariamente o material indispensável para um bom desempenho nas aulas;
- circular calma e ordeiramente;
- não arrastar mesas e cadeiras;
- evitar ir à casa de banho durante as aulas;
- entrar ou sair de forma correcta na sala de aula;
- **sair da sala só quando o professor autorizar;**
- ajudar os meus colegas nos trabalhos;
- brincar no recreio com cuidado;
- respeitar os gostos e brincadeiras dos meus colegas;
- colaborar na conservação de todos os espaços;
- assumir a responsabilidade pelos meus actos;
- respeitar as regras em todas as aulas;
- **respeitar colegas, professores e auxiliares;**
 - **na casa de banho**
 - lavar as mãos antes das refeições;
 - manter o espaço limpo;
 - não brincar com a água;
 - **não ficar a conversar com os colegas;**
 - **no refeitório**
 - falar baixo;
 - ficar no lugar durante a refeição;
 - utilizar correctamente os talheres;
 - **manter o espaço limpo;**
 - **e em casa,...**
 - a partilhar com os meus pais as vivências escolares.



Concordo que todos os parâmetros referidos anteriormente, contem para a minha avaliação.

_____, ____ de _____ de _____

O aluno: _____

O Professor: _____

O Encarregado de Educação: _____

Anexo 26 - Avalio o meu comportamento (semanal)

Eu sou capaz...

Avalio o meu comportamento	<u>1 a 5 de Fevereiro</u>					
	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Apreciação global
Sou assíduo						
Sou pontual						
Falo baixo nos trabalhos de grupo						
Oiço os outros sem interromper						
Entro e saio com ordem na sala						
Só me levanto do lugar com autorização						
Completo os meus trabalhos						
Faço os trabalhos de casa						
Distraio os meus colegas nas aulas						
Ajudo os meus companheiros nos trabalhos						
Brinco com os meus colegas no intervalo						
Respeito os gostos e brincadeiras dos meus colegas						
Deixo a sala limpa e arrumada						

ESCALA :	APRECIÇÃO GLOBAL:	OBSERVAÇÕES: (O que necessito melhorar, o que já consegui melhorar, o que vou tentar fazer melhor,...)
sempre,	satisfaz bem,	
nunca,	não satisfaz	
poucas vezes,		
muitas vezes.		

Nome: _____

Anexo 27 - Avalio o meu comportamento (mensal)

Eu sou capaz...

Avalio o meu comportamento	<u>Fevereiro</u>				APRECIÇÃO
	1-5	8-12	18 e 19	22-26	GLOBAL
Sou assíduo					
Sou pontual					
Falo baixo nos trabalhos de grupo					
Oiço os outros sem interromper					
Entro e saio com ordem na sala					
Só me levanto do lugar com autorização					
Completo os meus trabalhos					
Faço os trabalhos de casa					
Distraio os meus colegas nas aulas					
Ajudo os meus companheiros nos trabalhos					
Brinco com os meus colegas no intervalo					
Respeito os gostos e brincadeiras dos meus colegas					
Deixo a sala limpa e arrumada					

ESCALA :	APRECIÇÃO GLOBAL:	OBSERVAÇÕES: (O que necessito melhorar, o que já consegui melhorar, o que vou tentar fazer melhor,...)
sempre,	satisfaz bem,	
nunca,	não satisfaz	
poucas vezes,		
muitas vezes.		

Nome: _____

Anexo 28 - Texto: O Pássaro da Alma

O PÁSSARO DA ALMA

No fundo, bem lá no fundo do corpo, mora a **alma**.

Ainda não houve quem a visse,
Mas todos sabem que existe.
E não só sabem que existe,
Como também sabem o que tem lá dentro.
Dentro da alma,
Lá bem no centro,
Pousado numa pata

Está um pássaro.
E o nome do pássaro é **pássaro da alma**.
E ele sente tudo o que nós sentimos:

Quando alguém nos magoa, o pássaro da alma agita-se para lá e para cá
Em todos os sentidos dentro do nosso corpo, sofre muito.

Quando alguém nos ama,
O pássaro da alma dá pulinhos
De contente,
Para trás e para a frente,
Vai e vem.

Quando alguém nos chama,
O pássaro da alma põe-se logo à escuta da voz,
A fim de reconhecer que tipo de apelo é.

Quando alguém se zanga connosco,
O pássaro da alma recolhe-se dentro de si
Tristonho e silencioso.

E quando alguém nos abraça, o pássaro da alma

Que mora no fundo, bem lá no fundo do nosso corpo,
Começa a crescer a crescer,
Até encher quase todo o espaço dentro de nós,
Tão bom é para ele o abraço.

Dentro do corpo, no fundo, bem lá no fundo, mora a alma.

Ainda não houve quem a visse,
Mas todos sabem que ela existe.
E ainda nunca,

Nunca veio ao mundo alguém

Que não tivesse alma.

Porque a alma entra dentro de nós no momento em que nascemos

E não nos larga

- Nem uma só vez -

Até ao fim da nossa vida.

Como o ar que o homem respira

Desde a hora em que nasce

Até à hora em que morre.

Decerto querem também saber de que é feito o pássaro alma.

Ah, isso é mesmo muito fácil:

É feito de gavetas e mais gavetas.

Mas não podemos abrir as gavetas de qualquer maneira,

Pois cada uma delas tem uma chave para ela só!

E o pássaro da alma

É o único capaz de abrir as gavetas dele.

Como?

Pois isso também é muito simples:

Com a segunda pata.

O pássaro da alma está pousado numa pata,
E com a outra - que em descanso está dobrada sobre a barriga -

Roda a chave da gaveta que quer abrir,
Puxa pelo puxador, e tudo o que está dentro dela

Sai em liberdade para dentro do corpo.

E como tudo o que sentimos tem uma gaveta,

O pássaro da alma tem imensas gavetas.

A gaveta da alegria e a gaveta da tristeza.

A gaveta da inveja e a gaveta da esperança.

A gaveta da desilusão e a gaveta do desespero.

A gaveta da paciência e a gaveta do desassossego.

E mais a gaveta do ódio, a gaveta da cólera e a gaveta do mimo.

A gaveta da preguiça e a gaveta do vazio.

E a gaveta dos segredos mais escondidos,

Uma gaveta que quase nunca abrimos.

E há mais gavetas.

Vocês podem juntar todas as que quiserem.

Às vezes uma pessoa pode escolher e indicar ao pássaro

As chaves a rodar e as gavetas a abrir.

E outras vezes é o pássaro quem decide.

Por exemplo: a pessoa quer estar calada e diz ao pássaro para abrir

A gaveta do silêncio. Mas ele, por auto-recriação,

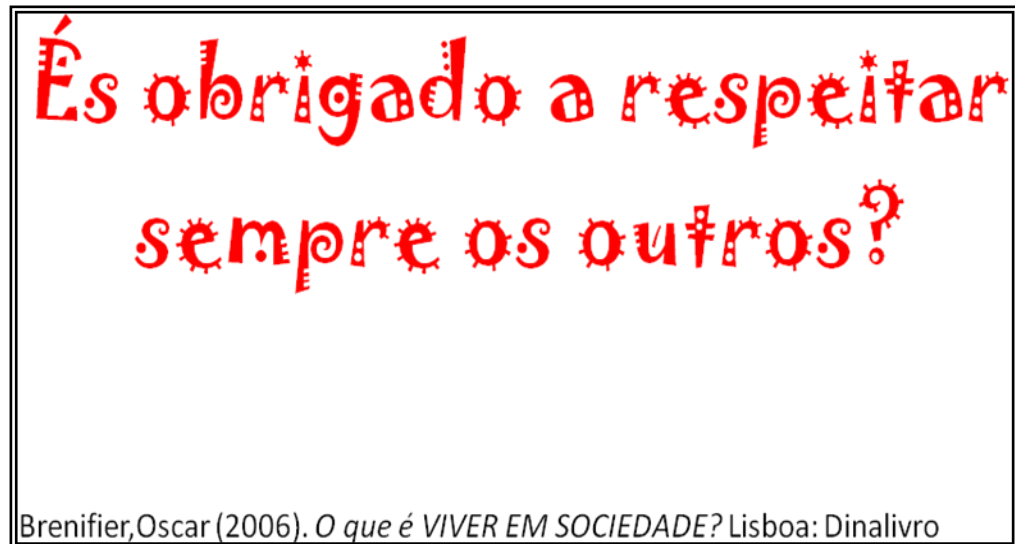
Abre-lhe a gaveta da fala,

E ela desata a falar, a falar sem querer.

Outro exemplo: a pessoa quer escutar
pacientemente
- E em vez disso abre-lhe a gaveta do
desassossego
Que faz com que ela se enerve.
E acontece que a pessoa tenha ciúmes sem
qualquer motivo.
E que estrague justamente quando mais
quer ajudar.
Porque o pássaro da alma nem sempre é
disciplinado
E às vezes dá-lhe trabalhos...
Agora já compreendemos que cada homem
é diferente do seu semelhante
Por causa do pássaro da alma que tem den-
tro de si.
O pássaro que em certas manhãs abre a
gaveta da alegria,
E a alegria jorra dela para dentro do corpo
E o dono dele fica feliz.
E quando o pássaro lhe abre
A gaveta da raiva,
A raiva escorre de dentro dela e
Domina-o totalmente.
E até que o pássaro
Volte a fechar a gaveta
Ele não pára
De se zangar.
E quando o pássaro está de mau humor
Abre as gavetas que dão mal estar.
E quando o pássaro está de bom humor
Escolhe gavetas que fazem bem.
**E o mais importante – é escutar logo o
pássaro.**
Pois acontece o pássaro da alma chamar
por nós, e nós não o ouvimos.
É pena. Ele quer falar-nos de nós próprios.
Quer falar-nos dos sentimentos que estão
encerrados nas gavetas
Dentro de nós.
Há quem o ouça muitas vezes,
Há quem o ouça **raras vezes,**
E há quem o ouça
Uma única vez na vida.
Por isso vale a pena
Talvez tarde pela noite, quando o silêncio
nos rodeia,
Escutar o pássaro da alma que mora den-
tro de nós,
No fundo, lá bem no fundo do corpo.

Autor: **Michal Snunit**

Anexo 29 - Powerpoint “És obrigado a respeitar sempre os outros?”



És obrigado a respeitar sempre os outros?

NÃO RESPEITO NEM OS OS LADRÕES CRIMINOSOS.

Não!



Sim, mas...

ELES! ELES!

Existem homens que não devemos respeitar?

Não respeito!

Com que direito decidimos quem merece ou não respeito?

VAI PEDIR DESOUPA!

Os outros devem deixar de te respeitar quando cometes erros?

Wham! Bam!

Pode-se respeitar alguém sem respeitar os seus actos?

És obrigado a respeitar sempre os outros?

NÃO, PORQUE NÃO POSSO GOSTAR DE TODA A GENTE.

Sim, mas...

Não gosto de ti!

Só deves respeitar as pessoas de quem gostas?

Podes não gostar de pessoas que respeitas?

Batata podre

Às vezes, podes faltar ao respeito àqueles de quem gostas?



És obrigado a respeitar sempre os outros?

SIM, PORQUE SENÃO VÃO PENSAR QUE SOU MAL-EDUCADO.



Sim, mas...



A boa educação não é uma forma de mentira?



Podes faltar ao respeito a alguém sem seres mal-educado?



Podes ter boas razões para ser mal-educado?



Deves preocupar-te sempre com o que os outros pensam?

És obrigado a respeitar sempre os outros?

SIM, PORQUE TODA A GENTE TEM O DIREITO DE SER COMO É E DE PROCEDER COMO QUISER.



Sim, mas...



Devemos tolerar tudo aos outros?



Não devemos dizer às pessoas que respeitamos aquilo que pensamos de verdade?



Respeitar os outros não significa também querer que eles se aperfeiçoem?



A liberdade de cada um é mais importante do que o bem-estar de todos?

És obrigado a respeitar sempre os outros?



Os teus pais pedem-te que respeites toda a gente. Para ti isso é impossível! Só merecem o teu respeito as pessoas de quem gostas e que te respeitam a ti: aos teus olhos, os criminosos e os ladrões não são dignos de respeito. No entanto, não debes respeitá-los enquanto seres humanos? E de que forma debes respeitar o teu próximo? Repara que cada um tem a sua ideia sobre o que é o respeito. Para alguns consiste em tolerar tudo. Para outros confunde-se com a boa educação: é melhor evitar dizer coisas que possam magoar ou parecer malcriadas. O respeito será talvez o limite que nos fixamos a nós próprios, e também aos outros, para podermos viver em sociedade.

Fazer esta pergunta é então...



... dar valor aos outros como gostarias que te dessem valor a ti.



... estabelecer a diferença entre uma pessoa e os seus actos.



...aperceberes-te da forma como as tuas palavras e os teus actos podem atingir os outros.

Anexo 30 - Preparação da visita - Página Web da CML

ESPAÇO A BRINCAR - “Uma Viagem pelos Direitos da Criança”

Departamento de Acção Social - Câmara Municipal de Lisboa

Ao abrigo do artigo 42.º da Convenção dos Direitos da Criança - CDC, “*Os Estados Partes comprometem-se a tornar amplamente conhecidos, por meios activos e adequados, os princípios e as disposições da presente Convenção, tanto pelos adultos como pelas crianças*”. In “Convenção sobre os Direitos da Criança”, Parte II, Artigo 42º, Lisboa, Novembro de 2004.

Este é um Programa dirigido a **Crianças** (6-12 anos), **Jovens** (13-18 anos), e **Adultos** (Técnicos das áreas da infância e juventude).

Porquê?

- Porqu

e as crianças e os jovens têm **Direitos** e **Deveres** que podem e devem conhecer.

- Porque os adultos também devem conhecer esses **Direitos** e **Deveres**

- Porque é preciso conhecer e aprender a defendê-los.

Neste **Espaço**, cheio de magia e surpresa, desvendamos os **Direitos da Criança** de uma maneira divertida e às cores. Acreditamos que é através de dinâmicas, jogos e muita brincadeira que descobrimos quem somos e como podemos fazer valer as nossas **opiniões, respeitando a liberdade** e os **direitos** dos outros. Assim, as crianças, jovens e adultos aprenderão a conhecer-se melhor e a conhecer melhor o mundo que os rodeia.

Participar é a palavra-chave deste Espaço. Nele realizam-se várias **Viagens pelos Direitos** onde se apreende e compreende porque razão é tão importante senti-los, exercê-los, vivê-los e divulgá-los...

Veja aqui o Video do Espaço a Brincar

Horário de Funcionamento:

2ª a 6ª Feira das 9h -12.30h / 14h -17.30h

Contacto para Marcações:

Urbanização Vale de Alcântara, Lotes 4 a 6

Bairro da Liberdade, 1070-165 Lisboa

espaco.brincar@cm-lisboa.pt

Tel.: 21.817 06 50

Anexo 31- Composição: “Uma viagem pelos Direitos da Criança”

Plano de trabalho - Composição – Visitas de Estudo

No trabalho a pares lembra-te que o resultado do trabalho depende da tua colaboração.

Para escreveres uma boa composição, tens de dialogar e entrar em acordo com o teu colega sobre o que vão fazer e como o vão fazer.

Assim, conversa apenas com o teu par, num tom que não perturbe os outros colegas da turma.

O plano que a seguir te apresentamos pode ajudar-te a organizar o texto.

No final, lê o teu trabalho para o teu par e assim podes verificar se há algo a corrigir ou a acrescentar.

Espaço a Brincar – Uma viagem pelos Direitos da Criança

Plano:

Introdução: apresentação geral

- quem foi,
- como fomos
- onde fomos

Desenvolvimento: o que fizemos no espaço que visitámos

- o que fomos lá fazer na 1ª vez
- o porquê de irmos lá pela 2ª vez
- o que fizemos:
 - 1º todos juntos:
 - 2º em grupos
 - 3º: a apresentação
 - 4º: a conclusão do trabalho
 - 5º: a despedida
 - 6º o regresso

Conclusão: a nossa opinião

apreciação geral da visita / mensagem / o que aprendemos/...

Bom trabalho!

Anexo 32 - Os Direitos da Criança

Os direitos da criança - Introdução

Actividade: apresentação da versão simplificada dos Direitos da Criança em Power-Point.

1 - Nesta actividade, o grupo vai preparar a **introdução** da apresentação em PowerPoint dos Direitos da Criança.

2 - A **Introdução** consiste na apresentação geral sobre a Convenção dos Direitos da Criança:

1. Título
2. Data da Convenção dos Direitos da Criança
3. Países que aderiram e países que ainda não adoptaram a Convenção
4. Data de adesão de Portugal
5. O artigo 1º
6. O artigo 2º
7. O artigo 42º
8. Em quantas categorias se divide a versão simplificada para crianças

3 - Na documentação fornecida pelo professor encontram informações sobre estes itens.

4 - Este trabalho durará aproximadamente 20 minutos. Para cumprirem este tempo, o grupo deve, rapidamente:

- dividir as informações a procurar pelos seus elementos,
- escrever, numa folha, uma frase sobre cada informação procurada,
- decidir quem escreve no computador as frases escritas nas folhas,
- escolher as imagens para ilustrar cada direito.

5 - Apresentação dos trabalhos: Cada grupo faz a apresentação do seu trabalho, começando o grupo da introdução.

6 - Após a apresentação, os colegas dos outros grupos colocarão questões, que serão respondidas pelos elementos do grupo que apresenta o tema.

4 - No final, cada grupo fará a sua auto-avaliação e o professor avaliará o desempenho de cada grupo, dando especial atenção às atitudes e ao comportamento

Elementos do grupo:

Auto-avaliação do trabalho de grupo:

	Não Satisfaz	Satisfaz	Bom	Muito Bom
Interesse				
Colaboração				
Trabalho produzido				
Apresentação à turma				
Comportamento				

Anexo 33 - Informação de apoio

<http://www.unicef.pt/>

DIREITOS DA CRIANÇA

Em **20 de Novembro de 1989**, as **Nações Unidas** adoptaram por unanimidade a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), documento que enuncia um amplo conjunto de direitos fundamentais – os direitos civis e políticos, e também os direitos económicos, sociais e culturais – de todas as crianças, bem como as respectivas disposições para que sejam aplicados. A CDC não é apenas uma declaração de princípios gerais; quando ratificada, representa um vínculo jurídico para os Estados que a ela aderem, os quais devem adequar as normas de Direito interno às da Convenção, para a promoção e protecção eficaz dos direitos e Liberdades nela consagrados.

Este tratado internacional é um importante instrumento legal devido ao seu carácter universal e também pelo facto de ter sido **ratificado pela quase totalidade dos Estados do mundo (192)**. Apenas dois países, os **Estados Unidos da América e a Somália**, ainda não ratificaram a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Portugal ratificou a Convenção em 21 de Setembro de 1990.

A Convenção assenta em quatro pilares fundamentais que estão relacionados com todos os outros direitos das crianças:

- **a não discriminação**, que significa que todas as crianças têm o direito de desenvolver todo o seu potencial – todas as crianças, em todas as circunstâncias, em qualquer momento, em qualquer parte do mundo.
- **o interesse superior da criança** deve ser uma consideração prioritária em todas as acções e decisões que lhe digam respeito.
- **a sobrevivência e desenvolvimento** sublinha a importância vital da garantia de acesso a serviços básicos e à igualdade de oportunidades para que as crianças possam desenvolver-se plenamente.
- **a opinião da criança** que significa que a voz das crianças deve ser ouvida e tida em conta em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos.

A Convenção contém 54 artigos, que podem ser divididos em **quatro categorias de direitos**:

- **os direitos à sobrevivência** (ex. o direito a cuidados adequados)
- **os direitos relativos ao desenvolvimento** (ex. o direito à educação)
- **os direitos relativos à protecção** (ex. o direito de ser protegida contra a exploração)
- **os direitos de participação** (ex. o direito de exprimir a sua própria opinião)

Notas: A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma instituição internacional formada por 192 Estados soberanos e fundada após a 2ª Guerra Mundial para manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações amistosas entre as nações, promover o progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos. Os membros são unidos em torno da Carta das Nações Unidas, um tratado internacional que enuncia os direitos e deveres dos membros da comunidade internacional.

Ratificou – aceitou, assinou, ...

Anexo 34 - Plano de trabalho - PowerPoint colectivo

Os direitos da criança

Actividade: apresentação dos Direitos da Criança em PowerPoint

1 - Nesta actividade, cada grupo vai completar a apresentação em PowerPoint da versão simplificada dos Direitos da Criança da sua categoria.

Este trabalho durará aproximadamente 20 minutos. Para cumprirem este tempo devem rapidamente decidir:

- Quem escreve no computador os direitos da criança da vossa categoria
- Escolher as imagens para ilustrar cada direito

2 - Seguidamente, cada grupo faz a apresentação do seu trabalho à turma.

3- Após a apresentação, os colegas dos outros grupos colocarão questões, que serão respondidas pelos elementos do grupo que apresenta o tema.

4 - No final, cada grupo fará a sua auto-avaliação (a avaliação é do grupo – não é individual) e o professor avaliará o desempenho de cada grupo, dando especial atenção às atitudes e ao comportamento.

.....

Categoria dos Direitos da Criança: _____

Elementos do grupo:

Auto-avaliação do trabalho de grupo:

	Não Satisfaz	Satisfaz	Bom	Muito Bom
Interesse				
Colaboração				
Trabalho produzido				
Apresentação à turma				
Comportamento				

Anexo 35 - Plano de trabalho – Composição: Partilhar brinquedos

- 1º - Escrever a história
- 2º - Ler ou expor o trabalho para os colegas da turma
- 3º - Comparar a mensagem de cada história
- 4º - Ficha de Língua Portuguesa

1º - Escrever a história a pares

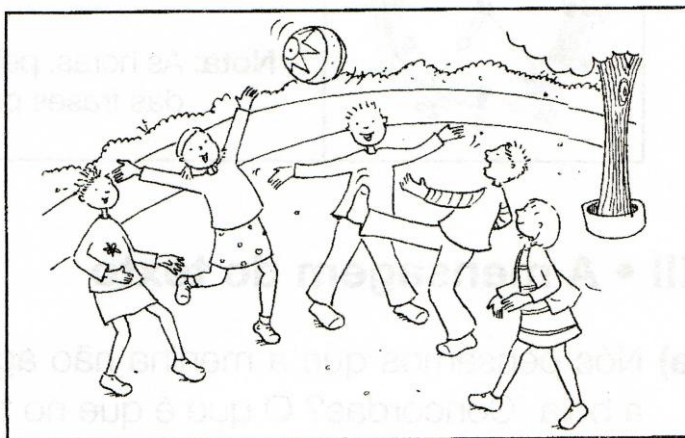
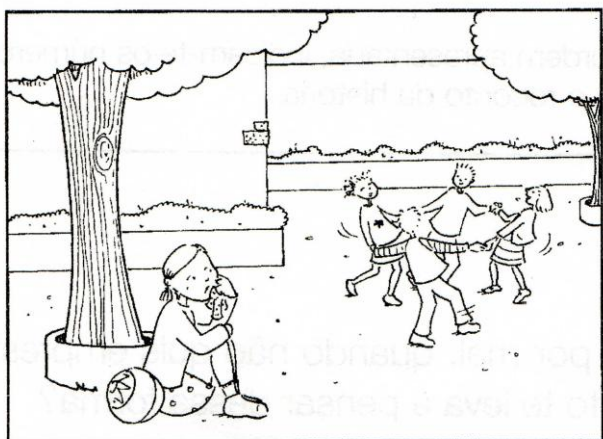
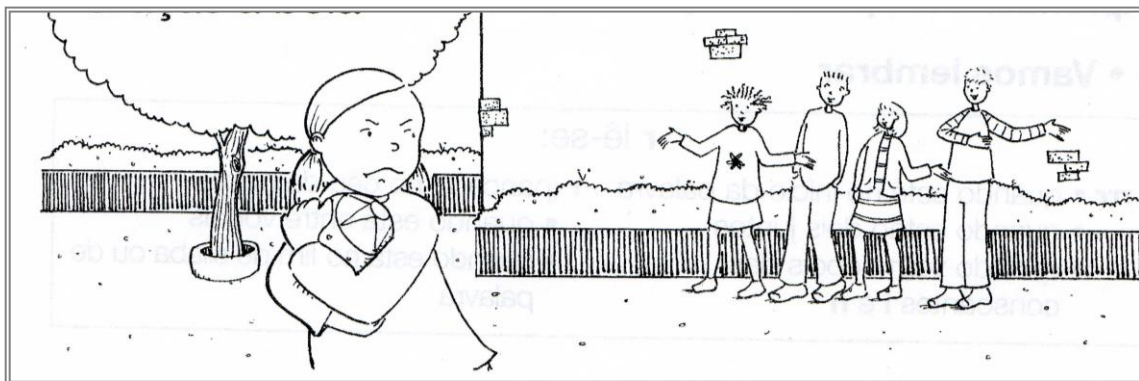
1º - Já sabes que, para realizares um bom trabalho a pares, tens de dialogar e entrar em acordo com o teu colega sobre o que vão fazer e como o vão fazer. Assim, conversando com o teu colega, deves rapidamente:

- 1- Observar os pormenores das imagens
- 2 - Imaginar uma história a partir de todas as imagens
- 3 – Escrever a história: para escreveres a história lembra-te que:
 - uma história divide-se em 3 partes:

Introdução – apresentação geral (personagens, espaço, tempo)

Desenvolvimento – a história em pormenor

Conclusão – a tua opinião sobre a história ou a mensagem que se pretende transmitir (Não te esqueças de lhe dar um título).



Anexo 36 - Texto “Graças à bola” e excerto da ficha de trabalho

I - Texto

Graças à bola

No recreio da Escola aprendemos muito sobre os nossos colegas e sobre nós próprios. Com a brincadeira, os actos são mais espontâneos; torna-se mais fácil avaliar o comportamento de cada um de nós, porque é mais verdadeiro.

Lembro-me bem dos recreios da minha escola quando tinha a vossa idade ...um dia levei para a escola uma bola que me deram.

Estava tão orgulhosa! Carregava a bola debaixo do braço e mostrava-a com uma alegria imensa. Todos quiseram jogar, claro!...

- Atira a bola! Gritavam. – Atira! As bolas servem para jogar!...

Mas eu, carrancuda, respondia:

- Não empresto, é nova e vai sujar-se!...

Os meus colegas ainda insistiram mas acabaram por me deixar sozinha com a bola e foram brincar juntos. Já quase no fim do recreio, farta de estar só, larguei a bola e fui para a roda que os colegas estavam a fazer, no meio de uma algazarra. Ao tentar entrar no jogo, um menino disse-me:

- Vai jogar com a tua bola! A roda é só para nós! ...

Muito surpreendida, respondi:

_ Por que não posso jogar? Também me quero divertir...

_ Não podes, - respondeu outro colega – porque foste egoísta e não nos quiseste emprestar a bola. Agora também não jogas...

Só naquela altura percebi o meu triste comportamento. Pedi desculpa e emprestei logo a bola para jogarmos todos. Foi o máximo!

Afinal a bola permitiu que nos divertíssemos a valer!

Saber partilhar é muito importante! Ainda hoje, quando me lembro deste famoso recreio, só consigo pensar: _ Que vergonha! ...

II - Alguns dos exercícios da ficha de trabalho:

A – Reconstrói a história de forma resumida, seleccionando as frases de acordo com o texto.

1- Autora do texto levou um guarda-chuva novo para a escola, muito colorido.

- 2- Os colegas foram divertir-se uns com os outros, a fazer uma roda. A menina cansou-se de estar sozinha e tentou juntar-se à brincadeira.
- 3- A menina percebeu que tinha feito mal e emprestou a bola de imediato, para todos brincarem juntos.
- 4- A autora do texto chegou ao recreio com uma bola nova, que mostrou aos colegas orgulhosa.
- 5- A bola, de tanto ser usada, acabou por se furar e a dona chorou muito por ficar sem ela.
- 6- A menina não emprestou a bola porque não queria sujá-la e os colegas acabaram por desistir de querer jogar com ela.
- 7- Os colegas da menina decidiram que ela nunca mais iria brincar com ele, de castigo.
- 8- Os colegas não deixaram a menina brincar porque ela também não lhes tinha emprestado a bola.
- 9- A menina disse que só emprestava a bola se todos fizessem o pino. Os colegas gostaram e pediram-lhe para jogar com a bola.
- 10- Como a menina não queria emprestar a bola, os colegas decidiram tirar-lha e jogar na mesma.
- 11- A dona da bola fugiu com a bola debaixo do braço para não a emprestar a ninguém.

B - Mensagem do texto:

- a) Nós pensamos que a menina não agiu por mal, quando não quis emprestar a bola. Concordas? O que é que no texto te leva a pensar dessa forma?
- b) Quando partilhamos, todos enriquecemos um pouco. Comenta esta ideia.
- c) Dialoga com os teus colegas sobre o que cada um pensa acerca da Partilha.

C - Rodeia o valor de que fala o texto: Partilha / Honestidade/ Justiça

Anexo 37 - Avalio o meu comportamento

Avalio o meu comportamento

Neste período participaste em actividades que te levaram a pensar na forma como te relacionas com os colegas da turma, na tua participação nas aulas e em todo o espaço escolar. Certamente que mudaste algo na tua forma de ser e de estar e que ficaste a conhecer melhor alguns colegas da turma.

Assim, pensa um pouco, responde ou completa as seguintes questões:

- 1 – Neste período, trabalhei em grupo ou a pares com _____
- 2 - Eu pensava que não gostava de trabalhar com alguns colegas da turma mas consegui realizar um trabalho com _____
- 3 - Por ter trabalhado em grupo ou a pares fiquei a conhecer melhor os seguintes colegas: _____
- 4 - Ser capaz de trabalhar com qualquer colega da turma é importante/não é importante porque _____
- 5 – As seguintes frases são regras importantes para realizar um bom trabalho de grupo ou a pares.

1- Ler ou ouvir as instruções	6- Participar nos trabalhos
2- Falar um de cada vez	7- Dizer coisas agradáveis
3- Escutar atentamente os colegas do grupo	8- Usar os nomes das pessoas
4- Falar baixo para não perturbar os outros	9- Aceitar as diferenças
5- Partilhar as tarefas	10- Ajudar os colegas

- a) Escolhe uma regra e explica porque é importante respeitá-la.

A regra “ _____ ” é importante
porque _____

- b) A regra que mais me custa cumprir é “ _____ ”
porque _____

- 6 - «Aprendemos uns com os outros» O que significa para ti esta expressão?

Dá um exemplo de algo que aprendeste com algum dos teus colegas.

- 7 – As seguintes regras fazem parte do contrato pedagógico que te comprometeste a cumprir.

Assinala com X as regras em que melhoraste e aquelas que pensas que deves ainda melhorar.

	melhorei	ainda preciso melhorar
ser assíduo e pontual		
falar baixo na sala de aula		
levantar o dedo para falar e esperar a minha vez		
ouvir os outros sem interromper		
levantar-me do meu lugar só com autorização do professor		
ouvir com muita atenção o professor		
realizar os trabalhos individuais em silêncio		
fazer sempre os trabalhos de casa		
ter o material escolar sempre limpo e organizado		
trazer diariamente o material indispensável para um bom desempenho nas aulas		
circular calma e ordeiramente		
não arrastar mesas e cadeiras		
evitar ir à casa de banho durante as aulas		
entrar ou sair de forma correcta na sala de aula		
sair da sala só quando o professor autorizar		
ajudar os meus colegas nos trabalhos		
brincar no recreio com cuidado		
respeitar os gostos e brincadeiras dos meus colegas		
colaborar na conservação de todos os espaços		
assumir a responsabilidade pelos meus actos		
respeitar as regras em todas as aulas		
respeitar colegas, professores e auxiliares		

8 - O que gostarias que melhorasse na tua turma?

9 – Das actividades que realizaste neste período, qual é a que consideras mais importante ou de que mais gostaste? Porquê?

Nome: _____ Data: ____/____/____

Anexo 38 - Texto “Não faz mal ser diferente”

Não faz mal ser diferente



Não faz mal ter um dente a menos (ou dois ou três)
Não faz mal pedir ajuda
Não faz mal ter um nariz diferente
Não faz mal não ter cabelo
Não faz mal ser de uma cor diferente
Não faz mal ter rodas
Não faz mal ser pequeno médio ou grande
Não faz mal ter orelhas grandes
Não faz mal usar óculos
Não faz mal falar sentimentos
Não faz mal querer comer na banheira
Não faz mal não faz mal dizer não às coisas más
Não faz mal vir de um local diferente
Não faz mal ficar corado
Não faz mal ter uma minhoca de estimação
Não faz mal ser adoptado
Não faz mal chegar em último lugar à meta
Não faz mal dançar sozinho
Não faz mal ter orgulho de si mesmo
Não faz mal ter mães diferentes
Não faz mal ter pais diferentes
Não faz mal ter um amigo imaginário
Não faz mal ser simpático para alguém
Não faz mal perder as luvas
Não faz mal ficar zangado
Não faz mal pedir um desejo
Não faz mal ser lambareiro
Não faz mal ajudar um esquilo a apanhar nozes
Não faz mal ser diferente
Não faz mal ter diferentes tipos de amigos

Tu és especial e importante só por seres quem tu és

Com amor Todd Parr

Anexo 39 - Plano de trabalho – composição e desenhos

Proposta de trabalho: Fazer um livro da turma com as composições e os desenhos de cada um.

Para isso é importante que dês o teu melhor na realização destes trabalhos.

1 - Composição

Antes de iniciares o teu trabalho faz o plano da composição.

(Dou-te uma pequena ajuda mas podes e deves fazer o teu plano e pode ser até muito diferente deste:

Plano:

a) Introdução: apresentação geral do tema que vais desenvolver e que deve começar por “Não faz mal...”

b) Desenvolvimento:

-Fala das diferenças físicas que existem nas pessoas – podes dar exemplos pensando nas pessoas que conheces, nos teus amigos e colegas da turma

-Podes falar também das diferentes maneiras de ser

- O que pensas sobre as diferenças –

sé é importante,

se há vantagens ou desvantagens em haver diferenças

- Podes também falar de diferenças que algumas pessoas têm e de que tu gostes de uma forma especial ou que aches engraçado.

- o que é mesmo muito importante que exista entre as pessoas

.....

c) Conclusão

Termina com a tua opinião geral sobre este tema.



Nota:

A composição deve iniciar por: “Não faz mal...”

No fim, apresenta-se com a seguinte frase:

O meu nome é e sou especial e importante porque

Bom trabalho!

Anexo 40 - Desenho – Não faz mal ser diferente

NÃO FAZ MAL SER DIFERENTE

2 – Desenhos:

Completa as frases e ilustra-as.

NÃO FAZ MAL

NÃO FAZ MAL.....

Nome: Data:

Anexo 41- Interpretação do texto “A Pequena Carlota”

A Pequena Carlota

1 - A pequena Carlota fugiu porque _____

2- Carlota esperava encontrar quem lhe desse _____

3 - A Carlota tinha medo de _____

4 - Conversa sobre os **medos** dos colegas do teu grupo de trabalho e

	escreve o seu nome à frente do medo que cada um tem:	o que fazer para não ter menos medo de:
<i>monstros</i>		
<i>escuridão</i>		
<i>tempestades</i>		
<i>pesadelos</i>		
<i>barulhos estranhos</i>		
<i>certos filmes</i>		
<i>ficar sozinho</i>		

5 – Liga: Até chegar à casa do Sr. Refúgio, a Carlota sentiu diferentes formas de rejeição:

mostraram	falta de jeito para lidar com as pessoas	• os caudas de seda
	desconfiança	• os pessoas pobres
	indiferença	• os patrões gananciosos
	discriminação	• os comedores de pedras
	exclusão	• os aldeões

4 - Conversa com os colegas do teu grupo de trabalho sobre situações de rejeição que tenhas vivido ou que tenhas presenciado. Selecciona uma dessas situações e descreve-a.

5 – Achas que alguma vez, mesmo sem intenção, rejeitaste alguém?

6 – Carlota decidiu aceitar a hospitalidade do Sr. Refugio. Achas que fez bem? Porquê?

Grupo de trabalho: _____ Data: _____

Anexo 42 - Texto “A pequena Carlota” com lacunas

A pequena Carlota

Completa :

Carlota pessoas preocupar-se gentil tranqui- la aterrorizada sozinha	<p>A pequena _____ fugiu porque chovia fogo do céu e ninguém parecia _____ com uma menina _____ e _____.</p> <p>Carlota correu e correu e não parou até que chegou a uma cidade _____ e _____. Aí, encontrou duas _____ sentadas num banco que falavam uma com a outra e pareciam contentes.</p>
--	--

fugiu detê-la vaguear viver suplica fome pão orfanato	<p>A pequena Carlota tinha _____. Perguntou-lhes se podia ficar a _____ na cidade e se lhe podiam dar um pouco de _____ ou outra coisa qualquer para comer.</p> <p>“Isto não está nada bem!” – disse um dos aldeões.</p> <p>“Uma criança a _____ e que _____ por comida...alguém tem de fazer algo por ela!</p> <p>Ela devia estar num _____”.</p> <p>Chamaram a polícia para poderem _____, mas a pequena Carlota _____.</p>
--	---

vagueou floresta fome cama musgo quentinha	<p>A pequena Carlota chegou a uma _____ onde encontrou um pouco de comida que a deixou com menos _____.</p> <p>Encontrou também _____ e fez uma _____ macia e _____.</p> <p>A pequena Carlota _____ pela floresta seguindo o seu nariz, até que chegou ao outro lado.</p>
---	---

aborrecidos amigáveis pedras bom embora tristeza diferente	<p>Aí, entrou na terra dos Comedores de Pedras .</p> <p>Eles foram muito _____ e deram a Carlota um conjunto de _____ para comer, mas ela não podia comer pedras. Então, os Comedores de Pedras ficaram _____ :</p> <p>- “Este sítio não é suficientemente _____ para ti? Se não comeres o que temos para te dar, então é melhor ires-te _____ !”.</p> <p>Carlota pensou com _____:</p> <p>- “Eles não gostam de mim porque sou deles _____ !”.</p> <p>E era verdade.</p> <p>Os Comedores de Pedras desapareceram e deixaram-na sozinha.</p>
---	--

<p>Caudas cauda escura pão quente bem-vinda problema tenebrosa</p>	<p>Mais uma vez, a pequena Carlota seguiu, caminhando, e atravessou uma floresta _____ e enorme. À sua frente estava a terra dos _____ de Seda.</p> <p>- “Bem-vinda, _____!” – disseram.</p> <p>E perguntaram o que é que ela desejava.</p> <p>- “Apenas um pouco de _____ e um sítio _____ para dormir!”-, pediu a pequena Carlota.</p> <p>- “Isso não é _____”, - disseram os Caudas de Seda.</p> <p>No entanto, um deles disse com uma voz _____:</p> <p>- “Ela não tem uma _____!”.</p>
<p>exclamaram tranquilizar não pendurar horro- rizados implo- rou suplicou país ajudam</p>	<p>Todos queriam ver a pequena Carlota por trás, e quando viram que, efectivamente, não tinha uma cauda. _____preocupados:</p> <p>-“Não podes ficar connosco, porque _____ tens uma cauda de seda!”</p> <p>-“ Mas isso não importa!” – disse a pequena Carlota para os _____.</p> <p>- “Eu posso _____ uma, ou vocês podem colocar-me uma com um alfinete”.</p> <p>-“Não, não, não, isso não servirá!”-responderam _____os Caudas de Seda.</p> <p>- “Apenas os Caudas de Seda podem viver neste _____”.</p> <p>A pequena Carlota _____e, _____ mas foi inútil.</p> <p>Pensou com tristeza “Eles não me _____ por ser diferente deles!”.</p>
<p>estrada ninho pequena calorosamente delicioso alta mal morto Revolvia-lhe</p>	<p>Uma vez mais, tomou a _____ e, ao chegar ao fim de uma floresta, entrou na terra dos Corvos Cinzentos. Receberam a pequena Carlota _____.</p> <p>Um corvo ofereceu-lhe um _____macio numa árvore _____e um rato _____ para comer. O rato cheirava _____, algo que os corvos consideravam muito _____.</p> <p>Mas a _____ Carlota não queria comer o rato.</p> <p>_____o estômago.</p> <p>E não podia subir à árvore porque esta era muito alta.</p>
<p>voar oferecer-te aconselharam estranha diferente tristeza solução não</p>	<p>“Tens que _____até lá acima”, _____os Corvos Cinzentos. Mas a pequena Carlota _____ podia voar.</p> <p>“Não temos mais nada a _____” – disseram os corvos com _____.</p> <p>Então, Carlota pensou: “Eles não me entendem porque pareço uma _____e muito _____ deles”.</p> <p>Não lhe restava outra _____senão partir novamente.</p>
<p>Terra grandes cómodas comer sobrava animais melhor encontravam abraçavam-se solidão</p>	<p>No final da floresta, Carlota entrou na _____dos Patrões Gananciosos. Eram abastados, viviam em casas _____e _____e tinham sempre o que _____.</p> <p>A comida que _____, deitavam-na fora.</p> <p>Até aos seus _____de estimação desfrutavam da _____comida.</p> <p>Quando as pessoas se _____na rua, _____e cumprimentavam-se com beijos, um em cada face.</p> <p>Mas ninguém abraçou a pequena Carlota, mesmo que a sua _____e a sua fome saltavam à vista.</p>

dormir pediu-lhes en- receu-as ganan- ciosos gritaram doloroso pobres	<p>Timidamente saudou as duas pessoas e _____ algo para comer e um lugar quente para _____.</p> <p>Mas o seu pedido _____!</p> <p>“Sai daqui! Não temos nada para te dar! – _____ os Patrões _____.</p> <p>“Os ricos não sabem o que é ter fome” pensou a pequena Carlota!</p> <p>Tenho de ir pedir ajuda às pessoas _____!</p> <p>Eles sabem como é _____ quando ninguém nos ajuda!”.</p>
--	--

pobres fábricas barra- cões compreender permanecer cho- ver demasiadas	<p>Caminhou em direcção à periferia, onde estão localizadas as grandes _____ e os caixotes do lixo.</p> <p>Ali viviam as Pessoas Pobres, em pequenos _____.</p> <p>“Vai-te embora!”,- gritaram quando viram a estranha menina.</p> <p>“Não podemos ajudar-te! Há _____ pessoas _____ a viver aqui!</p> <p>Não há comida ou espaço suficiente! Tens de _____!”. A pequena Carlota compreendeu que não podia _____ ali.</p> <p>Mas não sabia para onde mais podia ir! E, como se não bastasse, começou a _____</p> <p>...</p>
---	---

homem cidade casa sanduíche come velhas usadas seco cansada	<p>Carlota deixou a _____ e cruzou os campos.</p> <p>De repente, vislumbrou uma árvore enorme.</p> <p>Alguém tinha construído uma _____ com coisas _____ e _____.</p> <p>Um _____ estava à janela a comer uma _____ de queijo.</p> <p>- “Olá! Aproxima-te e _____ um pouco da minha sanduíche de queijo!” Dis- se.</p> <p>“Pareces ter fome e estar muito _____! Descansa aqui, que está e quentinho!”.</p>
--	---

Refúgio amáveis procura viver família convida- da desejasse	<p>- “Quem és?”</p> <p>- Sou o Sr. _____”.</p> <p>- “Oh!”,- disse a pequena Carlota, - “É assim que se chamam as pessoas que são _____ com os outros?” Tenho estado à sua _____ há muito tempo. Se deixar, adoraria _____ aqui consigo e com a sua _____.”</p> <p>Desta forma, a pequena Carlota foi _____ a ficar na casa do Sr. Refúgio todo o tempo que _____.</p>
--	---

Adaptado de Carly de Annegert Fuchshuber, The Femenist Press, New york 1997.

Nome: _____ Data: _____

Anexo 43 - Ficha de trabalho – Diálogo

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

1-

A pequena Carlota fugiu porque chovia fogo do céu e ninguém parecia preocupar-se com uma menina sozinha e aterrorizada.

Carlota correu e correu e não parou até que chegou a uma cidade tranquila e gentil. Aí, encontrou duas pessoas sentadas num banco que falavam uma com a outra e pareciam contentes.

A pequena Carlota tinha fome. Perguntou-lhes se podia ficar a viver na cidade e se lhe podiam dar um pouco de pão ou outra coisa qualquer para comer.

“Isto não está nada bem!” – disse um dos aldeões. - “Uma criança a vaguear e que suplica por comida...alguém tem de fazer algo por ela! Ela devia estar num orfanato”. Chamaram a polícia para poderem detê-la, mas a pequena Carlota fugiu.

Local: _____

Personagens:_____

Diálogo:

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

2-

A pequena Carlota chegou a uma floresta onde encontrou um pouco de comida que a deixou com menos fome. Encontrou também musgo e fez uma cama macia e quentinha. A pequena Carlota vagueou pela floresta seguindo o seu nariz, até que chegou ao outro lado.

Aí, entrou na terra dos Comedores de Pedras. Eles foram muito amigáveis e deram a Carlota um conjunto de pedras para comer, mas ela não podia comer pedras. Então, os Comedores de Pedras ficaram aborrecidos:

- “Este sítio não é suficientemente bom para ti? Se não comeres o que temos para te dar, então é melhor ires-te embora!”.

Carlota pensou com tristeza: “Eles não gostam de mim porque sou diferente deles!”. E era verdade. Os Comedores de Pedras desapareceram e deixaram-na sozinha.

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

_____: _____

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

3-

Mais uma vez, a pequena Carlota seguiu, caminhando, e atravessou uma floresta escura e enorme. À sua frente estava a terra dos Caudas de Seda.

- “Bem vinda, bem vinda!”- disseram, e perguntaram o que é que ela desejava.

- “Apenas um pouco de pão e um sítio quente para dormir!” - pediu a pequena Carlota.

- “Isso não é problema”. - disseram os Caudas de Seda.

No entanto, um deles disse com uma voz tenebrosa: - “Ela não tem uma cauda!”

Todos queriam ver a pequena Carlota por trás e, quando viram que, efectivamente, não tinha uma cauda, exclamaram preocupados:

-“Não podes ficar connosco, porque não tens uma cauda de seda!”

-“ Mas isso não importa!” – disse a pequena Carlota para os tranquilizar - “Eu posso pendurar uma ou vocês podem colocar-me uma com um alfinete”.

-“Não, não, não, isso não servirá!”- responderam horrorizados os Caudas de Seda.

“Apenas os Caudas de Seda podem viver neste país”.

A pequena Carlota implorou e suplicou, mas foi inútil.

Pensou com tristeza “Eles não me ajudam por ser diferente deles!”.

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

_____:

_____:

_____:

_____:

_____:

_____:

_____:

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

4-

Uma vez mais, tomou a estrada e, ao chegar ao fim de uma floresta, entrou na terra dos Corvos Cinzentos. Receberam a pequena Carlota calorosamente.

Um corvo ofereceu-lhe um ninho macio numa árvore alta e um rato morto para comer. O rato cheirava mal, algo que os corvos consideravam muito delicioso. Mas a pequena Carlota não queria comer o rato.

Revolvia-lhe o estômago. E não podia subir à árvore porque esta era muito alta.

“Tens que voar até lá acima” - aconselharam os Corvos Cinzentos. Mas a pequena Carlota não podia voar.

“Não temos mais nada a oferecer-te” – disseram os corvos com tristeza. Então, Carlota pensou: “Eles não me entendem porque pareço uma estranha e muito diferente deles”.

Não lhe restava outra solução senão partir novamente.

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____
_____: _____

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

5-

No final da floresta, Carlota entrou na terra dos Patrões Gananciosos. Eram abastados, viviam em casas grandes e cómodas e tinham sempre o que comer. A comida que sobrava, deitavam-na fora. Até aos seus animais de estimação desfrutavam da melhor comida. Quando as pessoas se encontravam na rua, abraçavam-se e cumprimentavam-se com beijos, um em cada face.

Mas ninguém abraçou a pequena Carlota, mesmo que a sua solidão e a sua fome saltavam à vista. Timidamente saudou as duas pessoas e pediu-lhes algo para comer e um lugar quente para dormir. Mas o seu pedido enfureceu-as!

-“Sai daqui! Não temos nada para te dar! – gritaram os Patrões Gananciosos.

“Os ricos não sabem o que é ter fome” pensou a pequena Carlota! Tenho de ir pedir ajuda às pessoas pobres! Eles sabem como é doloroso quando ninguém nos ajuda!”.

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

6-

Caminhou em direcção à periferia, onde estão localizadas as grandes fábricas e os caixotes do lixo. Ali viviam as Pessoas Pobres, em pequenos barracões.

- “Vai-te embora!”- gritaram quando viram a estranha menina. - “Não podemos ajudar-te! Há demasiadas pessoas pobres a viver aqui! Não há comida ou espaço suficiente! Tens de compreender!”.

A pequena Carlota compreendeu que não podia permanecer ali.

Mas não sabia para onde mais podia ir! E, como se não bastasse, começou a chover...

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

Elementos do grupo: _____

Trabalho de grupo:

1º - Construir um diálogo em que todos os elementos do grupo participem igualmente: um fará de Carlota e os outros de personagens de acordo correspondente parte do texto.

Devem atribuir nomes aos personagens.

2º - Representar o diálogo para os colegas da turma

.....

7-

Carlota deixou a cidade e cruzou os campos. De repente, vislumbrou uma árvore enorme. Alguém tinha construído uma casa com coisas velhas e usadas. Um homem estava à janela a comer uma sanduíche de queijo.

- “Olá! Aproxima-te e come um pouco da minha sanduíche de queijo!” - disse.

- “Pareces ter fome e estar muito cansada! Descansa aqui, que está seco e quentinho!”.

- “Quem és?” Sou o Sr. Refúgio”.

- “Oh!” - disse a pequena Carlota. - “É assim que se chamam as pessoas que são amáveis com os outros?” Tenho estado à sua procura há muito tempo. Se deixar, adoraria viver aqui consigo e com a sua família.”

Desta forma, a pequena Carlota foi convidada a ficar na casa do Sr. Refúgio todo o tempo que desejasse.

Local: _____

Personagens: _____

Diálogo:

Elementos do grupo: _____